ANNO III N. 146
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 12 DE DEZEMBRO DE 1928
Preço para todo o Brasil 1$000

GRACIA MORENA

# Cinearte

Visitem a linda exposição na PERFUMARIA AVENIDA, á Avenida Rio Branco n. 142

# Nas proximidades do Natal:

"ALMANACH DO "O MALHO" PARA 1929

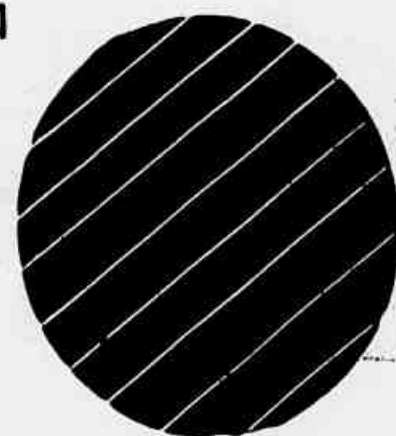
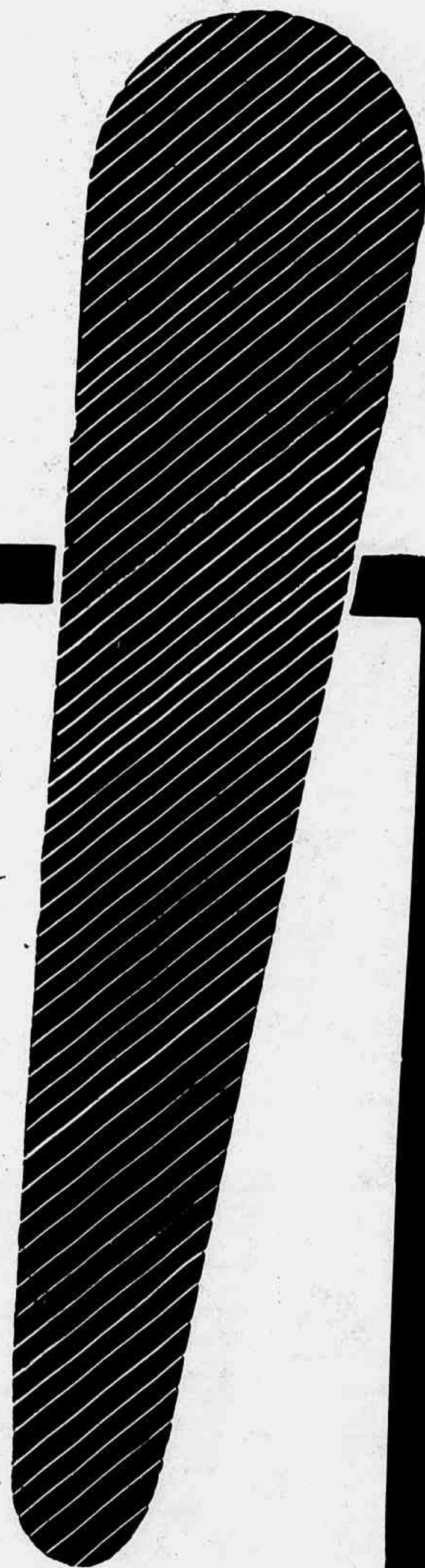
No Rio: 4$500 — Pelo Correio ou nos Estados: 4$500.

"ALMANACH DO "O TICO-TICO" PARA 1929

No Rio: 5$000 — Pelo Correio ou nos Estados: 5$500.

LUXO: "Cinearte-Album" BELLEZA!

No Rio: 8$000 — Pelo Correio ou nos Estados: 9$000.

Faça-nos desde já o seu pedido
Sociedade Anonyma "O MALHO"
Rua do Ouvidor, 164 — RIO.

# Uma viagem a Hollywood...

Depois um passeio á Europa... um automovel lindo da melhor marca... um **bungalow** em Copacabana e um palacete em Petropolis... joias bonitas... tudo isso podereis conseguir com um bilhete de Natal da Loteria Federal.

Dinheiro não dá felicidade a ninguem, mas é bem melhor ser feliz ou infeliz com elle do que sem elle...

# 500 Contos por 48$ apenas...

# "CINEARTE"

*Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"*

Directores: MARIO BEHRING e A. A. GONZAGA

Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$. — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes, 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO. — Rua do Ouvdor, 164. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Norte, 5.402. Escriptorio: Norte, 5.818. Annuncios: Norte, 6.131. Officinas: Villa, 6.247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó nº. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

## ÁS SENHORAS E SENHORITAS

As manchas, as sardas, os cravos e as espinhas do vosso rosto de ha muito vêm dando que pensar. Experimentaram, estou certo, os melhores, mais caros e mais preferidos cremes indicados para esse fim, no entanto, o vosso rosto ou continúa na mesma ou obteve um resultado passageiro.

E' que na maioria das vezes taes manifestações não dependem da pelle simplesmente, onde o crême ou pomada poderia produzir resultado; a causa está justamente no sangue que está reclamando um eliminador de suas impurezas, um depurativo de todas as materias que o viciam, uma vez eliminadas do sangue taes substancias então desapparecem, como por encanto, todas as manchas, sardas, cravos, espinhas, pannos, etc. Notareis uma differença apreciavel no vosso peso, a vossa côr tornar-se-á rosada, desapparecendo por completo essa pallidez constante de vosso rosto. Direis logo — como conseguir cousa semelhante, como purificar meu sangue? Para que não percaes tempo em estar indagando, creio prestar-lhes um beneficio adeantando-lhes que deveis fazer uso de um vidro de Elixir de Inhame Goulart, tomando uma colher depois de cada refeição. Só este saboroso medicamento será capaz de lhes dar o resultado acima referido. Direis ainda — onde encontrarei tal especialidade? Afim de conseguirdes ficar livre desses flagellos da belleza, ainda adeanto-lhe que em qualquer pharmacia ou drogaria o encontrarão. Com um vidro se consegue muitas vezes resultados admiraveis, no entanto ha casos que dependem de um tratamento mais demorado, não sendo sacrificio, dado não só o preço commodo como se consegue engordar consideravelmente em poucos dias. E' de sabor muito agradavel.

# Cinearte

THELMA TODD

A inauguração, cada dia que passa, já não falamos nas grandes capitaes, mas nos menores centros de povoação do paiz, de estabelecimentos especialmente construidos para os espectaculos cinematographicos, é uma demonstração evidente de como em nossa terra se tem desenvolvido firmemente o commercio de exploração de films, dando lucros tão compensadores que o capital, sempre desconfiado, facilmente se applica nessas empresas.

E isso vem ainda uma vez demonstrar a superioridade do commercio cinematographico sobre o theatral.

Raras as cidades brasileiras que possuiam um theatro proprio. Para que?

Aquellas que possuiam theatros e disso se orgulhavam, viam-no fechado 11 ½ mezes no anno, abrindo-se sómente para receber alguns dos tristes mambembes que percorrem o interior do paiz, e mexcursões artisticas (!) com um repertorio manta de retalhos, fraudando os direitos dos autores, alterando ao sabor das conveniencias ou das platéas ou ainda por via da deficiencia do pessoal, o texto das peças representadas, enxertando personagens novos, emfim, collaborando de tal sorte, em uma peça, que ella, ao fim de algumas representações, mercê dessas alterações, tornava-se coisa absolutamente differente do original.

Esses theatros existentes pelo interior, quando não eram proprios municipaes pertenciam a alguma sociedade dramatica, cujas expansões artisticas o tempo se encarregára de extinguir.

E ahi ficavam elles ao tempo, entregues á voracidade dos cupins.

Quando havia mistér de se proceder á sua utilização, eram necessarios serviços de limpeza, retoques, reparos que não raro excediam em valor o preço da transitoria locação.

Hoje, todos esses edificios estão sendo utilizados para exhibições de fitas e naquelles logares em que o Cinema a principio se installou em salas alugadas, já os lucros obtidos permittiram a construcção de predios proprios, feitos com mais gosto, mais arte, mais luxo, mais hygiene, mais commodidades do que seria possivel fazer para um theatro de escassos rendimentos aleatorios.

Ha poucos annos era o Brasil considerado mercado consumidor pouco ponderavel em materia de Cinema.

Era ao tempo em que mesmo no Rio de Janeiro, em materia de salas de exhibição, nós possuiamos apenas e em plena Avenida Rio Branco, os Pathés, Avenidas, Odeons, etc., com capacidade de 300 a 400 espectadores, se tanto.

Começou pelos bairros a transformação e tempo houve em que os Cinemas da rua da Carioca passaram a ser frequentados por espectadores de escól, que fugiam ao supplicio das saletas anti-hygienicas, succursaes do inferno no periodo estival que existiam na Avenida Rio Branco.

Vieram depois aqui, os novos Cinemas da Cinelandia e em S. Paulo, espalhados em vasta área, excellentes salões de exhibição.

Pelo interior do paiz multiplicaram-se os Cinemas e o publico, familiarisando-se mais e mais com essa diversão, consagrou-a definitivamente.

A Argentina, com meia duzia apenas de centros de povoação mais consideraveis, era considerada nos centros productores bem melhor freguez do que o Brasil, em que empresarios sem visão pratica dos negocios se limitavam apenas a ratinhar preços de locação, allegando a ruina eminente desde que houvessem de desembolsar mais alguns dollares pela acquisição de films.

Tudo isso se transformou.

Hoje, o Brasil vem nas estatisticas commerciaes em logar avantajado e os olhares do productor volvem-se com mais attenção, mais curiosidade e quiçá mais sympathia para o nosso paiz.

Aquella lenda de que só viamos films de 2ª ordem extinguiu-se. Aliás, nunca tivera fundamento, porque apesar dos pesares, com maior ou menor demora, tudo o que se produzia de bom aqui vinha ter, embora nem sempre proporcionando os lucros pecuniarios de esperar.

Resumindo, se assim é, se isso acontece, se o Cinema entrou absolutamente, sem contestação nos habitos do grande publico, se cada dia que passa traz-lhe um progresso, se é uma fonte de rendas já para o particular que o explora, já para as differentes modalidades da administração publica que sobre elle faz incidir taxas não pequenas, porque não havemos de cuidar seriamente da implantação dessa industria no paiz.

Mas será sina dos nossos governos e dos nossos capitalistas não verem aquillo que ahi está a entrar pélos olhos de toda gente?

ANNO III

N 146

Lily Damita disse que não permittiria nunca que seu marido, se ella viesse a casar-se, beijasse actriz nenhuma, sob pretexto algum.

Lily assistia, ao lado de Rod La Rocque, a uma scena de amor, interpretada por Vilma Banky e Walter Byron. Olhou abysmada para a calma yankee de Rod e perguntou:

— Você não quer bem a sua mulher?

Rod respondeu-lhe com uma sonora gargalhada:

— Trata-se, apenas, de uma scena de um film.

— Que film, que nada, eu, se fosse você, agarraria logo na garganta do Byron! — e a linda Lily cerrava os punhos, exarltada ainda mais em sua inconfida indignação.

Ralph Graves é o galã de Dolores Costello em "Alimony Annie". Michael Curtiz é o director.

William Nigh dirigirá John Gilbert em "Thirst". Mary Nolan e Ernest Torrence tomam parte.

Renee Adoree, Dorothy Janis e Donald Crisp coadjuvam Ramon Novarro em "The Pagan".

Bebe Daniels quer falar nos fiims, mas a Paramount acha que ainda é cedo para ella.

Por isso, Bebe está tão furiosa que talvez deixe a Paramount, cujo contracto termina daqui ha oito mezes.

# O Presidente Antonio Carlos Visita o Studio da Phebo

HUMBERTO MAURO MOSTRA AO PRESIDENTE ANTONIO CARLOS, O "MEDALHÃO DE "CINEARTE" DE 1927" CONQUISTADO PELA PHEBO. AO LADO, O DR. RAUL MAGALHÃES

Com a visita do Presidente Antonio Carlos aos Studios da Phebo Brasil Film, vem bem a proposito um artigo denominado "Do Cinema e seus aspectos" publicado no ultimo numero do "Mensageiro Paramount", revista que se edita no departamento de publicidade para auxiliar aos agentes e exhibidores na propaganda dos films de Lasky e Zukor.

Trata-se de uma série de elogios ao Cinema Americano e a capacidade dos Estados Unidos. Diz que "ailiação entre o Cinema e o jornal á bem palpavel".

Affirma que "assim como a America conquistou o mundo com o seu Cinema, poderia ter barrado de alguns centros os jornalecos de aldeia que por lá (quer dizer no estrangeiro) vegetam se não fôra a instransponivel barreira das linguas".

Que assim mesmo quando dispuzerem da "televisão no seu auge, em que os acontecimentos desses paizes poderão ser "radiophoticamente" focalizados nas télas da redacção de um dos futuros jornaes, em New York, por exemplo, e ahi, intelligentemente descriptos, illustrados, caricaturados e juntos os acontecimentos colhidos de outras procedencias serem re-emittidos, de volta, aos receptores dos possiveis assignantes desses syndicatos de divulgação, etc. ,etc."

O mundo vae vêr de quantos páus se faz um jornal.

Mais adiante, lê-se o seguinte: "Como organização commercial, o Cinema na America, gosa de tão alto respeito como a industria do ferro, do carvão ou do automovel.

Emquanto isso os productores de pelliculas no estrangeiro estão sempre a clamar pelo "maná do deserto" do apoio official".

Que "a producção de films na America cresceu com difficuldade, por força do seu proprio mistér, com um Adolph Zukor (Presidente da Paramount)... rasgando-lhe cada dia novos horizontes etc. etc".

No departamento estrangeiro da Paramount, em New York, onde se edita a revista, a secção brasileira é a unica que dispõe de uma sala separada, estando as secções dos demais paizes numa sala geral e constituidos apenas por uma mesa. Lá estão José Cunha e Arthur Coelho que aliás acaba de chegar ao Rio, emquanto Vasco Abreu, chefe da secção de publicidade no Rio, foi passar alguns mezes no seu logar, permuta temporaria, aliás muito intelligente. O artigo está sem assignatura. Mas isso não vem ao caso.

Como "Cinearte" não deixa de ser jornal e a sua campanha favorita tem sido a do Cinema Brasileiro, julgamo-nos no dever de fazer algumas considerações a respeito, que poderiam ser mais extensas se não fôra o espaço e a falta de importancia, afinal, dos conceitos ali emittidos.

Se não houvesse a "barreira intransponivel" da lingua, a vantagem seria reciproca. Os magazines de Cinema nos Estados Unidos, por exemplo, que são mensaes e dispõem para leitores de uma enorme população que sabe lêr, não assombram aos que conhecem um pouco de Cinema. Lá, dentro do grande centro cinematographico, dispondo de fabricantes de machinas e tintas do outro lado da rua e annuncios bem pagos, os magazines de Cinema não são assim, sob qualquer ponto de vista, tão inegualaveis...

No Brasil, onde ainda não se vive bem e exclusivamente da penna, já dispomos de algumas revistas que, sem a barreira da lingua, iriam offerecer interessantes opiniões aos americanos... Haveria assim maior tiragem e por conseguinte, mais recursos...

Auxilio do governo bem forte e decisivo, o Cinema Americano tem até hoje. Para o nosso Cinema não queremos nem precisamos de grandes auxilios.

Apenas gostariamos que se acabassem os impecilhos e algumas difficuldades impostas inconscientemente pelo governo que nos Estados Unidos nunca existiram, nem no começo. Lá, o governo fornece uma esquadra para um film mambembe de um daquelles productores do "Poverty Row" e aqui se prohibe filmar num jardim...

Ainda não ha tres mezes, Mr. Hys, Czar do Cinema, verdadeiro ministro do Cinema dos Estados Unidos, esteve em Franca, em longas e successivas conferencias com Herriot ameaçando até os exhibidores francezes, só porque lá se pensou em estabelecer uma "quota" para a entrada dos films estrangeiros.

E tanto conseguiu, que os dez artigos da lei, foram bem modificados.

Aqui mesmo do Brasil, em que o nosso meio industrial cinematographico é insipiente e nunca se tratou sériamente de se organisar sequer uma commissão para solicitar qualquer auxilio do governo, já tem sahido muitas cartas, nós sabemos bem e temos certeza disso, para o norte, bem informativas do nosso mais insignificante movimento cinematographico.

Estamos certos tambem, de que se alguma lei de protecção fôr elaborada, os representantes das firmas estrangeiras, directamente ligados a organização Hays, encontrarão união para um violento protesto...

No Almanach do "Film Daily" de 1928, já se encontra no "A World-Wide Survey": Brasil. Producção: "Very little". Agitação: "None to Speak of. Occasionally from the press". Entretanto, com a excepção dos paizes já reconhecidamente productores como a Allemanha e a França, encontra-se em todos: Producção: Nenhuma. Agitação: Nenhuma. O Brasil, para o "Film Daily" já tem uma "very little", mas já tem uma producção e "occassionally" a imprensa já agita, já dá qualquer alarme...

Mas a verdade é que o Cinema Brasileiro, depois de innumeras tentativas, todas bem explicavelmente fracassadas e apesar de todas as difficuldades, impecilhos, falta de garantia nos contractos de artistas, má vontade de todos os exhibidores e casas importadoras brasileiras como a Agencia Marc Ferrez, Matarazzo e Companhia Brasil Cinematographica, apesar de tudo, existe e progride.

Os leitores poderão duvidar, mas nós que conhecemos bem o nosso meio cinematographico e as intenções sinceras dos elementos de que já dispomos, podemos garantir que este anno foi de grande importancia para o nosso Cinema.

Foi um anno de preparo, de estudo, de verdadeira experiencia e organização como não foi nenhum outro. Teremos uma grande producção, mais breve do que se pensa. A convenção pela qual muito nos batemos não deixa afinal de ser realizada em parte. Assim, nada será mais justo, se o governo vier a completar este grande trabalho, voltando as vistas para este apparelho maravilhoso que em nenhum outro paiz é tão necessario como no Brasil.

O Cinema Brasileiro não quer auxilios directos. Não deseja esse proteccionalismo tolo e até prejudicial que se costuma fazer. Não necessita de ajudas de custo, nem leis para prohibir a exhibição dos films estrangeiros, ou augmentar os impostos para a sua importação. Não, deixal-os entrar...

Se algum dia, obtivermos a supremacia do Cinema, ha de ser com a intelligencia, ha de ser com a qualidade dos nossos films..

Do governo queremos bem pouco. A regularização do imposto do film virgem, por exemplo. Como se sabe, algumas agencias estrangeiras importavam principalmente films de curta metragem, como sendo film virgem.

A Alfandega, sómente para não ter trabalho de installar uma pequena camara escura, achou melhor igualar o imposto do film impresso, com enorme prejuizo para a nossa industria. Aliás, as rendas da Alfandega com este imposto, são tão ridiculas que seria melhor que houvesse logo completa isenção. Aqui diante dos nossos olhos temos duas relações da Alfandega, dos direitos arrecadados com o film virgem.

Em 1925, 61:383$500, apenas. E de Janeiro a Setembro de 1926, 43:772$800. Entretanto, accresce o seguinte.

Um grande numero desses operadores dos chamados films de cavação, têm obtido completa isenção de direito do film virgem para os seus films feitos para o governo.

Quasi sempre vem quantidade maior e o restante é até bem negociado...

E agora, perguntemos:

Que vantagem apresentam estes films naturaes encommendados pelo governo? Onde estão elles? Onde estão os celebres films da Exposição, por exemplo?

Ora, se o governo dispende tanto dinheiro com films inuteis, porque ao menos não offerece um pequeno premio annual ao melhor ou aos melhores films artisticos do anno? Não existem os premios de viagem a Europa?

Não é preciso frizar mais a vantagem do film posado e a inutilidade do film natural. Nós já temos provado isso, por diversas vezes. O povo vae ao Cinema para se divertir.

As cachoeiras do Brasil podem ser muito bonitas. As inaugurações podem ser brilhantes. Mas tudo isso aborrece ao espectador se não fôr dado muito rapidamente num jornal de Cinema.

Ainda se fizessem films sobre determinados assumptos para serem intelligentemente archivados pelo governo, vá lá. Mas films grandes, de sete partes, cheios de "close-ups" de figurões politicos e letreiros bombasticos de elogios a estes mesmo politicos, é bobagem, é inutil. O film posado, parallelamente ao interesse que apresenta, vae fazendo propaganda de tudo. E nós precisamos de propaganda do Brasil para os proprios brasileiros. O Cinema tem um formidavel poder de convicção e os nossos films podiam tratar indirectamente dos nossos grandes problemas.

Podem fazer o que quizerem com o sorteio militar.

A verdade é que a caserna amedronta ainda a maior parte dos brasileiros. Se houvesse um film do genero muito abordado pelos americanos, mostrando a verdadeira vida de um quartel, com um soldado heroe, uma namorada e um villão, este film só bastaria para diminuir os insubmissos. Uma bôa providencia do governo e principalmente para um governo estadual, para começar... Seria uma lei obrigando a exhibição dos films brasileiros.

Bastaria que todos os Cinemas de Minas, por exemplo, fossem obrigados por lei a exhibir um film brasileiro de seis em seis mezes. Mas films julgados exhibiveis e alugueis equivalentes aos dos films estrangeiros.

Depois a obrigação passaria a ser trimensal e assim por diante.

Nós sabemos bem que a maior parte dos nossos exhibidores não querem os nossos films porque nunca os viram e nunca experimentaram a receita que elles podem offerecer.

O Cinema Brasileiro está em tal situação que a sua estabilização depende de pequeninas cousas.

Estia visita que fez o presidente Antonio Carlos aos Studios da Phebo já foi muito. O prestigio da sua presença naquelle Studio fez

(Termina no fim do numero)

O PRESIDENTE ANTONIO CARLOS E SENHORINHA ELSA BARROS QUE O SAUDOU NO STUDIO DA PHEBO

# CINEMA BRASILEIRO

( DE PEDRO LIMA )

FREDERICO ARMANDO VIDAL SERA' AFINAL O SEU NOME MESMO?

Na nossa campanha pelo Cinema do Brasil, temos tido innumeras occasiões de profligar estas escolas de cinematographia, que de quando em vez, surgem para desmoralisar o meio cinematographico, como se todos se podessem confundir nas mesmas intenções.

Por isso mesmo, onde quer que appareça um destes centros de exploração, lá está presente "Cinearte", defendendo o bom nome da nossa filmagem, apontando á policia, e apresentando aos menos avisados, os aventureiros e exploradores que se intitulando professores, fingem ensinar uma arte que só se aprende diante da camera e não é para qualquer um, mas para quem tem coração e temperamento artistico.

Apesar de toda esta campanha que temos feito, não têm sido poucas as escolas que têm apparecido por todo o paiz. E se não fosse a convicção com que nos temos portado, desmascarando todos estes exploradores, hoje o nosso Cinema talvez não existisse, para só dar logar a estes antros, onde se defrauda, e se roubam as illusões dos que imaginam o Cinema, como elle deve ser encarado: com sinceridade, honestamente e num nivel de alevantada moralidade.

Dos diversos centros cinematographicos do paiz, onde mais tem apparecido estes aventureiros, é S. Paulo quem tem a primazia, infestado constantemente por uma casta de directores e artistas dos Studios europeus, que nunca conseguiram siquer entrar em nenhum delles. E mesmo que assim fosse, bastaria que alguem se propuzesse ensinar expressões num salão, para recommendar sua mentalidade artistica.

Isto não significa que no Rio, tambem não tenhamos de quando em vez, quem queira ter a sua escola. Todas, porém, terminam mais ou menos acossadas pela policia, graças a perseverante campanha de "Cinearte".

Ainda agora, existia no Rio a "Regia-Arte-Films", uma escola que cobrando apenas 35 mil réis, facultaria ao alumno diplomado, um ordenado fabuloso. Já no nosso numero 127 de 1º de Agosto do corrente, davamos nota de como a policia daqui resolvera fechal-a. Infelizmente, de tal fórma se houveram seus fundadores, que pouco depois ella continuava funccionando.

Foi então que "Cinearte" resolveu enfrentar de novo os exploradores da "Regia-Arte-Films". O nosso primeiro passo, foi colher algumas photographias existentes na sala da escola. Feito isso, conseguimos os nomes dos seus dirigentes, que se diziam chamar Rodrigo Lewin e Roberto André. Em uma das photographias lia-se claramente "Armando Films".

Ora, em um numero de "La Pellicula de Buenos Aires, haviamos lido que um tal Vidal, da "Armando Films", havia desapparecido repentinamente da cidade, em companhia de uns outros mystificadores, deixando um numero infindavel de victimas.

Entretanto, nem mesmo nas carteiras de matricula dos alumnos, vimos o nome de Vidal, que ali era assignado como um tal Jules Lepre.

Finalmente, endereçando todos os queixosos que nos procuravam á 4ª auxiliar, conseguimos que o delegado Dr. Pedro Ribeiro de Oliveira, tomasse decisivas providencias.

Em pouco, tudo se esclareceu como devia. Presos todos da quadrilha, verificou-se então, que Roberto André ou Rodrigo Lewin, não é outro senão um tal Francisco Casales. Soube-se tambem que Jules Lepre é a autonomasia de Raymunda Josephina Eugenia Lepre Vidal, esposa de Frederico Armando Vidal, o tal foragido de Buenos Aires e responsavel pela escola da Praça Tiradentes.

Num esforço de reportagem, conseguimos mais algumas photographias de que os mystificadores se serviam para ludibriar os palpavos e averiguar ainda o seguinte: chegados a cerca de dois annos a Buenos Aires, intitulando-se representante de uma empresa hespanhola e da "Regia-Arts-Films Corp.", de New York, elles se haviam estabelecido a dois quarteirões da Estacion del Once. Com o desenvolvimento da escola, mudaram-se para a Avenida La Plata, para um Studio que ali existia fechado, d'onde vieram emfim para esta capital.

E como no Rio a policia é um facto, prosegue na 4ª delegacia auxiliar o inquerito mandado instaurar, com o depoimento das victimas, sendo provavel a expulsão do paiz de todos os culpados, e dando deste modo um exemplo para todos aquelles que ainda julgam ganhar dinheiro defraudando o publico, sem nenhuma responsabilidade e sem nenhum outro fito que o seu proprio proveito monetario.

Liquidado pois este caso no Rio, volvemos para S. Paulo, que, quando da nossa ultima visita estava quasi dominada por centros desta especie. Fizemos até nesta época, uma reportagem de sensação, illustrando o artigo com photographias dos principaes responsaveis por tal estado de cousas.

A nossa primeira visita foi a S. Paulo Ideal Film, da qual era professor José Pedro e seu proprietario Manoel Bosia. Encontramos lá tudo mudado, como aliás já haviamos dado ligeiras noticias antes.

Assim é que, José Pedro tendo sahido da S. Paulo Ideal Film, levou com elle varios dos seus alumnos, e, cotizando-se todos entre si, conforme pudemos constatar, estão fazendo um filmsinho intitulado "O Transito".

Por sua vez, Manoel Bosia, já tendo contractado os trabalhos de Remo Cesaroni, refilma "Odio Applacado" e enceta o verdadeiro caminho dos que querem verdadeiramente fazer alguma cousa de Cinema. Sobre estes films falaremos nas nossas impressões de S Paulo. Mas o que não resta duvida, é que já agora só temos a louvar estas iniciativas, que embora um pouco tarde, sempre chegou a tempo de resguardar os seus responsaveis.

Diz Manoel Bosia que seu intuito, fundando a escola, foi uma sincera vontade de cooperar pela nossa filmagem. Desconhecia por completo a engrenagem cinematographica, dahi a resistencia que oppoz a "Cinearte". Finalmente comprehendeu que estava errado e se decide a fazer films de enredo, mantendo o nome de S. Paulo Ideal Films, mas acabando de vez com as aulas e os alumnos.

As outras fracassaram, como a "Imperial" de Miguel Fiorito, a "Brazilian", o "Elemento Artistico Cinematographico" de Antonio Tagliaferri, a "Itatiba" que começou fazendo "Roubo e Criminalidade" baseado num furto de um soldado da Força Publica, film este confiscado pela policia, o que induziu seus directores a fundarem a "Anhangá", promettendo filmar "Tronco do Ipê", e acabando em escola e terminando por quebrar tambem.

E como estas, todas as demais.

Finalmente, S. Paulo e Rio estão livres destas escolas, que tanto mal têm feito ao nosso Cinema. Basta dizer que hoje, em S. Paulo, onde ellas foram em grande numero, é difficil convencer-se uma moça a ingressar nos nossos films, e no emtanto, foi lá onde existia a maior facilidade para isso, havendo elementos extraordinarios de bôa vontade, aptidões artisticas admiraveis, typos para Cinema de fazer enlouquecer uma Joan Crawford...

Moralizemos de vez a nossa filmagem, e, quando alguem ainda apparecer se propondo ensinar alguem a ser artista, não se esqueçam de passar antes pela policia, porque Cinema é Cinema e não centro de explorações de uma Arte que é honradamente séria.

(Termina no fim do numero)

A CARTEIRA DE UM DOS ALUMNOS DA "REGIA-ARTS-FILMS BRASILEIRA"...

CARTEIRA DE IDENTIDADE DOS ARTISTAS

— DA —

Regia-Arts-Films Brasileira

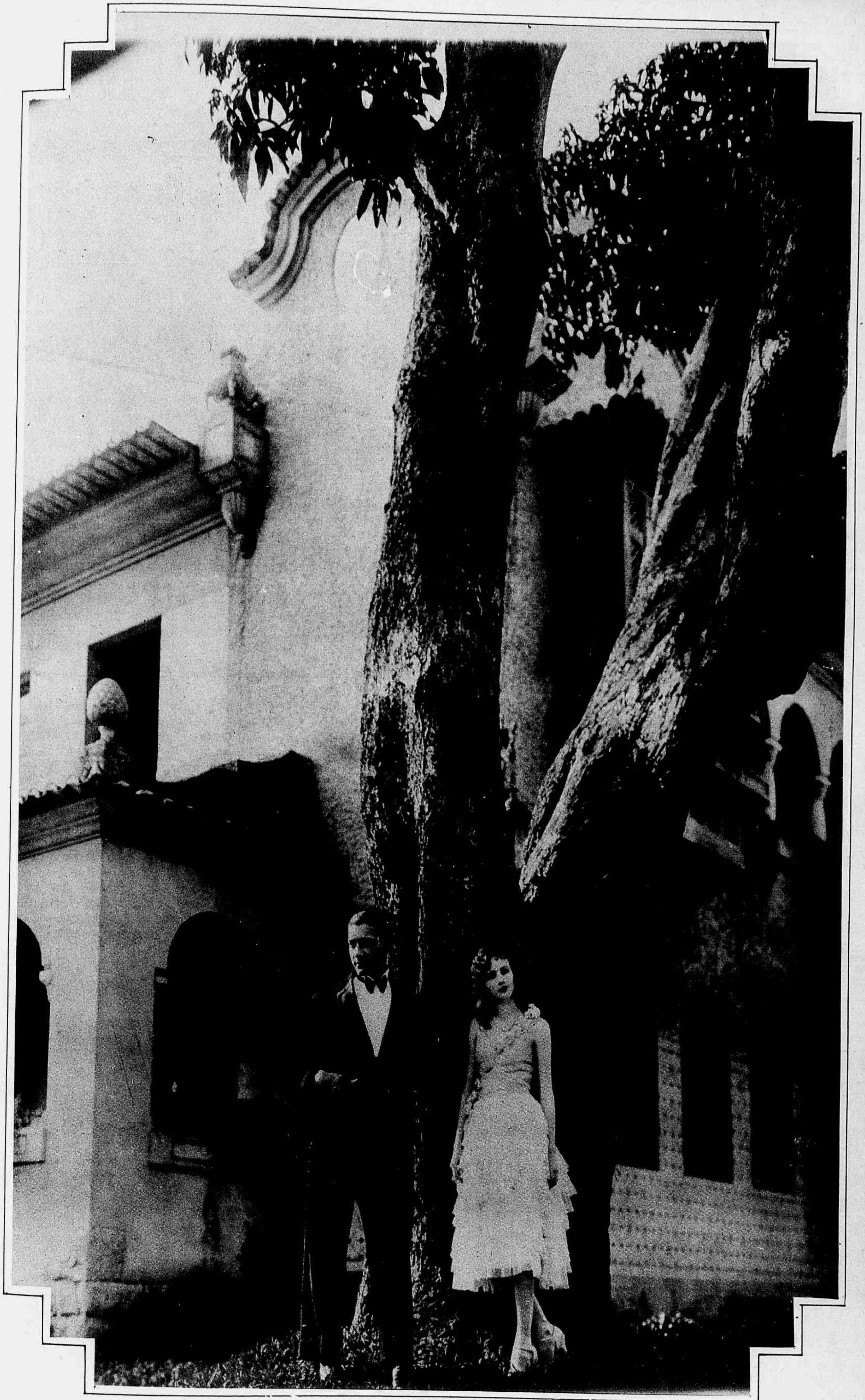
Garantimos com a presente Carteira que o Snr. ... fica approvado e definitivamente inscripto no nosso registro para trabalhar como artista de cinema.

Rio de Janeiro, ... de ... de 192...

GERENTE

ASSIGNATURA DO ARTISTA

Categoria do artista ... F

A presente carteira só tem valor por 6 mezes.

EVA NIL E REYNALDO MAURO NUMA SCENA DE "BARRO HUMANO"

**RUTH TAYLOR**

(DESENHO DE JOSÉ LUIZ TEIXEIRA)

MARY DORAN E
DOLORES BRINKMAN

LEILA
HYAMS

# PERGUNTA-ME OUTRA...

PELAGIO (S. Leopoldo) — Aos cuidados de "Cinearte".

PIRALHO (Recife) — Não é, mas é, entendeu? Já temos explicado isso, varias vezes.

ALFREDO (Rio) — O seu retrato já foi para o nosso archivo. E' o que podemos fazer.

R. VALENTE (Rio) — Faz muito bem, é isso mesmo. 1°) Uns 100 dollares, mais ou menos. 2°) Não tenho. 3°) Ha um anno. 4°) Ainda não se sabe.

RONALD (Santos) — Lia, Fox Studios, Western Ave, Hollywood, Cal.

LIN CHANG (S. Lourenço) — Já foi publicada.

SPORTSMAN (Rio) — Já lhe respondi. Valentino, 1 metro e oitenta. De George, não sei. Conforme, depende de um pistolão. O primeiro film de Lia já deve estar a caminho

COELHO (Rio) — Evelyn e Clara, Paramount Studio, Marathon Street, Hollywood, Cal. Lia e Maria, Fox Studio, Western Ave, Hollywood, Cal. Dolores, Tec Art Studio, Melrose Ave, Hollywood, California.

George O'Brien, Lois Moran e Sue Carol estão no elenco de "False Colors", da Fox.

William De Mille tambem firmou um contracto com a M. G. M. Vae dirigir films falados.

E. Everett Horton, Raymond Hatton, Sam Hardy e Lois Wilson firmaram contracto com a Christie para films falados!

Claire Windsor e Jane Winton apparecerão em "Captain Lash", ao lado de Victor Mac Laglen.

Lina Basquette e Ricardo Cortez apparecerão em "The Younger Generation", que Frank Capra dirigirá para a Columbia.

RAYMOND GILBERT (Rio) — 1°) Aos cuidados desta redacção. 2°) Sim. 3°) Exigem apenas que não sejam baixos. 4°) Quando houver motivo.

R. BARROS (S. Paulo) — Barry Norton, Paramount Studio, Marathon Street, Hollywood, Cal.

WESMINGOS (Sorocaba) — Você não deixa de ter sua razão, mas não pense que não damos importancia a esses casos. Não, pelo contrario! Mas sabe, ainda não ha tempo! "Homem primitivo" já sahiu ou não passou aqui.

OSTTWEL (Pedra Amarella) — 1°) O preço de "Cinearte" é de mil réis para todo o Brasil. 2°) E' escrever, pedindo. 3°) Sim, solteira. 4°) Mas de que banhistas? 5°) Sim, você poderá realizar...

ZID COLMAN (S. Paulo) — Nada tem a agradecer. Ri-me muito com a historia dos "bifes". Você já póde escrever. Estão todos lá em Hollywood, sim. "Cinearte", mesmo, já publicou o retrato delles. Sim, Lily é tão encantadora que já não será mais "leading-lady", passará a estrella. Póde enviar o artigo.
I hope to see you again!

SARY (S. Paulo) — Referia-me a Lia Torá. Tem dois filhos e são gemeos: Mario Julio e Julio Mario. Aliás, sahiu Tullio, por engano, um dia desses.

HAGA (Minas) — Por que não se dirige directamente a Humberto Mauro?

JULIO AZEVEDO E MARIETTA MEZES (Christina) — Os meus parabens!

ROSIE COHEN

LESLIE FENTON

**Joan Crawford**
e
**Johnny Mack Brown**

# O PAE DE "BLANCHE MEHAFFEY VIVE NO BRASIL"!

Ella não tem o renome de Pola Negri, com o poema dos seus olhos negros, nem o prestigio de Dolores Del Rio com toda a vibração dos seus nervos. Mas tem, em abundancia, um mundo de encantos irresistiveis que a gente não sabe definir bem, porque emquanto no seu corpo ha muito mais de santa. Como uma menina que ainda brinca com as bonecas e não conhece ainda os peccados que enchem o mundo de maldade, Blanche Mehaffey é uma das "estrellas" que scintillam no firmamento, nem para todas azul, de Hollywood.

Artista de raça, temperamento privilegiado e sobretudo uma grande vocação, ella possue as raras qualidades que se fazem exigir para os miores triumphos na téla, tão ingrata para uns como generosa para outros, como se sobre ella existisse uma coruncopia de revezes e felicidades...

Alvo da predilecção de uma parte do publico de New York e do sul do paiz, onde seus trabalhos sao mais conhecidos. Blanche Mehaffey encanta pela sua figurinha mimosa e pela naturalidade impressionante dos seus gestos e attitudes. E, inconfundivel, assim, pela sua simplicidade na vida real que ella transporta para a scena com fidelidade espantosa. Blanche vive em Hollywood, na sua pequena côrte de admiradores, sorrindo, feliz, por ter transformado o seu grande sonho côr de rosa, realidade!...

Pois foi lá mesmo, nesse mundo de illusões que d'aqui sonhamos tão differente, que A. de A. Gonzaga, quando em viagem pelos Estados Unidos, foi encontral-a. E no decorrer da palestra que entretiveram, ella se referiu ao Brasil com as phrases mais carinhosas e cheias de sympathia, explicando que tinha um grande amôr por esta terra por viver nesta terra o seu maior amôr.

UMA DAS MAIS INTERESSANTES POSES DE BLANCHE MEHAFFEY

A PHOTOGRAPHIA QUE BLANCHE ENVIOU AO SEU PAE NO BRASIL, POR INTERMEDIO DO DIRECTOR DE "CINEARTE"

**Noivo? Não. O seu velho pae, um coração bondoso e uma cabecinha cheia de neve.**

**E com um retrato, um aperto de mão gentil e um recado interessado, o nosso companheiro deixava a grande cidade das esperanças e das glorias, e partia para a nossa, das maravilhas e sonhos...**

**Quando annunciamos ao Dr. Mehaffey a missão que nos levava ali, ao seu amplo consultorio, á rua da Assembléa, 100, julgamos que seus olhos se enchessem de curiosidade e suas mãos tremessem de enthusiasmo ao mesmo tempo que seu rosto se vestisse da mascara da mais viva alegria. Mas, derrubando todas as nosas risonhas expectativas, elle, a physionomia imperturbavel, curvou a**

cabeça uma velha e, glacial, sem gestos, quasi sem tremer os labios disse:

— Muito obrigado!...

E recebendo a photographia que Blanche Mehaffey lhe enviara pelo nosso companheiro poz-se a olhal-a, friamente, sem revelar a mais logica emoção. Cinco minutos elle assim se deixou ficar, silencioso, indifferente ás regras da cortezia, dando-nos tempo a que reparassemos no contraste gritante dos cabellos brancos que lhe cobrem a cabeça com o seu rosto de menino, liso e sem nenhum sulco revelador dos seus cincoenta annos. Os olhinhos muito azues, as mãos pequenas e brancas, na roupa branca que vestia, davam a impressão de um collegial antes de entrar no pateo de recreio....

Receiosos de que o silencia em que elle mergulhara se prolongasse indefinidamente, o despertamos da muda contemplação, com uma pergunta. E elle, como respondendo ás proprias cogitações, falou, sem nos responder:

— Ella, agora, cortou os cabellos!...

— Uzava-os, então, compridos?

— Sim senhor...

E, sempre irritantemente calmo, avançou para um armario branco, abriu-o e voltou, mostrando-nos um outro retrato de Blanche...

Agora, convidando-nos a sentar, nos elucidava a indagação curiosa:

— Vivo no Brasil ha 18 annos e não troco esta terra por outra.

E, vencida uma pausa:

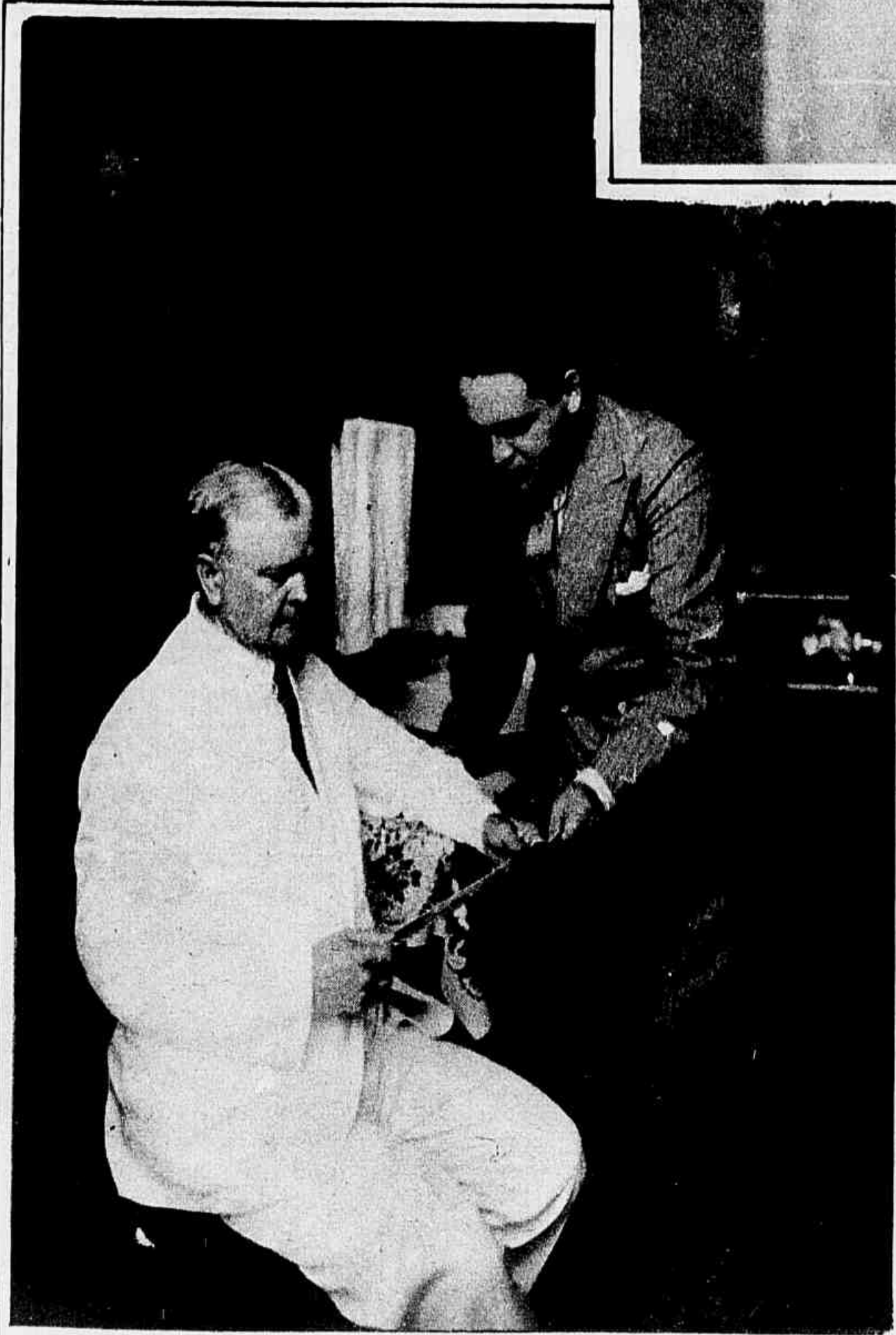
— Nem pela minha!...

— Nesse espaço de tempo nnnca mais voltou á sua terra natal?

— Sim... muitas vezes. De dois em dois annos eu vou a New York e lá passo, com a minha familia, invariavelmente, quatro mezes...

— E Blanche? Que nos diz da sua actuação no Cinema?

— Ella é uma apaixonada da scena muda. Era menina ainda e já manifestava accentuada inclinação para o Cinema, a elle se dedicando, mal completou dezoito annos. Estreou com

BARROS VIDAL, DE "CINEARTE" AO LADO DO DR. MEHAFFEY

exito e de exito são todos os seus trabalhos...

— Vocação, que o orgulha, então...

— Sim, muito. Ella só tem honrado o nosso nome, assim como o tem honrado tambem, o meu filho engenheiro...

Transfigurando-se, talvez por se sentir embalado nas azas doiradas da evocação, o dentista Mehaffey continuou a falar, expontaneamente, cotando que, filho do sul da sua terra, se habituára aos rigores do calor, com elles se dando bem, uma das mais poderosas razões que o levaram a transferir sua residencia para o Brasil. Mas para conciliar a sua predilecção com as saudades que o assaltam a todo instante — reserva, em cada dois annos, quatro mezes para revêr os seus. Ama e admira Blache, sua dilecta filha, extraordinariamente, com par ti lhan do das suas glorias e dos seus triumphos com indescriptivel alegria. pouco viveu dias de ansiedade e incerteza por causa della. O telegrapho, no seu laconismo que estende as sombras mais negras sobre as noticias mais simples, lhe trouxe a noticia desoladora de que Blanche fôra victima de um accidente, tombado de um cavallo. Desde essa primeira noticia inquietadora até a que lhe veiu trazer certeza de que o accidente não tinha maiores proporções — o velho Mehaffey soffreu sobresaltos sem conta. Um anno inteiro Blache ficou fóra do Cinema, obrigada pelos medicos, retemperando as forças perdidas. Agora, voltou a trabalhar, mais animada, e com maior numero de esperanças. Apanhando os oculos elle se deteve um instante. E pondo-os nos olhos, leu a dedicatoria da photographia que lhe entregaramos, dizendo:

— Sempre amavel e gentil!... E nós:

— Herdeira que é das qualidades do pae...

— E elle, no seu primeiro sorriso:

— Muito obrigado!...

O Dr. Mehaffey despedia-se de nós á porta do consultorio. Estava glacial como quando chegaramos. Mas seus olhos, tocados de um extranho fulgôr, pareciam conter um grande contentamento, o contentamento que a gente sente e não sabe esconder, quando uma figura querida, vencendo as mais longinquas distâncias, no milagre do pensamento e da palavra, vive perto de nós como se perto de nós estivesse...

# Os AMORES de Alice White

ALICE WHITE FOI BEIJADA NUM AEROPLANO

Chamam-me de "jazz-baby", e talvez eu seja isso mesmo. Si gostar de divertir-se com alegria e si preferir a companhia dos homens á das mulheres é ser uma "pequena do jazz", então a definição se ajusta á minha pessoa. Mas, nesse caso, eu creio que a maioria das raparigas de internatos collegiaes devem ser incluidas na categoria das "jazz babies", porque a primeira coisa que ellas fazem ao se apanharem fóra dos muros escolares, saturadas como se acham do commercio exclusivo do seu sexo e com o ouvido cheio de coisas a respeitos dos homens, a primeira coisa, diziamos, é procurarem conhecer de perto essas mysteriosas creaturas que lhes trazia aguçada a curiosidade.

Quando menina, fui mandada para o Virginia College, em Roanoke. Como todas as creanças que se criam no contacto de outras, eu tinha o meu namorado infantil, que me escrevia cartas e mandava retratos de homens e mulheres de pé á cancella dos seus cottages cercado de creanças. "Eis como seremos algum dia", escrevia elle. Era encantador e grato saber eu que um rapaz tinha taes pensamentos a meu respeito.

Mas a verdade é que o meu namorado não me despertava nenhuma emoção. Ella fazia parte do mundo ao alcance do meu conhecimento e não tinha nenhum mysterio para mim. Mesmo nos amores infantis, o homem precisa representar o mysterio para poder interessar a mulher; e quando se desfaz o véo do mysterio que envolve o homem, está tudo acabado para a mulher.

Um dia a nossa escola foi assistir a um "match" de football em Roanoke. Fui notada por um rapaz, que mais tarde me telephonava convidando-me para ir á festa do encerramento de aulas do seu curso.

Não sei como descobriu elle o meu nome. Não me era possivel attender ao seu convite, sem infrigir o regulamento do collegio, mas elle veio ao nosso baile em companhia de outros. Falamo-nos, sentamos nos degráos da escada e trocamos confidencias sobre as nossas respectivas vidas. Momentos de doce emoção aquelles... eu não creio que uma mulher possa furtar-se a taes impressões, ao sentir-se objecto do interesse de um homem que não a conhece e que apenas lhe fala pela primeira vez.

Nunca mais vi esse rapaz mas nunca pude esquecel-o e desejei sempre vel-o novamente.

Depois disso, a primeira coisa de emocionante que me occorreu foi quando minha avó e meu avô se mudaram para a California e mandaram me buscar para viver em sua companhia. Tomei o trem e fiz a viagem sosinha. Oh! que emoção! Eu já tinha 15 annos, mas é bom lembrar que era a primeira vez que eu sahia sósinha. Ouvira sempre falar da importancia de Chicago e, sentada num banco da estação, emquanto esperava o outro trem, eu admirava o continuo vaevem de pessoas, quando meus olhos cahiram sobre o mais esplendido typo de homem que jámais eu vira. Era o retrato exacto de Huntley Gordon.

Até aquelle momento eu fôra louca por John Barrymore, que foi o meu heroe durante todo o meu tempo de collegial. Eu costumava escrever-lhe cartas longas, confessando-lhe que elle não era apenas o meu "actor" predilecto, e sim tambem o meu ideal como "homem". E' claro que nunca tive coragem de pôr taes cartas no correio.

Mas quando vi esse, da estação de Chicago, não acreditei que pudesse haver alguem, nem mesmo Barrymore, tão bello. Elle tomou o mesmo trem que eu, e durante toda a viagem até á Costa não me deixou. Tomavamos o café da manhã juntos, e juntos almoçavamos e jantavamos. Não era lá muito correcto o meu procedimento, mas é bom não esquecer que era apenas uma creança na sua primeira experiencia.

E emquanto o trem corria, nós nos sentavamos á plataforma do carro, a contemplar a lua que lá no alto brincava de esconder com as nuvens. Como eu desejava que aquelles momentos durassem a eternidade.

O trem a devorar a distancia, a lembrança do Collegio completamente fóra da mente, com a lu pendurada sobre as nossas cabeças e o frio a nos despertar a vontade do aconchego... tudo aquillo parecia um sonho. Senti os seus labios sobre os meus. Era a primeira vez que eu recebia um beijo. Gostei. Fôra como si um fluido

estranho me penetrasse no corpo. Não posso comprehender a razão porque pretendem certas mulheres fazer acreditar que não gostam de ser beijadas por um homem verdadeiramente attractivo. O que lhes falta é sinceridade no caso. Disse-me elle que os homens encontrariam sempre grande prazer em beijar-me, e accrescentou uma porção de amabilidades mais. A minha vaidade impava de satisfação. Comprazia-me acreditando-me alguma das coisas que elle affirmava ser eu. Mas não acreditei em tudo, pois uma mulher nunca deve acreditar tudo quanto um homem lhe diz.

Havia tambem nesse caso a primeira opportunidade que eu encontrava de provocar o ciume das outras mulheres. Elle era o mais bello varão do trem. Eu era apenas uma criança, ao lado de varias mulheres mais velhas do que eu e que desejavam palestras com elle. Uma dessas atalhou-me os passos, e disse-me sem cerimonias: "Não sei porque um fedelho como você póde interessar semelhante rapaz". Senti-me com isso uma verdadeira dama e importante.

Em Hollywood matriculei-me no High School. Era a minha primeira experiencia quanto ao regimen da co-educação (homens e mulheres conjunctamente).

Eu creio nas virtudes da co-educação porque com esse regimen os rapazes deixam de ser os mesmos entes mysteriosos para imaginação das raparigas. Eu sahia com uma porção de rapazes, porém, o meu preferido era Chuck Farlor, capitão do team de football da escola. Pensei mesmo que estivesse apaixonada por elle, mas não era exacto.

Um dia gazeei a escola e fui aos Studios da First National. O acaso levou-me justamente a um gabinete onde estava Frank O'Neil. Elle dirigia nesse momento o film "The Overland Limited". Vel-o e amal-o foi obra de um instante. D'esse dia em diante gazeei frequentemente a escola. Fizemo-nos noivos. Foi o meu primeiro noivado.

O casamento chegou quasi a consumar-se. Partimos para Riverside, afim de realizal-o. No caminho, porém, tivemos um desaguizado; fazia-me mal aos nervos a maneira por que elle estava dirigindo o automovel, observei-lhe, discutimos e elle virou o carro na direcção de Hollywood e o casamento foi adiado indefinidamente. Não é curioso, como pequenas futilidades como essa podem modificar todo o futuro de uma pessoa? Eu teria certamente sido uma dona de casa e mãe, si não fôra aquelle pequeno incidente. Hoje eu dirijo o meu automovel proprio, graças a Deus.

E' claro que voltamos ás boas e continuamos a falar do nosso casamento, mas romances remendados parecem que volvem ao que eram.

Pouco depois eu recebia o offerecimento para um "test" de camara ao que elle se oppoz, dizendo que eu nunca daria para o Cinema. No fundo, essa era tambem a minha opinião, mas parecia-me que elle devia mostrar satisfação em me vêr conquistar uma posição, em vez de crear obstaculos ás minhas aspirações. Assim rompemos definitivamente.

Encontrei-o dois annos mais tarde em San Francisco, e nessa occasião elle me declarou que se oppuzera a que eu me fizesse artista de Cinema, por estar certo de que me perderia, pois uma profissão é sempre uma causa de conflicto entre marido e mulher. Creio que elle tinha razão, pois tenho notado que na carreira da scena não ha muitos casamentos felizes. Quer me parecer que é impossivel dar uma pessoa attenção ás duas coisas ao mesmo tempo — á profissão e ao marido. Eis a razão porque eu espero ficar no Cinema só cinco annos. Com ple ta do esse tempo, tratarei de casar-me e ter dois filhos. Póde ser que isso não corresponda muito á idéa que se tem de Alice White, a "jazz baby"; mas ha muitas "jazz babies" que apenas querem divertir-se durante algum tempo e depois dedicar-se ao mistér de ser mulher. E ser mulher é um caso tão importante como ser actriz.

O meu segundo caso, como se diz em Hollywood sempre que nos vêem privar com um homem, foi um caso clandestino. O protagonista era Tom Forman, que se suicidou o anno passado. Eu era "script girl" no seu film. Peter Rabbit, dizia-me elle, vae ao meu gabinete buscar um lapis. "E logo após me seguia e fazia-me talvez uma pequena declaração. Mas o seu amor não era muito a sério; havia outra dona do seu coração. Ás vezes sentava-se commigo e levava horas a falar-me dessa outra creatura. Todos os homens gostam de encontrar uma rapariga para sua confidente; gostam de ter uma pequena a quem possam beijar e com quem flirtar... mas

(Termina no fim do numero)

ALICE DIZ QUE, APEZAR DE TUDO, AINDA NÃO ENCONTROU O SEU VERDADEIRO AMOR...

# O circo da vida

FILM DA DEFU, com Raimondo Van Riel, Ernst Van Duren, Kurt Gerron, Lucy Hoflich, Mary Johnson, Valerie Boothby, Valy Arnhelm, Alexander Murski.

O expresso do norte está em viagem para Paris, e num dos seus vagons desenrola-se, ao iniciar-se esta historia, uma scena dos mais dramaticos lances.

Os irmãos Flamingo trabalham ambos no circo, e não obstante os laços de sangue que aos dois liga, Gaston enamorou se da mulher de seu irmão Ralph e com ella vae fugindo. O marido descobre os naquelle comboio internacional no instante mesmo em que um grande desastre faz perder a vida a muitos passageiros. Entre os mortos ficou a mulher adultera e incestuosa de Ralpp.

Os irmãos não se separam, apegos de tudo, continuando a trabalhar juntos e juntos a obter os maiores triumphos circenses. Quatro annos, entretanto, desde aquelle dia de presaga memoria, não é tambem ainda sufficiente para que elles se sintam desmagoados. Ainda não se falam. O "Cirque Moderne", em Paris, tem a vida de successo insuperavel que os dois lhe dão com os seus temerosos numeros de attração.

No mesmo circo a pequena Eve, coagida pelo seu padrasto Pierre Michand, afronta a morte num salto de automovel.

Ralph, que começa a se interessar pela joven, observa que ella expõe muito a vida. E Gaston não deixa de vêr, por seu lado, o interesse do irmão por Eve.

De então em deante Ralph começa a procurar evitar o arriscado trabalho de Eve. Isto lhe vale a inimizade do padrasto da moça, pois vivia do que ella ganhava no circo.

Ralph, furioso por não ter podido uma vez evitar que a rapariga trabalhasse, jurou matar a Michand. Gaston oppoz se, então, a isto, servindo se da opportunidade para se rehabilitár perante o irmão. Deste proposito animado, Gaston vae á casa de Michand, com elle discute e, num golpe de mestre, atira-o por terra, como morto.

Volta ao circo onde Ralph, informado do assassinio commettido por elle, propõe-lhe fugirem immediatamente. Gaston recusa se, porém, a sahir antes de terminado o seu trabalho. Infortunadamente, quando acabava de receber os ultimos applausos, chega a policia e prende Gaston.

Ralph comprehende o sentimento que ditou a acção por que Gaston agora se encontra em difficuldade. E isto os reconcilia de vez, tornando-os novamente os bons e sinceros amigos que dantes foram.

Entretanto, chega a policia, para um depoimento expontaneo, Mme. Michand, mãe de Eve.

Declara que Gaston não assassinara o seu marido.

Fôra ella, sim, que para salvar á filha tomara, com o seu direito e o seu dever de mãe, aquella resolução extrema e inevitavel.

O jury absolveu a mãe de Eve, esta se casando, depois, com Ralph e trazendo a Gaston a satisfação immensa de uma culpa perdoada pela sua propria dedicação.

O. P.

(Especial para *CINEARTE*)

Greta Garbo não conhece Greta Nissen

# De Hollywood para você...

Por L. S. MARINHO

(Representante de CINEARTE Em Hollywood)

Aqui está uma princeza que absolutamente não quer ser conhecida como tal, e simplesmente pelo nome de Medea De Movarry. Vive em Hollywood porque adora o clima (!) porém, anda pelos Studios a procura de trabalho, por querer ser artista de Cinema...

Ella foi descoberta entre os europeus aristocratas, recusando sempre a revellar sua identidade, mas, alguns intimos amigos que não têm interesse nesse segredo, dizem que Movarry tem em seu apartamento retratos celebres, onde ella é figura proeminente.

Retratos com o Kaiser, o rei da Italia, e de Hespanha, o Imperador da Austria, Marconi e outras notabilidades...

Mas Hollywood é como os Bolshevistas, trata todos igualmente, mesmo em despeito de gloria ou tradições. Ahi está porque esta princeza escondida, aqui não é mais nem menos do que Medea de Movarry.

— Mais um divorcio. Renée Adorée foi dizer ao juiz que seu marido a maltratava e por este motivo queria livrar-se delle. Se eu conhecesse o marido da Renée, seria capaz de mandar dar-lhe uma sova... Pobre "Adorada"...

Michael Curtiz anda as apalpadelas com a Warner Bros, pois elle teve a patetice de andar dizendo que "Noah's Ark" custaria quinhentos mil dollares, e pareceria um film de um milhão.

A Warner Bros levantou a voz e disse que o film custaria um milhão e meio, no minimo.

Ha dias uma pessoa da publicidade da Metro, fez parar Greta Garbo, quando sahia do set, pedindo por favor para posar alguns retratos. "Certamente" foi sua resposta.

Quando terminou, elle agradeceu e ella retribuiu o agradecimento.

Os extras que estavam por perto, tinham a respiração suspensa. No minimo ali iam sahir algumas palavras pesadas, pois elles sempre tiveram em conta que Miss Garbo não permitte publicidade, e que seu temperamento não admitte que a façam parar, e que jamais agradeceu a alguem.

Ahi está o que vem a ser os chamados artistas "temperamentals"...

**(Termina no fim do numero)**

Com o grande desenvolvimento que estão tendo os films falados e barulhentos, torna-se agora difficil entrevistar os artistas. Isto vem ser um pesadelo para os jornalistas, e um alivio, para elles e para os departamentos de publicidade.

Nos stages onde estão filmando "talkies" não é permittida a entrada de pessoa alguma, além daquellas em contacto directo com a filmagem.

Assim quem sáe com prejuizo sómos nós, que levamos para baixo e para cima vendo estrellas...

Recentemente a First National fez annunciar que todos os seus films serão falados e barulhentos; a Fox com a proxima inauguração de seus novos Studios em Fox Hills, desviará naturalmente a maior parte da sua producção para lá.

Quando um film é falado do principio ao fim, é chamado cem por cento. Nesta base E. H. Griffith irá dirigir um film com Phillis Haver, Robert Armstrong, Louis Wolhein e Russell Gleason. A Phillis Haver deve ser um numero o Robert Armstrong está bem, pois é um excellente artista. O Louis será outro numero porque elle tem uma voz terrivel... O outro não conheço.

— Quando Dolores Del Rio voltar da Europa, irá filmar Evangeline, e claro está que será "Talkie"...

— Antes de embarcar para a Europa, Dolores Del Rio fez annunciar que iria visitar a Rainha de Hespanha. Mas esqueceu-se a Dolores de que os monarchas hespanhóes são catholicos e que uma divorciada não tem opportunidade de lhes ser apresentada.

— Uma pessoa não pode estar segura sobre os solteirões de Hollywood.

Uma vez Nils Asther fez annunciar que não tinha interesse absolutamente algum em mulheres. No entanto, elle anda sempre com Fay Webb uma pequena da Metro de quem só lhe fazem retratos para publicidade...

— Estas linguas! Que tem Greta Garbo ficar sempre encapotada? Pois já fallam disso! Claro está que sendo filha de um paiz frio... sinta frio... Mas todos perguntam a John Gilbert o que elle diz a respeito...

— Ha boatos de que Ruth Taylor está casada ha tres mezes como millionario chamado Jotlitzky, e que Dorothy Sebastian já é a esposa de Clarence Brown...

— James Murray está no firme proposito de se corrigir? Isto é promessa que elle já fez por diversas vezes, e por diversas vezes quebrou-a e foi perdoado pela Metro até que esta se vendo cansada, mandou-o embora.

Agora elle voltou novamente disposto a esquecer o passado. Elle será o galã de Norma Shearer em "The Trial of Mary Duncan".

— Até então Hollywood se orgulhava de não possuir uma casa de penhor. Agora este orgulho passou, pois bem em frente a United Artists lá está uma...

— Consta que Pola Negri voltará a Hollywood mais uma vez, e fará trez films para a Pathé. Que Joan Crawford será a proxima estrella da Metro. Que Olive Borden irá a Europa muito breve.

— Os admiradores de Grace Cunard e Francis Ford irão vel-os novamente juntos no film "Show Boat" que Harry Pollard dirige para a Universal. Mas... desta vez não serão como estrellas, pois seu tempo já passou. Agora elles fazem tudo o que lhes offerecem, afim de manterem o estomago em equilibrio.

— Alma Rubens e Ricard Cortez foram ao tribunal contar ao juiz suas difficuldades, e pedem divorcio. Mas um...

— Lola Salvi (Marcella) recentemente ganhou uma taça, num concurso de dansa no Montmartre. Albert Rabagliati foi seu par.

— Hollywood como certos logares da Europa, é um refugio para os membros de notabilidade de muitas nações, cujas fortunas e privilegios foram varridos de seus castellos durante o tempo da guerra.

Mas, deve haver uma differença entre aquelles que se refugiam na outra banda, e os que vêm para Hollywood, pois estes principes, duques, marquezes, condes e barões que enchem esta cidade, chegam aqui trazendo o intuito de com o titulo serem actores de Cinema. E falham sempre...

BARRY NORTON ESTA' FICANDO MAIS POPULAR...

# O Valle dos Gigantes

(THE VALLEY OF THE GIANTS)

FILM DA FIRST NATIONAL — DIRECÇÃO DE CHARLES BRABIN

| | |
|---|---|
| Bryce Cardigan | Milton Sills |
| Shirley Pennington | Doris Kenyon |
| Buck Ogilvy | Arthur Stone |
| John Cardigan | George Fawcett |
| Randeau | Paul Hurst |
| Pennington | Charles Sellon |
| Felice | Yola d'Avril |
| Big Boy | Phil Brady |

Bryce Cardigan é filho de John Cardigan, barão de Noothwest.

A mãe de Bryce, fallecida quando este era criança ainda, foi sepultada no "Valle dos Gigantes", linda alameda existente em Redwoods.

Bryce, creado a principio fóra das vistas paternas, voltou emfim, para sua casa.

Bryce propõe ao pae abrirem uma estrada propria, e para isto encontra magnifico auxiliar na pessoa de Buck, seu antigo collega de escola.

Mesmo depois de obtida a licença legal para a construcção, Buck tem que atravessar a linha de Pennington á noite, secretamente.

Ao mesmo tempo, viajam num trem que conduz madeiras, Bryce, Shirley Pennington, trem esse que soffre sério accidente com que fica interrompida a viagem.

Shirley e seu pae estão na cozinha, no ultimo carro do comboio, e Bryce num carro de madeiras.

Providencialmente, entretanto, surge Buck que separa o carro da cozinha e fal-o parar com um pau grosso, impedindo-o de caminhar. Bryce passa para este carro, emquanto o das madeiras rola estrepitosamente precipicio abaixo, indo mergulhar no rio.

Buck aguarda então a opportunidade de fazer passar a linha em segredo, reunindo para isso todas as suas forças e dando desde logo inicio aos trabalhos.

Pennington, entretanto, resolve resistir até mesmo de armas na mão. Prepara-se para a luta.

Mas surge um alliado imprevisto para Bryce e que muito prejudica aos planos dictatoriaes de Pennington. E' Shirley, tocada pelo amor, que denuncia os planos do pae aos auxiliares de Bryce.

As forças atacantes de Pennington são totalmente derrotadas e Bryce continua victoriosamente a construcção. John Cardigan, informado da bravura do filho e da participação que teve em sua victoria a filha do seu adversario, fez-lhe votos de felicidades, confiando-lhes a continuação da obra que elle iniciára.

O. P.

(Especial para "Cinearte")

Mas na mesma occasião tambem vem para a casa paterna a filha e um outro barão, a gentil Shirley Dennington, cujo pae é inimigo do pae de Bryce. Sahindo do trem, Shirley entra por engano no automovel de Bryce, que era o unico que estava no momento ali na estação.

Bryce convidou a outra, então, para ir em sua companhia, o que a principio foi recusado mas, finalmente, acceito.

A meio caminho Bryce pára, para visitar o tumulo de sua mãe. No seu logar encontra uma arvore plantada por Randeau, empregado do pae de Shirley, o rival de Cardigan.

Bryce continua então, o seu caminho, indo á procura do pae, que está cégo. Volta, depois, para as florestas de Permington e ahi desafia Randeau para um duello.

Bryce sabe ainda que seu pae está na imminencia de fallir por lhe estar defesa a estrada de Permington, caminho unico que lhe permittiria dar sahida á madeira que extrahe na floresta.

## NOVO SYSTEMA DE PROJECÇÃO

Foi ha pouco feita em Londres uma prova muito interessante de projecções sobre uma téla especial, á luz do dia. Um raio de luz solar foi enviado directamente sobre a téla, sem que isto produzisse alguma differença na clareza das imagens. O novo processo de projecção é feito por transparencia e a téla é de côr preta. A descoberta não é inteiramente nova, porquanto, aqui mesmo, no pavilhão Americano, por occasião das festas do Centenario, diariamente eram feitas projecções, não á luz do dia, porém, em salões completamente illuminados e em uma téla escura.

Entre a Ufa e a "World Wide Pictures Inc." de New York acaba de firmar-se um contracto, segundo o qual esta casa americana se encarregará de distribuir nos Estados Unidos e Canadá, num periodo de varios annos, todas as producções da Ufa.

Electricistas da First National estão trabalhando para dar uma nova applicação á téle-visão. Será montado um grande apparelhamento, segundo o qual os "executivos" da companhia poderão controlar todas as filmagens e evitar as visitas aos "sets". Estas assistirão as filmagens no escriptorio do Studio, pela tele-visão. Esta agora!

Em "The Doctor's Secret", film de William De Mille para a Paramount, figuram Ruth Chatterton, H. B. Warner e Robert Edeson. O film será todo falado.

Tom Mix vae arriscar o nariz em varias scenas de aeroplano do seu film "The Drifter" da F. B. O.

DOROTHY MACKAILL E MILTON SILLS EM "THE CAPTIVE WOMAN"

Em "Hool Pigeon", da Columbia, figuram Olive Borden e Charles Delaney. Historia de ladrões, etc.

O primeiro film de John Barrymore para o novo contracto com a Warner Bros., será "The Tavern Knight" que será aliás todo falado.

Vae começar agora a filmagem de "The Cock Exed World" que é uma especie de continuação de "Sangue por Gloria". Edmudo Lowe e Victor Mac Laglen estão no elenco.

COLLEN MOORE

Gloria Swanson talvez figure ao lado de Edward E. Horton numa peça theatral da Vine Street Playhouse. Gloria no palco, "leading-woman" de E. Everett Horton...

Pauline Garon e Richard Dix serão os principaes do film da Paramount "Redskin" que será o primeiro film todo colorido e falado.

"Noah's Ark" rendeu 32 mil dollares, na primeira semana de exhibição no Chinese de Hollywood.

# Don Piratão

(TELLING THE WORLD)

Film da M. G. M., direcção de SAM WOOD

Don Davis . . . . . . . . . . . . . WILLIAM HAINES
Crystal . . . . . . . . . . . . . . . . . ANITA PAGE
Mazie . . . . . . . . . . . . . . . . . EILEEN PERCY
O pae de Don . . . . . . . . . . FRANK CURRIER
Landlady . . . . . . . . . . . . . . POLLY MORAN
Lane . . . . . . . . . . . . . . . . . . . BERT ROACH

Don Davis, ao abrir o "Telegram", naquella manhã, leu com espanto um artigo que começava assim: "Desappareceu o filho do Sr. Davis, o joven e elegante Don Davis." Ora essa é boa! Com que então constava que elle houvesse desapparecido? Pois não sabiam então que elle tinha sido forçado a deixar o lar paterno á vista das exquisitices maldosas do seu demente Pae que o desherdára e o perseguia sem descanso?

Poucas horas depois, apresentava-se elle na redacção do grande orgão vespertino.

— "Senhor redactor, trago-lhe algo de interessante: uma reportagem sensacional sobre o desapparecimento do joven Don Davis. Mas mereço o meu premio, não é? Dê-me o senhor um bom logar no seu jornal e eu revelarei todo este mysterio que causará sensação entre os seus leitores! Faça-me reporter, por exemplo..."

O redactor-chefe sympathisou com o rapaz e a proposta foi acceita.

Qual não foi a sua surpresa quando soube, depois, que o novo reporter era o proprio Don Davis? Mas era homem de espirito e resolveu achar graça.

— Vou pregar-lhe uma boa peça! Bom malandro! — disse comsigo.

E, chamando o novo collega, deu-lhe, para principiar, a seguinte missão:

— Vá entrevistar o velho Davis sobre o desapparecimento de seu filho.

Mas os ares decididos e petulantes do novo jornalista não agradavam, aos seus collegas, que, afim, tambem, de pregar-lhe uma peça, o enviaram a uma casa situada a alguma distancia, onde elle deveria fazer as investigações de um crime imaginario... Quiz, porém, o acaso, que um crime realmente se tivesse realisado na tal casa, que não passava, aliás, de um "club" desacreditadissimo; e, depois de momentos intensos de emoção, participados por Crystal, uma linda dansarina que testemunhára o assassinato, conseguiu Don, auxiliado por ella, chamar a policia e fazer com que prendessem todos os implicados no caso. Começaram assim os successos jornalisticos e amorosos do rapaz. A pobre Crystal, em poucos dias, passou a adoral-o duma maneira commovedora. Mas Don parecia um tanto insensivel aos encantos da seductora bailarina, tão interessado estava na machina telegraphica que acabára de apparecer e todo entregue ao desejo de uma tarefa na United Press de Paris.

Desencorajada por aquella rigorosa frialdade, Crystal resolveu acceitar a proposta que lhe fizeram, certa vez: percorrer o Oriente, fazendo parte de uma troupe bohemia que se ia exhibir em longinquas cidades. E lá se foi a pobresinha, escondendo uma lagrima teimosa entre os cilios avelludados...

Quando Don comprehendeu que havia perdido realmente a rapariga e para sempre, foi que teve vontade de tel-a perto. E sempre assim. Começou a ficar impressionado. Dahi para a paixão era um passo. E um passo que elle deu num instante... Em pouco tempo estava convencido de que a amava doidamente e que queria se casar com ella.

E como era valente e decidido, obstinado e corajoso, abandonou o jornal, relações, amigos, tudo, inclusive a cobiçada e promettida tarefa em Paris e lá se foi por este mundo de Christo no encalço da sua estrella cadente. Quando, depois de muitas lutas e de muito tempo, conseguiu elle alcançar Shanghai, onde devia então se encontrar a sua amada, foi informado de que a troupe tinha sido contractada pelo Governador de Sanking, no interior da China, afim de divertir os seus moradores. Em vão lhe disseram alguns desinteressados os perigos que havia em transpor aquella região perigosa, devido á antipathia racial dos nativos daquellas paragens... Don adorava o perigo e os obstaculos. Era isso que o fazia tão doidamente amar a bella bailarina. E Crystal quasi morreu de alegria quando o viu chegar, de repente, aos seus braços, como que por encanto, dizendo-lhe:

— Crystal, meu amor! Eis-me a teus pés. Por ti atravesso os mundos e faço as maiores loucuras. Quero que me digas se agora sou digno de me casar comtigo. Porque não resta duvida que te amo. Bem sabes como. Da maneira que os meus olhos devem estar dizendo. Jura-me que consentes em nosso casamento e eu te jurarei que sou o homem mais feliz do mundo!

Naturalmente a pobre Crystal não ia deixar escapar uma felicidade tão inesperada e sonhada. E Don tratou logo de mandar buscar um missionario americano que os casasse.

Emquanto estavam os dois noivos deslumbrados com esta perspectiva, o ambicioso General Ying, que

**(Termina no fim do numero)**

LUPE VELEZ

# DE SÃO PAULO

(DE O. M. CORRESPONDENTE DE "CINEARTE")

E' preciso começar a falar mal do Odeon. Com dôr de coração. E' um Cinema tão confortavel, tão moderno, tão sumptuoso, que ás vezes, até nos céga. Mas quando certas cousas não andam direito, fala-se. E' necessario. E aqui estamos, todos, os do Rio, lá e eu, aqui, para defendermos o publico. Esse publico que vae ao Cinema para se divertir e encher os cofres das empresas. E como eu pago entrada, tenho direito integral de dizer aquillo que muito bem me appeteça.

E lá vae. O Odeon chama a attenção do publico, em intelligente reclame, que venha assistir a um espectaculo inédito: 6 mil pessoas que frequentam as matinées de domingo. De facto, um desses domingos eu lá estive. E' uma cousa que já não é mais alguma cousa. E' bem um espectaculo, mesmo. Cousa até inédita. Começa a matinée ás 2½. No emtanto, a 1 hora o Cinema já está em parte occupado. A's 2, então, fecham as bilheterias porque não é possivel mais venda de bilhete: esgotou-se a lotação. Então os restantes correm desabaladamente para a outra bilheteria, do Azul, e lá, então, acabam de o encher, tambem.

Até ahi nada. Ao contrario, elogios. Mas a gente sabe que os preços das matinées são identicos aos das soirées. Não se fala na matinée de sabbado ou quinta-feira. Na de domingo. E essas 6.000 pessoas, calculadas á razão de lotação, entram com 3$000 os adultos e 1$500 os menores. No Azul 2$000 e 1$000. São contos e contos de réis. E, agora, com licença. Chega de elogiar. Lá vae páo. Por que os 4$000? Por que 4$000 para assistir-se "Suzanna" e uma troupe commum no palco? Por que??? Será este o beneficio que o Serrador prometteu ao publico paulista, com a inauguração do seu Cinema? E' justificavel este augmento de preço? E' isto para levar á sala Vermelha publico selecto?

Não. Não é justo. E' bem triste, até, que isto succeda. Com 3$000 a entrada, normalmente, o Serrador terá enchentes furiosas. Terá lucro. Lucro grande. Elle não precisa elevar, assim, os preços das suas entradas. E isto não é seleccionar publico. Só um novo rico é capaz de acreditar nisso. E, depois, é estar commettendo absurdos. A 4$000 na sala Vermelha e, semana seguinte, 2$000 no Azul... Francamente! Não é justo. Aquillo não é Sant'Anna. Este sim. Pequenino. Não póde dar lucro se não augmentar os preços da entrada. Mas o Odeon?... Francamente!!! No emtanto, Serrador começou tão bem... E não custa. E' manter os 3$000 para a sala Vermelha e 2$000 para a sala Azul. O publico irá gastar mais 1.000 na sorveteria... Não considero o 1$000. Considero o absurdo inqualificavel deste augmento. E é de se esperar que não se repita. O publico de São Paulo não é tolo. E' benevolente. Benevolente demais. mas elle acaba perdendo a paciencia...

卍

O Republica incorre neste mesmo artigo. Mas as Reunidas não dão attenção á nada. Não querem conversa. E' 4$000 ali na piririca! Para quem quizer! E isto, francamente... E no Republica, não era preciso! Positivamente! Assim, como vamos, com esses 4$000 e, ás vezes, ameaçadores 5$000, nós acabamos, todos, publico, emfim, viajantes de mala posta que transporta ouro. E os cinematographistas serão os Fred Kohler, William Powell e Jimmy Coreys, das estradas...

卍

Outra cousa, é a mania de numeros de variedades e attracção no palco. Mil vezes uma bôa comedia Hal Roach ou um bom jornal Paramount! Essas idéas macabras precisam abandonar o cerebro do grande cinematographista. Elle precisa deixar dessa mania. Assim elle até parece criança com vicio de roer unha...

Agora anda annunciando uns annões. Depois virão bailarinas. Depois um Grock. Depois um outro qualquer. Gente que devia estar fazendo companhia ao Piolin, no Circo Alcebiades. E não gente para o publico do Odeon. Gente que assiste "Legião dos Condemnados" com enthusiasmo, suspensão, agrado profundo, não póde achar graça nessas troupes de russos de prestação e senhoritas da polonia que andam saracoteando horrivelmente, no palco, e ainda dizem que estão dansando... Ora bolas!!!

卍

Uma consideração sobre a orchestra da sala Azul do Odeon.

E' bôa. Bastante affinada. Bastante agradavel. Mas horrivelmente mal empregada. Não acompanham o film. E' das taes orchestras que mette partitura de acto tal de opera tal e, zás, tóca de fio a pavio. Isto é horrivel. Serrador, desculpe, mas olhe para mais isso! Mais um pouco de bôa vontade! E' tão facil... Não pensa que o publico que ouve a magnifica orchestra de Giammarusti, na Vermelha, vá apreciar aquella falta de acompanhamento, na Azul. No entanto, a orchestra é bem bôa. Se adaptassem musica. Se deixassem essa orientação horrivel de tocar partituras, sem razão, seria bem melhor. E querem um exemplo? Um sabbado eu fui á sala Azul. Durante o film "O Preco da Ventura", com Billie Dove, tocaram a symphonia do "Guarany"... E depois, durante o outro film, "Fructos da Época", numa scena de jazz, tocavam um trecho da "Forza del Destino"... São dessas cousas que deixam a gente triste, triste, triste, triste... Sr. Maestro da sala Azul! Veja que é só uma questão de força de vontade. Peça ao Sr. Gerente que lhe indique a acção da fita para que você possa adaptar a musica! Faça isso para que eu e o publico todo que vae á sala Azul possa lhe dar um grande abraço! A sua orchestra é bôa. Mas se não adaptar a musica, fox trot na hora de dansa, tango na hora de tango, sólo de piano, se houver no film, etc. etc. etc., o resultado é outro.

FAY WRAY EM "LEGIÃO DOS CONDEMNADOS"

Um illustre desconhecido, na secção de theatro da "Folha da Manhã", á questão de dias, escreveu um artigo que merece, realmente, o seu commentariozinho. Ouçamol-o.

Dizia, o illustre escriptor, que o theatro não faz mais do que sustentar o Cinema. Que este, pobrezinho, vive catando as migalhas que cáem da mesa aonde o theatro faz os seus banquetes... Que já não ha mais futuro em concursos de belleza, de photogenia, para se apurar candidatos á films. Que os typos phtogenicos já estão cahindo. Que agóra, finalmente, é no theatro, apenas, que o Cinema vae buscar argumentos e artistas. E que assim é realmente o que deveria sempre ter sido. O Cinema affirmando a grandiosidade do theatro... Que até Maurice Chevalier, o celebre cançonetista francez, já havia succumbindo e ia dar a mão ao Cinema!!!... E, no meio, mas que reservei para o fim, de proposito, solta este disparate: — o artista "theatral", Emil Jannings, tem o capricho de escrever, dirigir e interpretar as suas producções...

Se eu fosse citar, aqui, artistas de Cinema como o theatro nunca teve e se eu me puzesse a dizer que Alice Brady, Edward Laggford, Theodore Von Eltz, Crane Wilbur e tantos outros, alcaides que o Cinema não precisa nem para fazer "extras" e que são luminares dos palcos yankees...

Mas vamos deixar aquillo tudo á respeito dos typos photogenicos e da sua inutilidade deante da magnificiencia dos artistas theatraes... Isto é para um artigo que algum dia sahirá! Mas vamos analysar apenas um trecho que eu deixei por ultimo e que attesta a perfeição de conhecimentos do escriptor.

Emil Jannings fez curta carreira theatral. Aliás não se deu bem com o palco. Em entrevista que concedeu, logo que aportou á New York, disse que achava o palco "inexpressivo". E começou a ser realmente notado, quando fez aquelle Luiz XV no film "Madame Dubarry", de Pola Negri, sob a direcção de Ernst Lubitsch...

Emil Jannings nem escreve e nem dirige os argumentos que interpreta. Elle tem uma grande personalidade. O seu todo é magnificamente photogenico. E' um artista que tem mascara. Exaggera um pouco a tragedia. Mas é, realmente, um grande, um immenso artista. As suas caracterizações são admiraveis. E' genial, ás vezes. Mas...

"The Patriot", seu ultimo film exhibido, tem um argumento de Alfred Neumann. Jannings fica quietinho na sua cadeirinha que tem nome atraz e um estrellão. Fica quietinho emquanto Lubitsch dirige... Jannings, apenas, dá vida ás "Ordens" que recebo do megaphone do Lubitsch...

"The Street of Sin" (A Rua do Peccado), o seu penultimo film exhibido, tem argumento de Benjamin Glazer e Josef Von Sternberg com adaptação de Charles Sprague. O Jannings fica quietinho emquanto Mauritz Stiller dirige. Emquanto Josef Von Sternberg dirige. Emquanto Lubitsch termina o film...

"The Last Command" (A Ultima Ordem), tinha argumento de Lajos Biro com adaptação de John S. Goodrich. Elle ficava do mesmo feito, vendo o Josef Von Sternberg dirigir...

"The Way of all Flesh" (Tortura da Carne), finalmente, seu primeiro film yankee, tem argumento de Lajos Biro e adaptação do admiravel scenarista Jules Furthman. A direcção esteve á cargo de Victor Fleming.

O artista póde dar uma suggestão. Mas não creia que elle vá dirigir ou se metter a dirigir um film e interpretal-o tendo-o escripto, ainda por cima. Isso é tarefa que só "Pessoal de Cinema", "Legitimos", póde fazer: Charles Chaplin, Erich Von Stroheim...

A LEGIÃO DOS CONDEMNADOS (The Legion of the Condemned) — Paramount — Producção de 1928.

Film gue me encheu as medidas. Nem queiram saber que lindo film! Põe "Azas" knockout logo na primeira scena... Mas a gente fica tonto com aquelles "close ups" de Gary Cooper e Fay Wray... Aquelle beijo com a flôr nos labios... Beijo daquelle, em Dezembro, pleno verão... E assim dão muitos! Mas o Gary Cooper está ficando um colosso. E' um typo de homem, como poucos. E' excessivamente viril. Impetuoso. Sério. Imperturbavel. E beija com uma violencia, com um "it" naquelles olhos... Acho que a Fay Wry ficou groggy... Mas o Barry Norton tem um papelzinho que é só para fazer a gente chorar. Vocês vejam em qualquer hypothese. Fay Wray só não morre, no final, para não fazer este film o melhor do mundo e só para satisfazer Dona Bilheteria. Mas, assim mesmo, é bom. E apresenta apanhados ousados de camera. Mas a morte do Barry Norton, do Francis Mac Donald, daquelles allemães todos, inclusive o insupportavel John Peters, não é nada, é our gang, ao lado da morte nos 4$000 da bi[illegible]...

OS FUZILEIROS (Tell it to the Marines) — M. G. M. — Producção de 1926.

O principio da carreira de convencido e confiado, do William Haines. Lon Chanev em um papel magnifico. A suave Eleanor Boardman. O formidavel Eddie Gribbon. Uns ambientes bem apanhados. Tudo, então, é sublimemente sordido. Uma pancadaria mór. Um elemento amoroso razoavel. E um bom film, naturalmente. Nem pensem em perder. Vão gostar muito, é o que lhes digo. Faz muita reclame dos yankees, mas passa.

Ha um versinho no film que é bem dispensavel...

LIBERDADE DE IMPRENSA (The Freedom of the Press) — Universal — Producção de 1928.

Um film de valor. O tema não é corriqueiro. E as interpretações de Lewis Stone, Henry B. Walthall e Marcelline Day, mais valorizam o film. A scena da morte de Henry, com a ordem de "rodarem os prélos", é lindissima. Também a de Lewis Stone... O elemento amoroso só é estragado pelo Malcon Mac Gregor que é um dos candidatos da minha listinha. Mas eu acho que vocês devem vêr. E' um film magnifico. Não é super e nem formidavel. Mas George Melford soube lhe dar um tratamento moderno e bonito. O principio do film, então, é uma successão bonita de fuzões que traçam a unidde de tempo entre as sequencias. E' um film que se póde recommendar sem susto. Nos Estados Unidos passou com o titulo de "Graft".

DEPOIS DA TEMPESTADE (After the Storm) — Columbia — Producção de 1928 — Programma Matarazzo).

O Hobart é um descrente das mulheres. Charles Delaney é o seu filho. Maud George, a mulher que o enganou mas que elle suppunha a bôa. Eugenia Gilbert, é a esposa fiel mas que as circumstancias apresentam como falsa. E é, depois, a filha, que se enamora do Charles Delaney. E depois vem uma grande tempestade. Depois, vem a revelação da realidade dos factos. Depois vem o arrependimento. Depois vem o "close up" final. E só.

O George B. Seitz, assim, acaba rival do Emory Johnson. "Novio Sangrento", o motivo delle ter feito este film, era melhor. Mas tinha bôas dóses de hokum. Este, então, está pejado delle. E a gente fica doido com as caretas do Hobart.

E o thema é semelhante, em parte, ao de "Passaro Negro". Mas o film de Noah Berry era infinitamente melhor. Vão fazer film cacete no diabo que os carregue. A unica cousa que se salva é a tempestade. E, como estamos soffrendo de falta d,agua, fica-se com a garganta secca e com inveja daquelles estupores que estão luctando naquella tempestade. Aliás o film não passa de uma tempestade... num copo com agua... Não percam o seu tempo. O film não é ordinarissimo. Mas é bem vulgar e bem cacete. E eu não quero mal á ninguem. Muito menos aos meus leitores.

Assisti, esta semana, alguns films que perdera na outra. Vejamos.

O PREÇO DA VENTURA (The Heart of a Follies Girl) — F. N. P. — Producção de 1928 — Programma M. G. M.

Film mo no to no. Nem Billie Dove está bonita como é. E o Larry Kent, afinal, não é mesmo o galã que enthusiasma a gente. Elle é um magnifico rapaz. Mas é um galã bem peroba. E o Lowell Sherman? E' distincto. E' bom artista. Mas não sei... Vamos brincar de aposentar, Lowell?

O al cai de Mildred Harris apparece. O film tem um enredo chapa. A pequena de theatro. Desiste do millionario para des po sar o secretario delle, um pobretão. O final é moral contra os que fogem das cadeias. E como são apresentadas santinhas essas coristas, nos films!!! Depois, outra cousa interessante. Termina o espectaculo. Vão, Larry e Billie, á um cabaret. Aliás é o primeiro encontro de ambos. Unidade de tempo. Meia noite. Já uma hora de enlevo. Agora pergunto. Qual é o theatro que termina os seus espectaculos ou o seu espectaculo ás 10 ½? E o caracter de Larry Kent está traçado de tal maneira que a gente fica admirado de Billie Dove o amar e querer ser sua esposa. Mas o que mais me admirou, francamente, foi a direcção de Francis Dillon. John sabe fazer cousa melhor. E não sei porque elle e a lindissima Bilie perderam o seu tempo nisto.

BILLIE DOVE MERECE MELHORES FILMS ...

FRUCTOS DA EPOCA (Road House) — Fox — Producção de 1928.

Film razoavel. Direcção passavel de Richard Rosson. Mas presenta aspectos que deprimem muito a moral das cidades de interior, yankees. Se todos, ao menos, tiverem um moralista do calibre de Lionel Barrymore... Ave! Gostei muito do Warren Burke. E' um rapaz que, conservando-se neste genero, irá longe. E' assim um typo de Arthur Lake. Maria Alba, a estrella, trabalha pouquissimo. Uma insignificancia, mesmo. Mas é linda! Maria, Maria, você é, daqui!!! Vamos brincar de não ser bonita assim? E depois querem que não existam homens infies, no mundo...

ADORAVEL MENTIROSA (The Adorable Cheat) — Chesterfield — Producção de 1927 — Producção de 1927 — Programma E. D. C.

Tem um crime na consciencia? Quer penitenciar-se delle? Quer merecer o reino dos céos? Quer praticar para santo? E' facil: vá ao São Bento ou ao Triangulo. Estão ficando sérios rivaes. Andam disputando a qualidade de films que exhibem. O São Bento ainda está levando uma pequenina vantagem: a orchestra e uma frequencia relativamente melhor. Mas ambos deixaram-me ficar bem atraz do Alhambra. Em tudo!

E agora tomem este conselho. "Adoravel Mentirosa". E' um desses films que põem a gente maluco e com vontade de contractar um sujeito para incendiar a agencia E. D. C. E este programma é a corrente pesada que os "fans" arrastam ao pescoço.

Lila Lee é rica. Finge de pobre para trabalhar incognita numa das fabricas do seu papae Burr Mac Intosh. Cornelius Keefe sacrifica-se pelo irmão de Lila, Reginald Scheffield. Passa por ladrão. Mas apparece a verdade. Elle perdoa o logro que ella lhe pregára. Ella diz que o ama muito. Beijam-se e o Burr entrega a gerencia dos seus negocios ao Cornelius...

Vamos passear na floresta emquanto seu E D. C. não vem? Durma Nene, sinão o E. D. C., vem, durma Nene, senão o São Bento vem... E' assim que se adormecem os "fans", agora... Todos entram sorrindo no Odeon, no Republica, no Sant'Anna, no Santa Helena, no Alhambra, no Royal... E por que será que todos entram tristes, abatidos, jururús, no São Bento e no Triangulo? Haverá alguem que saiba...

E foi esta a semana maravilhosa. Assumpto não faltou. E espero ter melhores para a semana. Ella que me dirá! Até á semana.

# O Desenvolvimento do Cinema de Amadores no nosso Paiz

## Ainda a questão photographica

(DE SERGIO BARRETO FILHO, ESPECIAL PARA "CINEARTE")

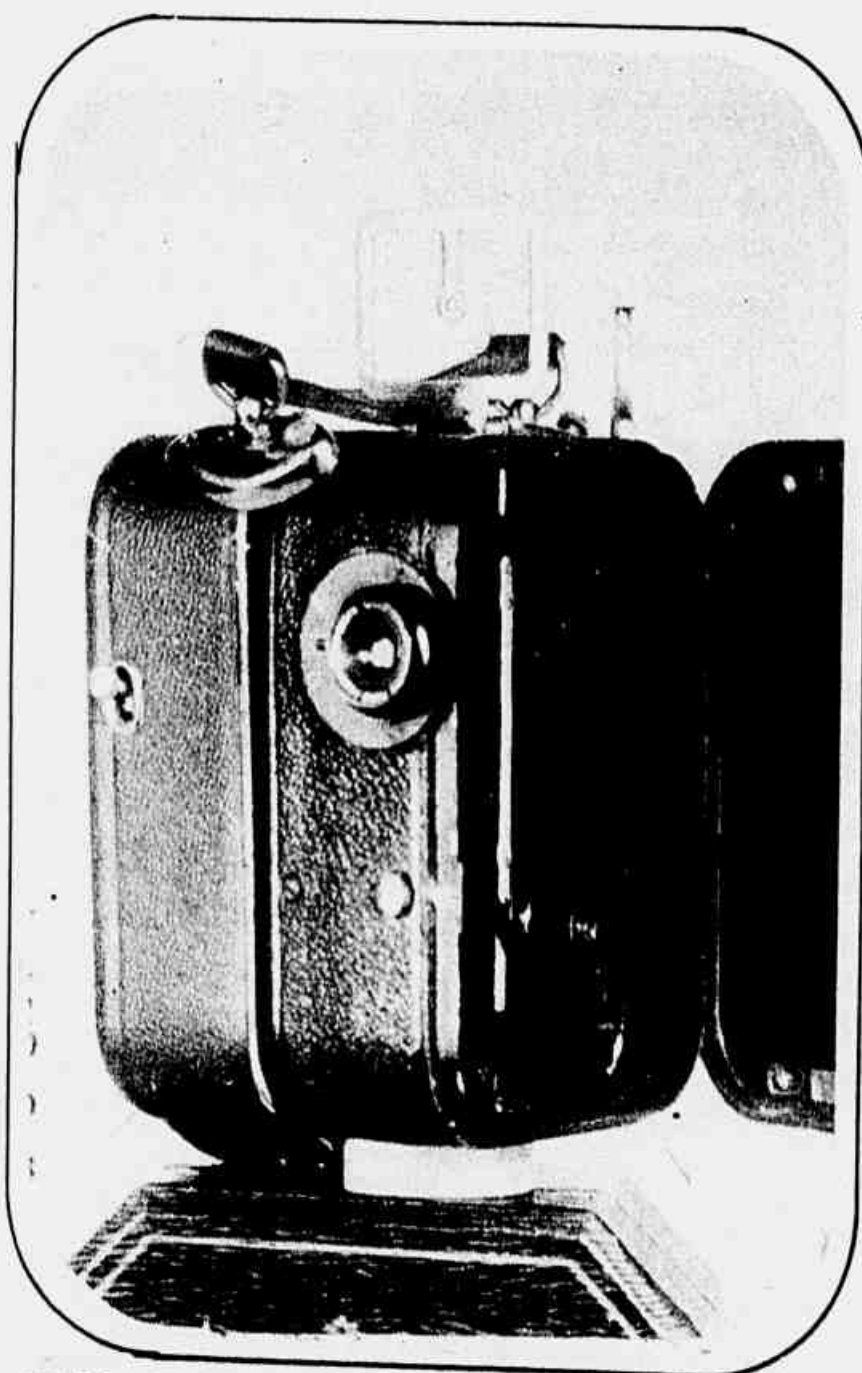
Pensava ter eu já dito o bastante ou pelo menos o essencial, o indispensavel para o nosso estudosinho do que se refere á cinematographia de amadores, quando me decidi a escrever mais umas linhas, ampliando um pouco, mesmo que parecesse perfeitamente dispensavel, esse circulo de conhecimentos que todo amador, todo aquelle que deseja iniciar-se nesse dilettantismo tão agradavel, tem forçosamente que manter sempre deante da sua cabeça, assim como sendo a força primordial, o "que" vital do seu proprio successo nesse ramo.

Decidi-me, portanto; mas decidi-me e vou dizer porque. E' que, embora a Cinematographia de amadores seja realmente o desenvolvimente (muito mais interessante e util, isso é indiscutivel) da photographia de amadores, não tem os mesmos caracteristicos, não exige justamente os mesmo conhecimentos; eu tinha dito que ninguem póde ser um bom "camera-man" amador sem ser primeiro um bom photographo amador, mas isso não implica dizer que, para se conhecer uma camara cinematographica, é bastante conhecer-se uma photographica... E depois, si eu fosse deixar para mais tarde o que um cinematographista amador deve saber "antes de mais nada", perderia a occasião, isso é indiscutivel, e perderia tambem a linha de conducta que tenciono seguir nesta série de artigos despretenciosos.

Vamos portanto conversar mais um pouco sobre photographia porque o assumpto é vital, mas vamos nos cingir, desta vez, á photographia animada. E então, mais adeante, para sabermos como fazer um filmsinho amador, iremos estudar como escolher uma novelasinha, como scenarisal-a, etc.

Que tal? Interessante, não é? Principiemos pois.

O "camera-man" amador que sabe usar as suas lentes é o unico que poderá tirar proveito de uma camara. Um amador que visa o seu "assumpto", que põe o seu "assumpto" no campo da objectiva e, ao apertar o botão que acciona a camara quando ella é automatica, ou, ao girar a manivella, diz comsigo mesmo "Com certeza essa vista vae sahir direita; uns metros para lá ou para cá não podem influir" não póde ser realmente um operador amador. Como poderá elle obter cinematographias que prestem, si nem ao menos sabe que quarenta centimetros de differenca podem deitar a perder um "close-up"? principalmente na camara do amador, a distancia deve ser "medida com a trena", e não calculada mentalmente. Isso é essencial. E é essencial principalmente em se tratando de fócos curtos, de primeiros planos, de objectivas extra-rapidas. No outro dia, ia eu atravessando a bahia n'uma barca da Cantareira quando um sugeito estrangeiro, um allemão, parecia-me, tirou uma De Vry da sacola de couro, visou um pôr do sol por traz das montanhas da Tijuca e apertou a mola. Mas teria elle sido bem succedido? Em se tratando de Cinematographia para amadores, a pratica no uso das lentes passa a ser tudo, ou pelo meos o essencial.

A profundidade de fóco, na camara cinematographica, tem a mesma significação que na camara photographica. Mas, si se podem obter photographias passaveis com uma camara de "stills" que trabalha com fóco a profundidade variavel, (camara focalisavel, em linguagem mais chã) sem ligar muita importancia a essa mesma profundidade, a essa mesma focalisação, já não se dá o mesmo com uma camara de films. Aqui as lentes têm que ser postas na sua justa medida. Aqui a profundidade de fóco tem que ser tomada em muita conta de outro modo tudo irá por agua abaixo. A razão está em que, ao se passar de uma camara de "stills" ou de "pose" para uma de films, desapparece um factor, "tempo". Com effeito, si a camara impressiona 16 quadros por segundo, é claro que não se póde alterar jámais o "tempo" de exposição concedido a cada quadro, ou, de outro modo, o resultado seria defeituoso; assim, emquanto na camara photographica, de "pose" ou de "stills o tempo da exposição vem contrabalançar em parte a incorrecção do fóco usado, fazendo pouco notavel, "mas sem fazer desapparecer", a incorrecção apontada, na camara de films já isso não é possivel; e pois que a persistencia da impressão retiniana é justamente de um dezeseis avos de segundo, em qualquer que seja a camara, de amador ou profissional, seja usando film de 9, 16 ou 35 millimetros, esse film deve ser exposto a uma velocidade de 16 imagens por segundo, para podermos ter a impressão do movimento. Para essa velocidade ser alterada, torna-se necessaria a construcção

UMA DAS MAIS POPULARES MACHINAS DE AMADORES

de lentes extra-luminosas e de camaras especiaes, e então cahiriamos na cinematographia extra-rapida, ou na extra-lenta, para usos especiaes, coisa que não convém ao amador, sendo mais da alçada do profissional. E' justamente por ser essa velocidade (dezeseis imagens por segundo) uma só para todas as camaras do mundo, que as camaras automaticas, motoras, são tão apreciadas pela maioria dos amadores.

Ha dois factores que influem na escolha do systema de fóco a ser usado, quer no trabalho photographico, quer no cinematographico. Esses factores são o factor LUZ e o factor DISTANCIA. A luz é regulada pelo iris; a distancia é regulada pela profundidde de fóco, cuja importancia eu fiz notar mais acima. Essa profundidade de fóco (convém mais uma vez bater nesta técla) significa a distancia em metros a que se deverá collocar o "assumpto"; si a lente vae trabalhar a uma profundidade de 5 metros, isso quererá dizer que todo objecto a 5 metros da lente sahirá perfeitamente definido no film, mas tudo aquillo que estiver para lá ou para cá dessa distancia irá sahir "flou", ou nublado, si quizerem.

O systema "f. q", cuja significação tambem ja apontei no meu artigo precedente, define justamente a relação que deverá haver entre a profundidade de fóco que irá reger a distancia e a abertura do iris que irá reger a entrada da luz dentro da camara. Nesse systema, o "q" é justamente o quociente entre o factor DISTANCIA e o factor LUZ; para se obter o valor "q" em uma lente dada basta dividir a distancia a que se acha o "assumpto" pelo diametro do iris empregado. A consequencia dessa operação é utilissima, porque, si eu disser, por exemplo, que vou trabalhar com minhas lentes a "f. q", por exemplo, sendo "q" igual a "A" multiplicado por "B" eu já estou mostrando que empregarei o iris de diametro "B" e que vou collocar meu assumpto a "A" centimetros de distancia.

Ha um meio muito pratico de experimentarmos a profundidade de fóco de nossas lentes, quando essa não se apresenta bem definida. Esse meio é o seguinte:

Ha um meio muito pratico de experimentarmos a profundidade de fóco de nossas lentes, quando essa não se apresenta bem definida. Esse meio é o seguinte:

Colloca-se a camara sobre o tripé bem fixo, e, com a trena, medem-se, a partir do iris, as distancias successivas de 1m, 1m,60, 2m,60, 3m,30, 5m, 8m,30, 16m,60 e ultimo de 30m.

A partir de trinta metros, em quasi todas as lentes de camaras de amadores o fóco passa a ser o infinito. Uma vez medidas essas distancias, planta-se no local determinado uma estaca para cada distancia e no topo de cada uma prega-se um quadrado de cartão amarello com a respectiva distancia marcada em numeros grandes, pintados com tinta preta. Mas faz-se isso de modo que a estaca seguinte seja mais alta que a antecedente, afim de sahirem todas ellas visiveis no film. Em seguida, deixando o iris completamente aberto, sem mexer nelle, põe-se a objectiva da camara focalisada sobre a primeira estaca, usando-se para isso das indicações que se acham ao redor da mesma objectiva; filma-se meio metro; depois focalisa-se a segunda estaca; mais meio metro; e assim por diante. Depois do film revelado e copiado, examina-se com uma lente, contra a luz, para vêr qual a focalisação, suggerida pelas indicações da propria camara, que não estão de accôrdo com a experiencia; e, para isso, basta examinar as estacas photographadas, uma por uma, total, oito "shots" visto que são oito estacas; aquelle dos "shots" que não mostrar a estaca correspondente com os seus algarismos bem definidos é uma prova real e patente de que ou as indicações na camara não estão exactas ou então... só nos resta ir brincar com uma lanterna magica.

Depois das lentes, o ponto mais importante que vem tocar o interesse da photographia de amadores é, conforme já tive occasião de fazer notar, aquelle que se refere ao emprego dos philtros. Os philtros, quando usados criteriosamente e não a torto e a direito, concedem ao film, especialmente desde que esse seja panchromatico, um resaltamente das côres mais claras ou mais escuras de ordem verdadeiramente notavel; nesse caso, quando os philtros são dessa ordem denominada "contrast", as côres que impressionam a emulsão panchromatica depois de artravessarem o philtro, passam a actuar ainda com mais potencia sobre o film, resultando disso, é facil de se vêr, uns escuros mais sombrios, e, em opposição, uns claros mais illuminados. A conclusão é afinal o maior relevo photographico.

A movimentação da camara é o outro ponto.

Conforme se sabe, o tripé permitte dois movimentos fundamentaes, isto é, o panorama e o basculo. O panorama é o movimento horizontal; o basculo é o movimento realisado sobre um plano perpendicular ao primeiro.

Mas não se póde abusar assim da movimentação na camara cinematographica; si os profissionaes pódem e devem fazer com que as suas camaras filmem panoramas, filmem em basculo, subam escadas, trepem palmeiras, etc.,

para o amador é muito preferivel começar sem pretenções, aos poucos, aperfeiçoando o seu trabalho, sem abusar nem da movimentação de camara, nem do uso dos "trucs", sempre difficeis de serem realisados.

A proposito disso, convinha transcrever aqui algumas palavras da autoria de um amador americano, Herbert C. McKay, quando foi do concurso de films amadores que uma revista cinematographica de Chicago instituiu ha coisa de dez mezes, mais ou menos.

Antes, porém, de lermos o que elle diz, convém fazer notar que, si tudo quanto eu tenho exposto precedentemente "é meu", isto é, é idéa minha, opinião minha, já assim não se vae dar com o que vamos lêr agora; os conceitos expostos daqui em diante, no artigo que passo a transcrever, publicado em "Photo-Era", são exclusivamente de Mr. Herbert, e eu proprio não concordo totalmente com elles, apesar de já ter visto cada um monstro cinematographico, perpetrado por um amador, justamente por ter abusado do movimento panoramico, que Mr. Herbert friza como sendo o mais delicado de uma "tomada" qualquer. Aliás, leiamol-o:

"A collecção de films apresentados no concurso foi de immenso interesse. Alguns delles, quando exhibidos, causaram tal surpresa a cada um de nós, uma surpresa agradavel, que realmente ficámos muito contentes por constatar esse facto, não só dentro de nós mesmo como dentro dos nossos visinhos.

No entanto, parece que ha dois pontos que necessitam que sejam gryphados, para o proprio bem do amador; é nesses dois pontos que nós queremos tocar.

Primeiro que tudo, temos censurado mais de uma vez, repetidamente, o amador que não deixa o seu tripé permanecer firme no seu logar, e vae abusando do panorama. Para sermos condescendentes, podemos admittir que ha innumeros panoramas bem tirados; porém, contra um bem feito, temos visto uma duzia ou mais de tal qualidade que, ás vezes, só servem apenas para arruinar completamente uma scena de valor!

O tripé, convenhamos, não é apenas um supporte para a camara, iss oé verdade. Além de ser a base de toda camara, elle, só elle poderá permittir a filmagem "em panorama". Mas si nós temos que filmar um panorama, será preferivel, usar um tripé que apresente a plataforma giratoria deslizando "por fricção", e não subordinada a manivellas, cujo manejo é sempre lento (1). Si o campo de acção da scena que, supponhamos, temos que filmar, é maior do que o angulo de camara, que é que havemos de fazer? Obrigar a camara a girar sobre si mesma para encerrar todo o campo dentro do mesmo angulo, ou afastal-a, augmentando o angulo para obtermos o mesmo resultado sem fatigar a vista ou o genio do espectador?

Na téla profissional nós encontramos uma g r a n d e abundancia de "filmagens em panorama"; mas cada uma dellas é necessario, tanto que, quando não são vagarosas o bastante par anão perturbarem, têm que ser tão rapidas que o assumpto filmado ainda fica impressionado na pellicula durante todo o tempo em que os ultimos planos da scena, com o movimento panoramico, se fundem em uma nebulosa sem fórma para serem substituidos por outros ultimos planos, correspondentes a outra montagem ou outro angulo da mesma montagem. E o mais interessante é que essa "tomada" ninguem procura "vêr"; pelo contrario, passa inteiramente despercebida, devido á sua rapidez.

O segundo ponto no qual queremos tocar é o fóco...

quando tivermos que fazer uma "tomada", não devemos cahir nesse erro de dizermos comnosco: "Ora, isso não importa; um pouquinho fóra de fóco não influe". E' preciso que nos lembremos de que, em uma téla de 40 pollegadas de largura (2), se dá um augmento proporcional de 100 vezes a imagem projectada. Si quizermos obter um bom film, precisamos de pôr as nossas lentes na justa medida. E só uma trena, alguns metros de cordão préviamente medidos, bastariam para remediar o deffeito.

E no entanto isso nem sempre é peor Muitos, mas muitos amadores mesmo, são positivamente descuidados no que tóca ás dentes e ao fóco. Parece extranho que o amador venha a comprar um apparelho dispendioso, depois venha a gastar film com elle para ser recompensado com um resultado nullo, quando uma trena significaria o fóco perfeito para cada uma das scenas a serem filmadas".

E ahi está o que diz o Herbert C. McKay.

Não desejo ajuntar nem tirar nada ao que elle diz; não desejo manifestar minha opinião a respeito do que elle aconselha, ponto por ponto; mesmo porque nem tudo quanto elle tão fortemente previne como uma causa de erro, isso nem sempre é possivel fazer, mesmo que se queira Quanto á questão do panorama, si todas ou quasi todas as camaras hoje são automaticas, sem tripé, como poderá corrigir-se esse erro que, diz elle, se dá assim tão frequentemente? Pelo contrario! Parece-me, cada vez me convenço mais disso, que na camara automatica é mais facil commetterem-se mais erros, justamente dessa qualidade, mais muito mais, mesmo, do que em todas as camaras manuaes, sejam ellas dotadas de tripé por fricção ou á manivella...

---

(1) — O tripé Pathé Baby não obedece ao movimento de basculo; é apenas uma plataforma giratoria por fricção.

(2) — Um metro e quinze, pouco mais ou menos.

RAYMOND GRIFFITH POSA PARA UMA MACHINA DE AMADORES. O OPERADOR E' EDDIE CANTOR.

# Quer ser Artista de CINEMA?

## UMA PERIGOSA QUADRILHA ORGANIZA-SE PARA LESAR OS INCAUTOS

### 56 VICTIMAS PROCURAM A POLICIA

— Quer ser artista de Cinema? Não precisa saber lêr nem escrever. Preparam-se em 3 mezes e garante-se um ordenado de 1:500$.

Praça Tiradentes n. 9, sala 2.

Este annucio, ou melhor, este "negocio da china", foi offerecido aos incautos que correram em grande numero a "Escola de Artistas Film Arte". O candidato inscrevia-se no curso e pagava a matricula de 100$000, podendo fazel-o em duas prestações. E' um optimo emprego de capital, dizia o director da Escola ao candidato a artista. O senhor emprega cem mil réis e dentro de tres mezes estará ganhando 1 conto e quinhentos.

E crente na honestidade do negocio lá se ia o incauto candidato a artista convidar os amigos e conhecidos.

— Queres ser artista de Cinema ganhando 1:500$000.

— Qual artista, qual nada. Eu nem lêr sei.

— Não precisa, eu tambem não sei e já me matriculei. E, assim, os proprios incautos, na melhor bôa fé, se incumbiam de fazer novas victimas. A matricula crescia cada vez mais e o numero de alumnos era já consideravel.

Albano Cardoso, empregado no commercio e residente á rua Santa Amelia n. 159 ao matricular-se, em Agosto, recebeu o seu cartão de matricula. Tinha elle o n. 276. Era o numero das victimas até aquella época como vão vêr os nossos leitores, pois a tal Escola de Artistas era, nada mais, nada menos, do que um dos maiores "caça-nickeis" que registra a historia da pirataria.

QUER SER ARTISTA?

E o annuncio convidativo contiua a ser espalhado. Os candidatos compareciam em crescido numero e os espertos cada vez mais se enchiam de dinheiro. Por fim, a convite de amigos, ali foi Joaquim Rodrigues, operario e residente com seu primo, Albano Cardoso, á rua Amelia, 159, galgou rapido, as escadas do predio n. 9 da Praça Tiradentes e ali recebeu uma senhora de nacionalidade franceza que diz ser o seu nome artistico Jeny Roland. Era a directora da Escola. Examinou as aptidões do candidato e presentou-lhe ao proprietario da Escola, Henrique Nolis que usa ainda outros nomes. Foi-lhe cobrada a matricula e Joaquim Rodrigues ficou habilitado a ser artista no fim de tres mezes.

Vendo que as aulas não funccionvam e já meio desconfiados, Albano Cardoso e Joaquim Rodrigues procuraram a directora da Escola, para fazerem uma reclamação.

Esta, longe de perder a calma, foi logo dizendo:

— A proposito. Eu ia mandar chamar os senhores pra fazer, amanhã, a prova pratica, no Sylvestre.

No dia fixado, lá estavam os dois candidatos que foram levados pela directora da Escola, que queria conhecer as suas habilitações. Mandou

(Termina no fim do numero)

# Almas em conflicto

(SOUTH SEA LOVE)

Charlotte King, PATSY RUTH MILLER; Fred Steart, LEE SHUMWAY; Jake Schuler, HARRY WALKER: Bob Bernard, ALLAN BROOKS.

*FILM DA F. B. O.*

Direcção de RALPH INCE

A vida é uma constante luta, uma luta encarniçada e impiedosa, onde os homens se degladiam em choques de todo o genero, ora pelo amor de uma mulher, ora pelo dinheiro...

Cáes de embarque da cidade de New York. O grande transatlantico vae deixar as amarras, em demanda das terras tropicaes, e duas pessoas trocam suas despedidas.

Eram Fred Steart e Charlotte King, um homem cheio de espepernanças pelo futuro, e uma mulher ambiciosa de glorias, sequiosa pelos triumphos que de longe lhe acenavam as phosphorecencias de Broadway. Steart partia com o unico fim de adquirir fortuna nas ilhas dos mares do sul em busca de perolas que ornassem sumptuosas o collo de Charlotte, e esta, embora sentisse por aquelle homem uma amisade sincera e capaz de tudo, regressava para o brilho de seus triumphos nos palcos da Broadway...

Ali, entrando em negociações com os mais famosos empresarios theatraes, conheceu a ruidosa fama das grandes "estrellas" e assim chamou as attenções dos homens que gastam e cultuam o bello. Dois annos se passaram e a formosura estonteante de Charlotte, ajudada pelo espirito utilitarío de um protector que explorava a situação, ia perturbando a calma de muitos corações, até chegar a attingir o joven Bob Bernard, que por ella apaixonou-se loucamente. Bob, ciumento e impulsivo, foi a causa da mudança de vida de Charlotte. Quando Jake Shuler fazia uma proposta a Charlotte para as "Folies", Bob entendeu que aquillo era um galanteio e provocou uma scena de pugilato, valendo isto como uma derrota para Charlotte.. Esta seriamente prejudicada em seus planos não quiz mais saber de conversas com o rapaz, o que deu em resultado o recrudescimento de seu ciume, declarando então Bob que muita loucura já fizera pela moça, chegando ao ponto de roubar para dar brilho e magnificencia á sua vida de mariposa do luxo. E, na furia de seu ciume, ia quasi atirando sobre aquella mulher tentadora se não fosse a intervenção de um amigo, que o aconselhou a embarcar immediatamente para as ilhas do sul para onde estava Steart, por exemplo. Acceito o conselho, mesmo porque sua situação era insustentavel, Bob embarcou promptamente e semanas depois chegava ao pestilento logar onde Steart levava á peor existencia que um exilado poderia levar. Preoccupado em encontrar perolas, Steart esperava o momento de poder voltar para junto de sua Charlotte, quando viu chegada a opportunidade, telegraphando immediatamente.

O telegramma, porem, chegou as mãos de um homem mal intencionado e a resposta que Steart recebeu foi esta: "Se é por minha causa que pretende voltar não venha porque mudei de idéa — Charlotte". Deante disto, todas as esperanças ruiram fragorosamente, quando chegou Bob, que lhe disse mais ou menos no decorrer de uma febre delirante, o que acontecera. Convencidos de que eram victimas da mesma mulher, elles resolveram tomar tremenda desforra, formulando um telegramma em que Steart era dado como morto e chamando Charlotte para entrar na herança deixada pelo mesmo. A noticia, longe de alegrar a moça, causou profunda magua em seu espirito, e tristemente ella partiu para as ilhas dos mares do sul. Ali, deante dos dois homens, cheia de surpresa, viu que todos os seus actos tinham merecido a condemnação definitiva. Steart ia agora vingar-se, prendendo-a na ilha, fazendo a soffrer, isolada numa cabana, sem as commodidades da Broadway. Charlotte protesta e tudo resulta em pura perda de tempo, pois assim já tinham resolvido. E a chuva inclemente envolveu aquella noite da tristeza lugubre de um cemiterio. Bob agitava-se nervoso. Steart da-lhe então a nova de que elle iria partir para a America, levando aquella mulher. O rapaz sente se satisfeito, e, querendo ainda uma vez apoderar-se de Charlotte, vae surprehendel a no somno, quando então ouve que era a Steart que ella amava, Steart vindo para castigal o, soube que tudo era mentira, pois Charlotte não perdera a amisade que um dia lhe jurara, e assim, reconciliados, perdoaram o rapaz que regressou para a America, ficando Charlotte e Steart com o seu grande amôr.

DON ALVARADO E
MARCELINE DAY EM
"DRIFT WOOD"

SUE CAROL E
ARTHUR LAKE EM
"THE AIR CIRCUS"

# O que se exhibe no Rio

## ODEON

HOMENS ANONYMOS (Nameless Men) — Tiffany Stahl. — Programma Serrador.

Mais um film da serie do genero "Underworld". Fraco, por muitos motivos. Claire Windsor e Antonio Moreno são os principaes, mas Eddie Gribbon rouba o film todo e por isso mesmo, é supportavel. Eddie, sem contar dinheiro, faz rir.

Aquelle preto da "Gratidão de filho", o Stephen Fetitch, toma parte e continua a ser um bom numero.

Cotação: 5 pontos. — A. R.

₴ Passou em "reprise" o velho film "A tia de Carlito".

## IMPERIO

ESCRAVAS DO OURO (The Silver Slave). — Warner Bros. -- Producção de 1928. — Prog. Matarazzo.

Irene Rich e Audrey Ferris. Mãe e filha. Irene recusa obedecer aos dictames de seu coração para saciar a sua sêde de riquezas. Arrepende-se como sempre. Mas é tarde. Audrey herdou o seu modo de pensar; despreza o pobre Carrol Nye e acceita os beijos de John Miljan e toda a sua riqueza. Herbert Holmes, o recusado de Irene, volta rico (elles sempre voltam ricos...). E Irene quasi sacrifica o seu coração novamente, apparentando amar John, para arrancar-lhe a filha.

Mas tudo acaba bem.

A historia é convencional e corriqueira. Mas Howard Bretherton dirigiu o film com elegancia, de modo a tornal-o agradavel.

A photographia é nitidissima como ha muito não via. Os ambientes são todos finos e luxuosos.

Irene Rich, Audrey Ferris e Holmes Herbert vão admiravelmente bem.

John Miljan e Carrol Nye não são lá dois typos bem photogenicos, mas passam...

Audrey Ferris sabe beijar. Ella é um colosso de pequena!

Cotação: 6 pontos. — P. V.

## GLORIA

ESCRAVOS DO VOLGA (Die Leibeigenen). Ufa — Producção de 1928. — Prog. Urania.

Mais uma moderna producção dos Studios da Ufa.

Já se sabe que a sua photographia é extraordinariamente nitida e artistica, que os apanhados de "camera" são lindos, que os angulos são os mais atrevidos, a technica de "camera" a mais moderna e audaciosa, a representação quasi americana e a direcção só defeituosa no que diz respeito á parte de Cinema Puro.

E' um film agradavel, cheio, que prende o interesse de principio a fim, com a sua narração suave e prenhe de detalhes curiosos.

A atmosphera e o ambiente são os mais perfeitos. Só assim a gente póde ver como eram falsos os ambientes e a atmosphera de "Tempestade", de John Barrymore.

Não ha estudo de caracteres. Mas a narração dos factos e o estudo das paixões supprem-lhe a falta.

Mona Maris tem um desempenho bom. Mas não é uma figura de "it". Harry Holm é o seu galã.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

## PATHE' - PALACE

LIBERDADE DE IMPRENSA (Freedom of the Press). — Universal. — Producção de 1928.

Assumpto já velho e um tanto convencional, que recebeu vida nova ás mãos de George Melford.

E' a conhecida historia do director de jornal que expõe os podres dos figurões da cidade.

Os seus inimigos o assassinaram. Mas o seu filho continua a campanha iniciada, apesar do amor que devota á protegida do adversario.

E' esta a estructura do enredo.

O romance amoroso de Malcolm Mc Gregor e Marcelline Day é formoso e interessa.

Ha scenas de valor, no film.

O "climax" é forte e sensacional. Entra dynamite, fogo e muita gente.

BANCROFT EM "SUPER-HOMEM"

As scenas das mortes de Henry B. Walthall e Lewis Stone são boas, com especialidade a primeira.

E' uma mistura bem feita de film policial com um pouco de vida de jornaes.

George Melford evitou a vulgaridade.

Podem ver sem medo.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

₴ Passou em "reprise" "Os Tres Homens Máos".

A NAMORADA DE TODOS (The College Widow). — Warner Bros. — Producção de 1928. — Prog. Matarazzo.

A primeira tentativa de Dolores Costello na comedia. Falhou. Não porque ella não dê, absolutamente. Não é o seu genero, mas com melhores "argumentos" e mais bem dirigida poderá até vir a ser ainda uma bôa comediante. Assim não.

O "argumento" é fraco. Poucas opportunidades offerece ao director e ao elenco.

E' o "argumento" ideal para as marcas que têm que lançar determinado numero de films por mez. E' convencional, mecanico, excessivamente falso.

Além de estar mal scenarisado, mal continuado e mal dirigido. Ha trechos enormes que a gente não entende, porque não estão bem narrados.

As piadas, além de poucas, são conhecidas. Só Big Boy Williams faz rir de facto. Elle está ficando cada vez melhor.

Vão ver por Dolores, William Collier, Big Boy e Douglas Gerrard.

Cotação: 5 pontos.

₴ Passou em "reprise", "Hombro Armas" de Carlito.

## CAPITOLIO

O SUPER HOMEM (The Drag Net). — Paramount. — Producção de 1928.

A Paramount fez o possivel para reproduzir a façanha de "Paixão e Sangue", o que lhe parecia não ser tarefa das mais difficeis, visto estarem em suas mãos quasi todos os principaes elementos que entraram na composição do maior film do genero.

A formula era — George Bancroft, Evelyn Brent, Fred Kohler e Josef Von Sternberg.

Houve a introducção de novos elementos — para tornar superior ainda o novo film.

E a verdade manda a gente confessar, que, si, o alvo não foi inteiramente attingido, errado tambem não o foi.

"O Super-Homem" não repete integralmente o tremendo successo de "Paixão e Sangue". Não por ter o elenco representado com menor vigor. Não por ter sido inferior a direcção de Josef Von Sternberg. Mas por não ser o material de que foi feito da mesma qualidade superior de "Paixão e Sangue".

A sua historia é falsa. E' muito artificial. A todos os instantes está provando não ser fiel á vida real.

E' uma trama imaginada mecanicamente, com o fim exclusivo de dar na téla determinados effeitos.

Aquelle julgamento do principio, em vizinhança tão perigosa, aquellas festas todas, a transformação do caracter de George Bancroft e outros pontos do film, chocam por não serem fieis á verdade.

Mas o film todo está assombrosamente bem dirigido por Josef Von Sternberg. E' o que o salva.

Acredito que outro director no seu logar seria causador de um grande fracasso.

Josef é extraordinario. No film inteiro não ha uma só scena apresentada de maneira vulgar. Todas ellas têm qualquer cousa que revela a força do director. Não as cito para não iniciar uma lista interminavel. Vejam o film com a maxima attenção.

Observem bem como os elementos "tempo" e rythmo foram manejados pelo director.

Vejam como elle soube augmentar a tensão nervosa, que vae num ininterrupto crescendo até o final, só com o auxilio desses dois elementos.

Vejam o effeito que elle tirou, para a caracterização, para a ambiencia e para a propria narrativa dos factos, da composição e da illuminação, elevadas ao maximo expoente.

Os caracteres centraes são desenvolvidos vagarosa, mas seguramente.

William Powell, George Bancroft, Fred Kohler, Evelyn Brent e Leslie Fenton.

Só o estudo encetado com Bancroft falha. Assim mesmo, no final. E por exigencias da Bilheteria.

A sua mudança brusca, a sua transformação de lobo em cordeiro não convencem absolutamente.

O typo vivido por William Powell é extraordinario. Evelyn Brent desta vez tem muito menos que fazer. Mas ella é uma "tinta" tão bôa, que não precisa mesmo fazer nada, a não ser cruzar as pernas, fumar um cigarro e olhar de soslaio.

E depois hoje em dia um film deste genero sem Evelyn tem um grave defeito...

Fred Kohler continua a ser o perigoso inimigo de Bancroft.

Leslie Fenton tem um "bit" de grande valor. E o seu trabalho é estupendo. Como o é o de Francis Mc Donald, cuja morte no film representa um dos seus grandes momentos.

O film é grande. E' poderoso. Empolga de principio a fim.

Si a sua historia fosse mais real, seria um colossal successo artistico.

Não fosse a intelligentissima direcção de Josef Von Sternberg não seria mais que uma vulgarissima e convencional historia de policias e ladrões.

O elenco inclue mais, todos com optimos desempenhos, Alfred Allen, Allan Garcia, Harry Semels, George Irving e Syd Marks.

O scenario de Charles e Jules Furthman é moderno e descreve tudo em largos e vigorosos traços.

Recommendo aos leitores como extraordinarias pela direcção de Von Sternberg as scenas do baile, do julgamento, da prisão, da morte de Leslie e da morte de William Powell.

Esta ultima é formidavel.

O final é mais uma homenagem prestada á Bilheteria...

Não percam o film. Vocês já viram o George como ladrão. Vão vel-o agora como detective...

Cotação: 8 pontos. — P. V.

₴ Passou em "reprise", "Uma noite de amor", de Vilma-Colman.

RACHEL (Loves of an Actress). — Paramount. — Producção de 1928.

Este film não tem um thema, propriamente. A sua historia é bem fraca até.

Depois de visto, olhado no seu conjuncto, apenas resalta um bom estudo de caracter, levado a effeito por Rowland Lee, com o auxilio de Pola Negri.

E' a vida das aventuras mais ou menos escandalosas de uma celebre actriz, descripta em largos e curtos traços, até o encontro do seu primeiro amor.

Depois... Lá vem novamente a velha situação da mulher apaixonada, que é forçada a sacrificar o seu amor, para não ver prejudicado o seu bem amado...

Das scenas iniciaes, em que Rowland Lee procura mostrar a origem de Rachel, as suas lutas e as influencias formadoras de seu caracter, até o encontro do seu primeiro e verdadeiro amor, o film tem certa linha, como estudo de caracter.

Depois cáe um pouco, para levantar-se novamente no fim, com a bella scena do palco e o lindo e sentimental final.

A acção decorre num periodo que já vae um pouco afastado da época actual.

Pola Negri tem novamente occasião de se vestir com aquellas roupas horriveis de antigamente...

O principio é todo bom. As scenas da recepção de Rachel aos seus admiradores, aos "aproveitadores de sua fama", é theatral, mas desculpa-se como narração rapida de um caracter e de uma época.

O seu encontro com Nils Asther é bom.

E' romantico. Mas está esticado no principio, nos "planos" dos cavallos em disparada, para effeitos do Cinema falado...

A scena do palco tambem com os "planos" dos applausos da multidão.

O final é lindo. Commove.

Os ambientes reflectem o periodo em que se passa o film. A atmosphera foi bem cuidada.

E ha detalhes de valor.

Pola Negri tem um bom desempenho. E como ella está linda e seductora! Indiscutivelmente o director que mais bem lhe fez em Hollywood, depois de Lubitsch, foi Rowland Lee. Foi até remoçal-a e fazel-a mais bonita! Nils Asther, com a sua linha impeccavel, secunda-a a contento.

Paul Lukas e Nigel Brullier têm dois importantes papeis.

Podem ver. Creio que os "fans" mais exigentes não gostarão.

Mas estou certo de que os fieis admiradores de Pola, todos os que a não abandonaram, apesar dos seus azares nos Estados Unidos, terão muito prazer em revel-a.

E' um film elegante, embora as suas sequencias tragam a poeira da época e do assumpto.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

## CENTRAL

O PREÇO DA VIRTUDE (The Heart of a Follies Girl). — First National. — Producção de 1928. — Prog. M. G. M.

Uma historia fraquissima, sem o menor vislumbre de logica, que tenta justificar o amor de uma linda actriz por um homem que não trepidou em vender a sua honra para chamar a sua attenção e a mudança de resolução do patrão do ultimo, seu rival, que resolve perdoal-o.

Mas a fraqueza do assumpto é em parte salva pela belleza da composição que o director John Francis Dillon soube dar a todas as scenas e pela formosura sem par da linda Billie Dove.

Como quasi todos os films dirigidos por John, este tambem tem a maior parte de suas scenas apanhadas em angulos baixos.

Não sei porque, mas eu acho que as scenas apanhadas assim impressionam melhor. Dão relevo ás figuras.

Lowell Sherman faz um elegante, mas apparece muito pouco. Larry Kent é o heróe. Mildred Harris toma parte.

Ha uns quadros de revista theatral que vão inspirar muita gente.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

## PARISIENSE

NOBREZA E VILLANIA (Good Time Charlie). — Warner Bros. — Producção de 1928. — Prog. Matarazzo.

Eu cada vez entendo menos o que levou a Warner a contractar Michael Curtiz. Desde que chegou a Hollywood elle só tem feito asneiras. Com os recursos com que elle tem contado, qualquer director brasileiro faria mais successo.

Elle ainda não se assenhoreou da linguagem do Cinema.

O seu methodo de direcção é atrazado, é theatral, é muito europeu. E' elle o unico responsavel pelo fracasso deste film.

O material não era de primeira ordem. Mas podia ser mais bem aproveitado. Sequencias bellissimas foram, pelo director, transformadas em vulgares ajuntamentos de "hokum" do mais barato.

O final, então, está tão arruinado, que faz a gente ter vontade de esganar o Michael. Só quero ver o que elle fez, com "Noah's Ark". Emfim, como se trata de um grande espectaculo".

Warner Oland, com aquella sua pavorosa cara de villão, nunca que poderia fazer o papel que tem aqui

Nem Mary Carr em "Honrarás Tua Mãe" soffreu tanto e tão ridiculamente!

Clyde Cook tem um desempenho discreto. Mas a gente vê logo que elle não foi dirigido.

Montagu Love é um villão detestavel. Julanne Johnston e Helene Costello enfeitam o film. Helene, então, está linda como nunca a vi.

O scenario é muito imperfeito.

E são simplesmente ridiculas as "fusões" e o exterior do asylo de artistas.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

O Parisiense andou exhibindo uma serie de "reprise". "Castidade", mais uma vez, sob o titulo de "Toda nua", com um material de reclame todo constituido daquellas photographias em que a Empreza Vital R. de Castro se tornou especialista, sem nada ter com o film.

"Tristão e Isolda" que já passou ha uns dez annos. E depois, "O Ladrão de Bagdad", de Douglas Fairbanks.

## RIALTO

QUANDO UMA PEQUENA QUER (The Cardboard Lover). — M. G. M. — Producção de 1928. Prog. M. G. M.

Marion Davies de film para film affirma com mais vigor o seu direito pleno, absoluto, ao titulo de "a melhor comediante da téla".

O seu rosto lindo, o seu corpo bem talhado, a sua personalidade nova, vibrante, rica de "it" e outras manifestações de magnetismo fazem-n'a uma das figuras mais interessantes da Arte do Silencio.

As suas creações cinematographicas são sempre agradaveis. Antes de mais nada, pela sua figura, são essencialmente photogenicas. E depois, pelo seu desembaraço, pela sua agilidade e pelo seu bom humor incomparavel são creações que nos ficam a bailar nos olhos eternamente.

Esta comedia da M. G. M. tem o merito de apresental-a em mais um desses papeis, que tão bem se lhe adaptam ao temperamento.

Como sempre, Marion é a alma de todas as scenas. Ella só é o film inteiro.

Sempre com os seus gestos caracteristicos, com o seu maneirismo fino, delicioso.

A comedia é leve, esfusiante de graça fina. E' verdade que em alguns trechos apresenta scenas um tanto burlescas com motivos um nada grossos. Mas abrilhantadas pela personalidade scintillante de Marion Davies, até com o mais grosseiro "slapstick" passariam desapercebidas.

Ha subtilezas, tambem. Robert Leonard soube introduzil-as com pericia nesta comedia movimentada e luxuosa. E a representação, ás vezes, toma aspectos elegantissimos.

A acção tem logar em Monte Carlo, local imaginado de mil maneiras differentes, por todos os sonhadores. E Robert Leonard comprehendeu isto. Tanto que apresenta as suas scenas dentro dos "sets" mais maravilhosos que tenho visto ultimamente.

São verdadeiros "sets" de sonhos.

Ha satyra, tambem. E satyra bem imaginada. A's caçadoras de autographos e ás realezas sportivas, que procuram as praias do Mediterraneo.

Não percam o film. Vocês vão ficar admirando mais ainda a estupenda Marion Davies. Sobretudo, quando ella imita Jetta Goudal...

Nils Asther é o heróe. Bello rapaz, como vocês todos sabem, Nils tem um desempenho distincto, elegante. De Segurola faz o que elle é na vida real.

Jetta Goudal, num papel de sua especialidade, merece applausos. Ella é picante e seductora. Tenen Holtz e Pepi Lederer tomam parte.

T. Hugh Herbert fez um scenario bastante satisfatorio.

Vão ver Marion Davies "cavar" autographos e um marido em Monte Carlo...

Procurem a ironia que o film encerra...

Cotação: 7 pontos. — P V.

## PATHE'

A QUADRILHA DO ALÉM (The Thief in the Dark). — Fox — Producção de 1928.

Mais uma casa mysteriosa povoada de fantasmas apavorantes. Mais um mago ladrão que se aproveita de seus conhecimentos de uma especie de espiritismo muito complicado para roubar um pobre velho. Mais um ladrão que se regenera pelo amor de uma deliciosa e pura menina. Mais uma criada grotesca a fazer caretas e a tremer de medo. Mais uma photographia escura, exquisita, cheia de effeitos de luz.

Mais sustos. Mais passagens secretas. Mais um film de Albert Ray para a Fox.

Este film foi projectado como comedia de aventuras mysteriosas. Mas o genero tem sido tão explorado, que só mesmo em casos muito excepcionaes poderá ainda dar bons films. E o resultado é que "A Quadrilha do Além" faz rir pouco e intriga menos ainda. Doris Hill é muito engraçadinha. George Meeker é horrivel. Gwen Lee está estragada. Marjorie Beebe tambem.

Só Noah Young não foi prejudicado.

Coitado do Michael Vavitch!

Cotação: 4 pontos. — P. V.

**"RACHEL" E' POLA NEGRI**

PERSEGUIDO DA SORTE (A Hero on Horseback). — Universal. — Producção de 1927.

Mais um film caracteristicamente de Hoot Gibson para a Universal. Uma historia que dá logar a algumas proezas de cavalleiro e pugilista, com um villão (de bigode ou sem bigode), uma heroina bem bonitinha, um cavallo, umas bôas piadas e uma sensação qualquer para "chimax" — eis a formula dos films de "cowboys".

O diabo é que nem assim certos directores conseguem resultado aproveitavel. Mas isto não se dá com Del Andrews, aqui.

Elle conseguiu um bom filmzinho para Hoot, que pratica varias acrobacias no seu cavallo, dá uma surra de facto no villão, que é o Edward Hearn (de bigode), namora a linda Ethlyne Clair, tem occasião de fazer rir com Dan Mason e no "climax" salva a heroina de morrer suffocada no cofre.

Vão ver. Não custa nada. E' outro "western"...

Cotação: 5 pontos. — P. V.

## OUTROS CINEMAS

SÃO DE CORPO E ALMA (The Mojave Kid). — F. B. O. — Producção de Matarazzo.

Considero este film como mais uma producção fraca da F. B. O., no genero "far west". Argumento desinteressante e muito explorado. Não ha em todo o film, uma scena siquer que mereça certo destaque. Tudo na fórma commum dos films de carregação.

Bob Steele, não agrada desta vez. O seu penultimo film deixou melhores impressões. Lillian Gilmore é a pequena. Engraçadinha a Lillian...

Não vale a pena vocês irem ao Cinema, com todo este calor, sómente por causa deste film do Bob.

Cotação: 3 pontos. — A. R.

PO' DO DESERTO (Desert Dust). — Universal.

E' sempre a mesma cousa. Historia batidissima e que perde logo todo o interesse. Não ha tratamento.

Ted Wells, como heróe, não agrada tanto como por exemplo, no seu primeiro film para a mesma marca. O seu trabalho não se destaca; parece um destes "cowboys" baratos de films de 2 partes.

Lotus Thompson é uma figura muito sympathica. Dick L'Strange, George Ovey, Bruce Gordon, Frank Clark e outros apparecem nos outros papeis. Film proprio para as matinées infantis de domingo...

Cotação: 3 pontos. — A. R.

OS TRES LUTADORES (The Fighting Three). — Universal. — Producção de 1928.

De todos os films-drogas em que Jack Hoxie tem apparecido, este é sempre melhorsinho.

Começa de uma fórma interessante e assim se mantem até um certo ponto, vindo a cahir para o fim. Era uma bôa historia para Hoot Gibson dirigida por William Seiter. Mas...

Afinal, ha o trabalho de outros artistas.

Olive Hasbrouk continúa muito bonitinha. Marin Sais, velha companheira de Olie Kirby nos antigos films da Kalem (eu gosto de vez em quando de relembrar aos amigos, estas cousinhas. Trazem em muitas occasiões, bôas recordações...) está interessante, no papel de bailarina decidida. William Dyer, mais uma vez é o "sheriff".

Engraçado na scena do espectaculo. William Norton Bailey, Henry Roquemore, Buck Connors e outros tomam parte.

Está na vontade de vocês, assistirem este film ou não.

Nada mais tenho a dizer.

Cotação: 4 pontos. — A. R.

**NORA LANE**

# DE BERLIM...

BETTY AMANN

RINA DE LIGUORO

O DIRECTOR HANNS SCHWARZ E O OPERADOR CARL HOFFMANN APANHANDO UM "PRIMEIRO PLANO" DE DITA PARLO PARA "HUNGARISCHE RHAPSODIE"

RINA MARSA...

ALBERTA VAUGHN E ELINOR FLYNN

E D M U N D L O W E

# Os Amores de Alice White

( F I M )

mas a quem possam, ao mesmo tempo, confiar as suas maguas!... Não sei. Entretanto, isso lisonjeia um pouco o nosso amôr proprio, dá-nos a sensação de que estamos ajudando á alguem. E si a coisa se faz em segredo, maior é o prazer.

Nunca esquecerei o dia que precedeu o da sua morte. Eu conduzia o meu automovel pelo Boulevard, quando Tom me veio ao pensamento. Ha muito que não o via, e tomei a direcção da sua casa; mas consultando o meu relogio, vi que era muito tarde e resolvi deixar a visita para o dia seguinte. Mas era tarde. Não me digam que não havia qualquer coisa nessa telepathia. Quem sabe si, obedecendo ao impulso do meu instincto, não teria eu contribuido para evitar o o funesto acontecimento? Talvez elle tivesse tido necessidade de mim novamente, para desabafar a sua dor.

John Gilbert é um outro homem que gosta da companhia das pequenas.

Elle costumava ficar momentos esquecidos a conversar commigo a respeito de Rudolph Valentino. Nessas occasiões repetia-me sempre o seguinte estranho facto. Na tarde em que Valentino morreu, Gilbert achava se a porta de sua casa, quando viu uma pequena nuvem de neblina baixar sobre a casa do artista moribundo. Era uma nuvem curiosa de sombreados particulares. Não havia outra naquelle trecho do espaço. John consultou casualmente o seu relogio na occasião. Mais tarde soube da morte de Valentino e, comparando as horas, verificou que era naquelle instante exactamente que a alma de Rudolph deixava o respectivo corpo.

E Jack gosta de falar da sua carreira. Não se cansava de falar das suas ambições. A sua aspiração é ser director e dirigir alguns films importantes.

As relações de Jack Gilbert são qualquer coisa e admiravel para uma rapariga. Verdadeiro animador, é de ver como elle nos affirma a sua convicção no nosso successo e como nos estimula a perseverar. O sentimento que Jack Gilbert nos inspira não é propriamente o do amor sexual, mas o da amizade. A gente se apaixona não pelo "homem", mas pela "personalidade".

Privei, já se vê, com uma serie de homens em Hollywood, e os mexericos (Hollywood é o paraiso do mexerico) descobrem sempre nisso um "caso". O anno passado pretenderam casarme com Leslie Fenton, com quem eu vinha em maior intimidade desde algum tempo. Uma noite no Montmartre, Eddie Brands approximou-se de nós e disse:

"Que bello par fazem vocês dois. Vocês deviam casar-se".

"Quem sabe si isso não se fará", respondemos nós. Era apenas um gracejo, mas em Hollywood as brincadeiras são levadas a serio. Ora, como um de nós dois, não me recorda bem si eu ou Fenton, haviamos accrescentado que nos casariamos naquella noite mesmo, no dia seguinte, graças á indiscreção de alguem que ouvira a conversa, os jornaes annunciavam que nos haviamos casado.

Certa occasião falou-se de mim com Gilbert Roland. Elle costumava visitar-me para falar da sua paixão por Clara Bow. Falaram tambem de Victor Fleming. Não era verdade, embora não se possa conhecer Victor sem gostar delle, tão bom é elle e tão carinhoso para as mulheres, que, afinal, gostam todas de serem animadas como creanças.

Mas o meu... o homem de quem realmente eu mais gostei na vida, creio, foi Dick Grace, o aviador. Nós trabalhavamos no film "The Big Noise". Um dia na sala de restaurante da First National nós fomos de encontro um ao outro — um verdadeiro abalroamento na expressão literal do termo. "Perdão!" desculpamo-nos reciprocamente, e proseguimos o nosso caminho. Sentando-me á uma mesa com Chester Conklin, perguntei-lhe quem era aquelle rapaz. Chester nos apresentou. Não se passava muito e o aviador levava-me para as alturas no seu aeroplano. Nunca ninguem me havia beijado num aeroplano e a minha sensação foi simplesmente deliciosa.

Falou-se muito do meu casamento com Dick Grace. Fomos realmente noivos mais de uma vez, mas Dick não é uma saude perfeita; soffreu um accidente grave de aviação e como consequencia tem as suas crises de aborrecimento. Eu tambem sou sujeita a esse mal e é impossivel a vida em commum para duas pessoas com tal espirito. Nunca homem nenhum me tocou o coração como Dick, mas...

Quer saber? Creio que até o presente momento ainda não encontrei a minha grande paixão. Estou ainda a procural-a. Oh! como eu desejaria encontrar um homem que me arrebatasse, me fizesse perder a cabeça. O meu mal é que sou muito franca. Os homens têm o instincto do caçador.

Elles querem perseguir a mulher como uma caça e se convencerem de que lhes custa muito trabalho impôr-se á attenção do objecto cubiçado. Quando gosto de um um homem, digo-lhe isso redondamente, e não lhe difficulto o trabalho de conquistar o meu interesse. Sei que não é este o melhor processo, mas é da minha indole a honestidade nessa materia. Talvez seja isso, porque não encontrei aida o homem a quem ame realmente. Quando encontral-o, talvez que me sinta timida e discreta.

Perguntam-me frequentemente si na minha opinião uma mulher que exerce a profissão de actriz deve casar-se. Penso que todas as raparigas devem casar-se, mas não emquanto são actrizes. Ha tempo para tudo na vida. Pode-se ser dactylographa ou escripturaria e ser casada; mas visto que todo homem é ciumento e que a vida de uma actriz viva cercada de excitamentos e de homens que trabalham com ella nos seus films — a vida conjugal nesses casos não pode correr muito bem.

Uma mulher deve fazer a maior parte da sua carreira e economisar até sentir-se financeiramente independente, e então casar-se e abandonar definitivamente a téla. Isso é o que eu planejo para mim e porfio em realizar.

E porfiarei por duas razões: primeiro porque penso que é a unica coisa de correcto a fazer-se. Quando uma mulher trabalha no Cinema ou no theatro, ella tem um auditorio a agradar. Toda a sua existencia deve subordinar-se a esse compromisso. Não lhe será possivel representar, si tiver no espirito, emquanto se filma uma scena importante, a preoccupação das costelletas de porco e o frango para o jantar logo mais, ou a duvida entre o verde e o azul como tonalidade mais conveniente para as cortinas que deve comprar. Não, ella tem de pensar exclusivamente na scena, e em nada mais. E si ella tem um marido que volta á tarde para casa, ella deve estar preoccupada com elle. Ora, pensar no marido e representar ao mesmo tempo, não é possivel. Tem de escolher; e não é esse o unico procedimento correcto para com o publico, mas tambem para o seu marido.

Eis a razão porque nunca me casarei emquanto trabalhar no Cinema.

# CINEMA BRASILEIRO

( F I M )

No proximo numero, iniciaremos as nossas impressões de S. Paulo, que nos forneceu muitas novidades, desta vez.

## A CRUZ DO AMOR

E' este o titulo de um romance brasileiro, escripto por Cacilda de Rezende Pulino, que o offerece a qualquer uma das nossas empresas cinematographicas que desejar filmal-o. Para isso, bastará escrever-lhe directamente para Catanduvas, Estado de S. Paulo. Linha Araraquarense.

Gentil Roiz já iniciou a filmagem de sua primeira producção no Rio. Provavelmente Nita Ney tomará um dos princpaes papeis no film, tão importante como de Estella Moraes e Raul Schnoor, que terão a parte amorosa... João Stamato, que já operou varios films de enredo entre nós, é tambem o operador desta producção que promette ser um dos bons trabalhos com que iniciaremos o proximo anno cinematographico.

B E T H   L A E M M L E

L O R R A I N E   E D D Y

## O Presidente Antonio Carlos Visita o Studio da Phebo

(CONTINUAÇÃO)

mais do que a encommenda de dez films naturaes. A rapaziada da Phebo estará bem animada com isso, por muito tempo. Elles viram que os seus esforços representam alguma cousa. Como quasi se dedicam sómente ao nosso Cinema por patriotismo, elles viram o seu ideal já realizado.

Muito se tem escripto sobre o nosso Cinema. Muitas são as causas apontadas do seu pouco desenvolvimento. Mas o facto é que já temos elementos capazes de eleval-o bem alto e temos uma enorme vantagem sobre os primeiros concurrentes dos films americanos: A photogenia do nosso paiz.

A questão financeira. Não é o dinheiro a causa principal da nossa insipiencia. A Italia, a França e mesmo a Allemanha têm tido grandes capitaes a disposição e nem por isso os seus films são grande cousa. Allemanha produz uns quinhentos films por anno. Cinco são optimos. Dous são mesmo os melhores do mundo. Mas os restantes são os peores films do mundo. O Cinema Brasileiro precisa naturalmente de dinheiro porque tambem não tem nenhum. O capital da Phebo, até bem pouco tempo era de 200 contos, uma ninharia. As demais não têm ás vezes, 20 contos. Technicos? Seria bem interessante que contratassemos technicos estrangeiros. Mario Behring, já nos primeiros tempos de "Para-todos..." suggerira uma missão cinematographica.

No tempo da exposição houve quem projectasse a vinda de um "unit" completo para a filmagem de algumas producções historicas mas o governo só queria despender com tudo uns quatrocentos contos.

Para mandar buscar technicos é preciso que elles sejam bons. Ora, um operador regular, um segundo camera-man nos Estados Unidos ganha 75 dollares por semana. Para vir ao Brasil elles exigiriam naturalmente 100 dollares semanaes que são, a oito mil réis o dollar, oitocentos mil réis.

Ora, se pudermos pagar dous contos e quatrocentos a um operador, vamos então utilizar um dos nossos porque estes, com tal ordenado poderão dedicar-se sómente ao seu mistér e sendo assim, ficarão tão bons ou melhores do que os estrangeiros. Aqui, em geral, os operadores trabalham nas horas vagas, apressadamente, sem material, com film virgem caro que não deixa fazer "retokes" e ainda assim, de emulsões bem duvidosas.

Precisamos apenas de conforto para trabalhar... Deem tempo para o trabalho ser calmo e um pouco de material aos nossos directores e elles farão grandes films. Temos muito mais fé no Humberto Mauro do que no Michael Curtiz, por exemplo. No "Mensageiro", o tal articulista diz que a producção americana cresceu com um Adolph Zukor a rasgar horizontes. Mas quem fez crescer o Cinema do Norte foi a intuição de Cinema que elles tiveram.

Foi a imaginação do scenario. Foi o grande triangulo, Thomas Ince, Griffith e Mack Sennett que applicaram syntaxe ao Cinema, esta é que é a verdade. E esta comprehensão de Cinema que os europeus não têm até, nós já temos e até os "fans" desses que ainda escrevem cartas amorosas aos artistas sabem disso.

Adolph Zukor poderia ter rasgado muitos horizontes, mas as suas condições nunca foram iguaes as de um Almeida Fleming, por exemplo, que vendeu até a ultima cadeira de sua casa pequenina para fazer um filmzinho, elle sózinho, sem recurso até de uma machina de platorma e iris!

Nós apoiamos a vinda de technicos estrangeiros, mas julgamol-a irrealizavel.

Vamos fazer Cinema com a prata de casa. Descrer do progresso do nosso Cinema é descrer do progresso do proprio Brasil. O nosso paiz avança, cada vez mais.

Seremos, incontestavelmente, sob qualquer ponto de vista, a maior nação do mundo e por que não vamos ter o nosso Cinema tambem?

Este anno que nos deu um Studio como o da Phebo e figuras que já estão realmente queridas como Gracia Morena, Nita Ney, Reynaldo Mauro, etc., tambem deu margem a uma visita como esta que acaba de fazer o presidente mineiro ao Studio da Phebo.

Na sua visita a Cataguazes, o presidente de Minas, Antonio Carlos, quiz vêr tambem o Studio da conhecida empresa da cidade.

Recebido por um grupo de moças á porta do Studio, entre petalas de flores e ao som de cantos regionaes, o presidente Antonio Carlos visitou todas as dependencias da empresa, indagando do seu progresso e de tudo se inteirando com o maximo interesse.

Assim é que ficou muito animado, e principalmente quando lhe foi mostrado o "Medalhão Cinearte" ganho com "Thesouro Perdido".

Falou então Elsa de Barros, filha do presidente da Phebo, que fez uma saudação ao estadista de Minas.

Respondeu o presidente Antonio Carlos agradecendo a carinhosa acolhida, referindo-se logo depois ás palavras tão seductoras da joven oradora.

E tratando da Phebo, accrescentou "que uma iniciativa assim tão séria, teria forçosamente de triumphar. E este triumpho, será assegurado, sobretudo, pelo proprio Governo". Tratou da importancia do Cinema na America do Norte, dizendo:

"Os governos precisam se convencer que o Cinema é uma escola, quer de maleficios, quer de beneficios, e portanto, cumpre desde logo encaminhal-o para o lado bom, por uma orien-

(Termina no fim do numero)

# Quer ser Artista de Cinema?

( F I M )

photographar os mesmos em varias posições. De frente, de lado, de costas, com a mão nos quadris e por fim disse-lhe: "Os senhores foram approvados. Depois de amanhã podem vir buscar o diploma.

O ASSALTO FINAL

Ancioso por ganhar o cobiçado ordenado de 1:500$000 os candidatos foram buscar o diploma. Quando ali chegaram a directora foi lhes dizendo:

— Trouxeram o restante da matricula?
— Não!
— Então é preciso buscar.

Era o assalto final. Os candidatos levaram o dinheiro e tiveram o diploma.

NEM EMPREGO NEM DINHEIRO

Diplomados, os candidatos começaram a pedir o emprego promettido. E, todas as vezes que ali iam mandavam-nos voltar em outro dia Por fim já se contentavam com a restituição. Nem isso.

A QUEIXA Á POLICIA

Reconhecendo o logro em que haviam cahido, varios candidatos a artistas e outros já diplomados entre os quaes Albano Cardoso e Joaquim Rodrigues, procuraram a 4ª delegacia auxiliar, onde apresentaram a sua queixa.

O INQUERITO

Tomando em consideração a queixa que lhe foi apresentada, o Dr. Pedro Ribeiro mandou instaurar inquerito tomando por termo o depoimento das victimas que são em numero de 56 e que o adiantado da hora não nos permittiu colher.

UMA DAS VICTIMAS NA REDACÇÃO DA "A MANHÃ"

Uma das victimas, o chaveiro da Light And Power n. 9.603, Lauro de Souza, esteve na redacção da "A Manhã" onde se deixou photographar.

Apezar de não saber lêr nem escrever, foi elle diplomado pela tal Escola e nos declarou haver deixado na policia o seu diploma para ser junto ao inquerito.

OS DIPLOMAS DE ARTISTAS

Assim são redigidos os celebres diplomas: "Regia-Artes Films Brasileira" — garantimos que o Sr. .................. fica approvado e definitivamente inscripto para trabalhar como artista de Cinema".

A policia ao varejar a séde da "Escola de Artistas" apprehendeu grande numero de diplomas, visto estar convencida da má fé dos directores, que outro intuito não tiveram sinão lesar os incautos.

A PRISÃO DO CHEFE DA QUADRILHA

A diligencia ao que estamos informados foi realizada por investigadores da 4ª delegacia auxiliar por ordem do respectivo delegado e teve lugar no predio n. 9, da Praça Tiradentes onde foi preso o chefe da quadrilha que deu o nome de Henrique Vidigal.

Na Policia Central foi elle interrogado pelo Sr. Pedro Ribeiro, nada, entretanto, tendo transpirado a respeito.

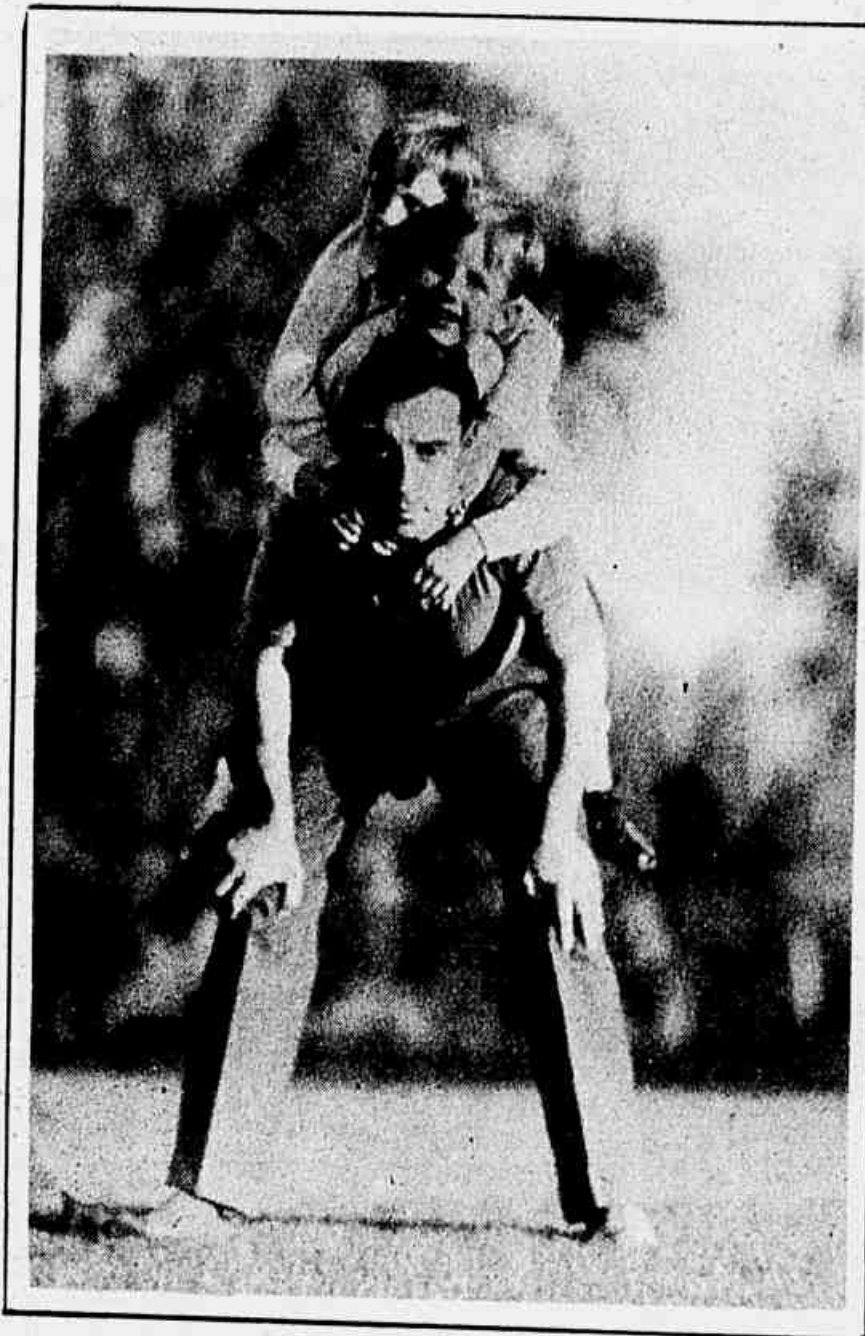
A ARTISTA AMBARINA ENVOLVIDA NO CASO?

Investigadores da policia ao que estamos informados realizaram, hontem, diligencias, para a detenção da artista Ambarina que ha pouco trabalhou no palco do Central.

Segundo é voz corrente ella está directamente envolvida no caso, não tendo a policia duvidas a este respeito.

OUTRA VICTIMA

Um parente da senhorita Carmen Aguileira, residente á travessa do Oriente n. 17, nos exhibiu um dos taes diplomas e contou haver sido a referida senhorita victima tambem da "Regia-Artes Films", motivo pelo qual ia procurar a policia.

Segundo a classificação da tal "Escola" a senhorita Carmen pertencia á categoria de Artista — N. L. o que aliás ella não sabe o que quer dizer...

BUSTER KEATON E FILHOS

# Don Piratão

( F I M )

fazia parte da hoste do governo, commetteu um crime tremendo, que devia trazer consequencias terriveis para muita gente: assassinára o Governador, accusando Crystal do assassinato. E a sentença inexoravel foi lida: deveria a joven americana ser decapitada na praça publica.

Sabedor da grande desgraça occorrida e certo de que a sua adorada noiva seria decapitada brevemente, Don conseguiu, por meio de sua invencivel coragem, penetrar na sala do telegrapho militar, entrincheirar-se lá dentro, defendendo a entrada com moveis pesadissimos, e obrigar o telegraphista a pedir socorro. Mas a força dos terriveis chinezes puzéra abaixo a porta tão bem guardada e o rapaz foi capturado pela pequenina legião amarella e ameaçadora, cujos olhinhos mysteriosos faiscavam no prazer da maldade. Preso, uma só idéa o animava: o pedido de socorro teria partido ou não? Mas a mensagem tinha seguido, sim, e fôra recebida por um navio que deslisava calmamente pelo Yang-Tsé-Kiang, transmittindo-a immediatamente a Shanghai. Dentro de uma hora a original noticia de que uma rapariga americana ia ser decapitada em uma pequena cidade da China, correu os mais longiquos pontos do mundo. Os governos dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Japão agiram promptamente e uma expedição de soccorro foi enviada immediatamente á China, chegando, como sempre, bem no momento em que aquella linda cabecinha ia ser separada daquelle maravilhoso corpo. Comprehendendo, que, afinal, seria mesmo descoberto, o General Ying retratou-se, confessando o crime e pondo os seus captivos em liberdade.

Libertados e amorosos. Don e Crystal prepararam-se logo para voltar. E, com um pouco ainda daquelle seu antigo convencimento, que Crystal se encarregaria de dissipar mais tarde, exclamava elle emquanto deixavam as mysteriosas regiões chinezas:

— Sim, senhora, Crystal! Agora, depois de tudo passado, é que eu posso analysar bem a nosso situação! Que magnifica reportagem para o "Telegram"! Estou convencido de que sou o melhor jornalista do mundo!

Crystal encolheu os hombros.—Ah! jornalismo! ah! mania de publicidade! — E com um ar delicioso de mulher que obedece dominando, encolheu-se toda nos braços do seu querido, dando-lhe um beijo, que elle, em hypothese alguma, publicaria...

L. L. C. (Especial para Cinearte).

# De Hollywood para você..

( F I M )

Greta Nissen e Greta Garbo jamais foram apresentadas uma á outra.

No Montmartre ellas se olham, talvez saudosas de seu paiz, desejosas de matar saudades, e... não se falam. Depois dizem que em Hollywood não ha convencionalismo...

O Douglas Fairbanks Jor., outro dia falava a um amigo de imprensa, perguntando-lhe se havia meio de fazer desapparecer os rumores de que elle e Helene Costello fariam as pazes.

"Estou compromettido por Billie e quero que todos saibam disto", disse elle.

Billie a que elle se refere é Joan Crawford.

Honululu continúa sendo o ponto capital dos artistas em ferias.

Allan Dwan segue rumo a Hawaii. O mesmo fará muito breve Colleen Moore e seu marido. Esther Ralston está por lá, e Chester Conklin está veraneando pelas praias de Waikiki.

Encontram-se mais Laura La Plante, Eddie Slomam, Helene Costello, Kenneth Harlan e Clyde Cook.

Norma Talmadge e Gilbert Roland fizeram seu passeio, tendo a mamãe Talmadge como "chaperon"... para evitar as más linguas, mas...

Em Novembro Lita Grey e Roy D'Arcy farão sua viagem, não sei se de recreio ou de... nupcias. E' assim que se goza o dinheiro do outro. Pobre Carlito!...

No "opening" de Prince Fazil, Carl Laemmle Jor. teve por companheira Lois Moran.

Dizem os "filhos da Candinha" que em tres annos, é a primeira vez que isto succede, porque Junior somente era visto com Alice White. Naturalmente o papae Laemmle pôz ponto final na combinação.

A ultima novidade na colonia do film é requerer divorcio usando o nome verdadeiro. Assim o caso passará em branca nuvem e a carreira artistica não será affectada.

E' assim que Annita Stewart em vez de ir ao Reno, fez sua petição aqui mesmo, usando o nome de Anna May Brenam que é seu nome de familia.

Ha rumores de que em Paris foi concedido divorcio a um famoso productor e uma não menos famosa estrella, porém, como fôra feito sob nome não familiar ao publico, este ficou logrado e tudo ficou por isto mesmo...

Esta é a primeira vez que se fala sobre o casamento de Mary Brian. O felizardo é Biff Hoffman capitão de um team de foot-ball. Isto quer dizer... quem sabe, mais um divorcio...

Lupe Velez estava dansando do Cocoanut Grove, quando viu numa das mesas, uma mulher bonita. Ella correu em sua direcção, a "la Lupe" e disse-lhe: "Você é a mulher mais bonita que já vi!" "Tire seu chapeu".

Quando foi satisfeita, viu que a mulher em questão, não era outra sinão a loura Mary Nolan, e esta não era a primeira vez que a antiga Wilson era publicamente admirada.

E' sabido que o Goldwyn está em negociações com dois compositores estrangeiros, para virem á Hollywood, musicar "The Rescue" e "The Awakening, mantendo a idéa de que os films fallados estão fadados a trazerem a estas plagas, os melhores talentos de todas as partes do mundo.

Os sets do Goldwyn estão parecendo uma Torre de Babel. Ha dias estando ali, notei nada menos de quinze nacionalidades agrupadas, quando dois films estavam em plena actividade.

La estavam seis officiaes que pertenceram a seis differentes exercitos de cada paiz durante a guerra. Um capitão Finlandez, um capitão de artilharia sueca, um aviador allemão, um capitão de artilharia americana, um tenente de infanteria turca, e um general russo do corpo da guarda do Czar.

Certamente tambem estavam Vilma Banky, hungara; Lily Damita, parisiense; Ronald Colman e Walter Byron, inglezes; assistente de director, hespanhol; o productor, polaco; Kahanamoku o nadador Hawaiiano; Sojin, japonez, e o homem encarregado do "make-up" que era bulgaro.

Tudo isto sem considerar um pequeno, que dizem ser o segundo Jackie Coogan, que é allemão.

Os jornaes appareceram hoje cheios da noticia de que Gilda Grey e Gil Boag estão tratando de divorcio, allegando o marido de que a mulher tinha suas "particularidades" antes de casar, e que elle não era sabedor...

Cada uma parecem dez... Isto faz-me lembrar de dois divorcios um pouco recente. Um allegava que o marido beijava-a pouco, e a outra... allegava que o seu "cara metade" a beijava demasiadamente...

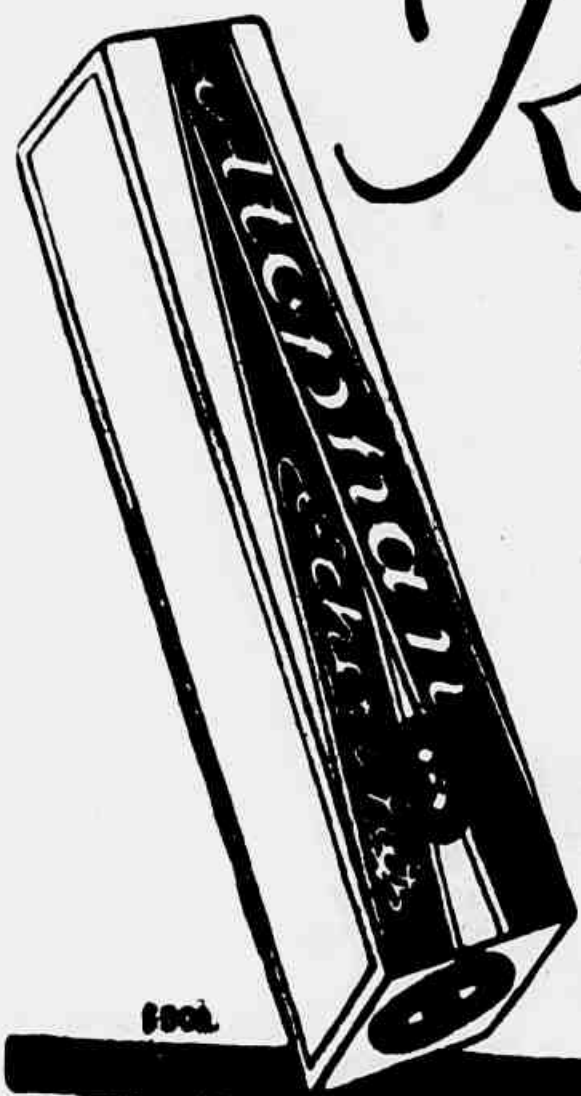
— A popularidade de Barry Norton tem augmentado extraordinariamente.

## O Presidente Antonio Carlos visita o Studio da Phebo

( FIM )

tação superior, dando-se sempre preferencia aos assumptos nacionaes. E neste caso, competia ao poder official do paiz, reduzir os impostos, uma vez que os films produzidos sejam de interesses nacionaes, que mostrem os costumes do nosso povo, nossa historia, as bellezas que possuimos ou que tenham altos interesses de ordem moral e civica".

E terminou, salientando o valor do premio de "Cinearte", que sentia-se satisfeito de vêr surgir dentro da terra mineira o verdadeiro Cinema Brasilero".

Antes de se retirar, o Presidente Antonio Carlos mandou que o seu secretario das Finanças, ali presente,

tomasse as devidas notas, para que o seu governo accorresse opportunamente em auxilio da nossa filmagem.

Ao despedir-se dos directores da Phebo, o Presidente Antonio Carlos teve mesmo esta phrase:

— Se os Cinemas não quizerem exhibir os films brasileiros, augmentem-lhes os impostos.



## RESULTADO DO 4° CONCURSO DE PHOTOGRAPHIAS

**As tres artistas deste concurso são: EVA NIL, GRACIA MORENA e NITA NEY.**

**Relação dos que acertaram:**

Capital Federal — Adelina S. Fernandes, Cléo de Bacellar, Dylha, Elvira Ramos Heloisa Léclerc, Iva S. Lopes, Jaiza P. Gaspar, Luiza de O. Pacheco, Maria G. Lemelle, Maria de L. Andrade, Maria de L. Carvalho, Maria Santos, Yolanda Morgante, Yruena Serzedello, Francisco F. P. Pinto, José G. da Silva, Mario do Carmo, Mario Segadas Vianna.

S. Paulo — Alice E. Silveira, Bessie Wilson, Climene G. de Carvalho, Elza Lammer, Margarida Salgado, Maria C. Seixas, Maria Pete, Nita Morena Nil, (Capital); Arlindo Vasques, O. Fiuza, (Santos); Maria Candinha, (Campinas); Domingos A. Fogaça, (Sorocaba); J. J. Ribeiro do Valle, (Fartura); Maria O. Belém, (Pedregulho); E. do Rio, Branca Queiroz, (Nictheroy); Waldemar Mendes, (Carmo).

Alagôas — Dr. Barreto Cardoso, (Maceió).



## HOROSCOPOS

Faz famosa astrologa, orientando-se pela data e logar de nascimento de cada pessoa. Todos podem assim conhecer o seu futuro! Escreva á Sra. Musset de Tort, Caixa Postal 2417 — Rio de Janeiro.

Pernambuco — Carminha de G. Cavalcanti, Valinda, Almery Steves, (Recife); Celia de Oliveira, (Olinda).

(Bahia — Maria de L. Carvalho, Edgard Almeida Junior, Luiz Carvalho, (S. Salvador).

Minas Geraes — J. Ribeiro da Silva (Uberabinha); Julio Azevedo, (Christina); Nielzon de Freitas, (Sete Lagôas); Maria Sans, (Itabirito).

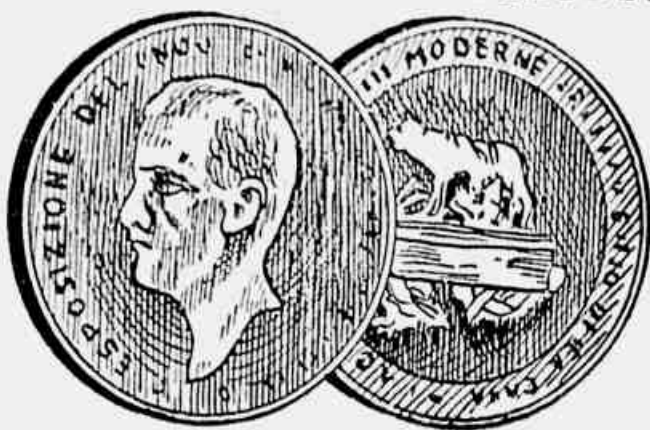
Santa Catharina) — Ney B. Pinto da Luz, Patrocinio Duarte, (Florianopolis).

Rio Grande do Sul — Yatay d'Alencar (Pelotas); Henrique Couto, (Rio Grande); Jenny Corrêa (Sãa Gabriel).

Foi contemplada dona Heloisa Léclerc — Rua da Passagem, 44 — Districto Federal. — CINEPHOTO.

"L'Argent", a producção da Ciné-romans, dirigida por Marcel L'Herbier, vae ser posta em exhibição.

卍

A Warner Bros. tem quasi completas, sete novos films cem por cento falados...

TODOS OS

PRODUCTOS

# GABY

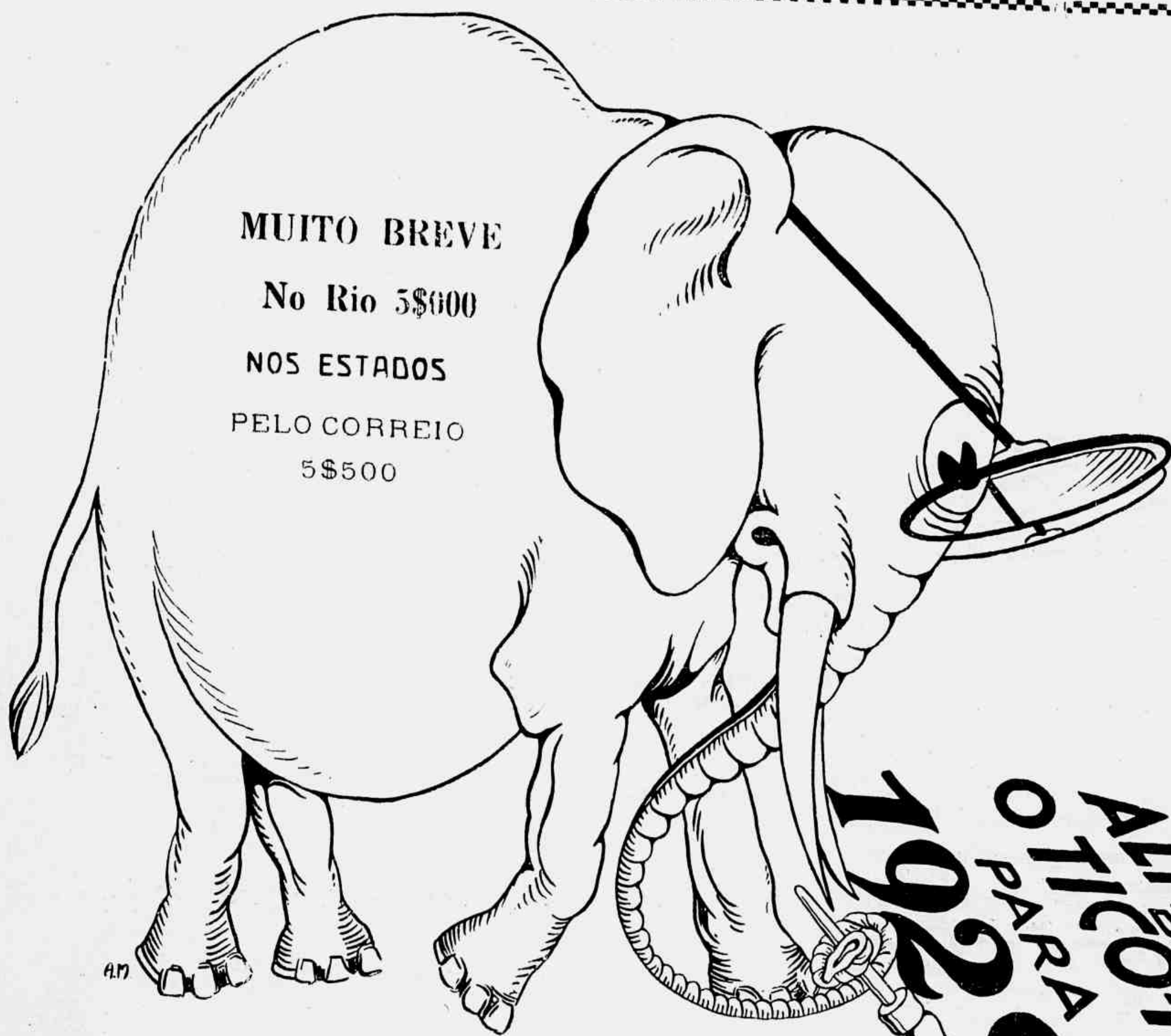
FORAM

PREMIADOS NO ESTRANGEIRO

RECOMMENDAMOS:

ESMALTE, CREME AGUA DE COLONIA

# ¡POBREZINHOS!

As creanças magras, com o rosto descarnado, os braços, o pescoço e o peito emaciados, são tristes objectos que se apresentam á vista, mesmo nas cidades mais prosperas e ricas. Que pena deixar soffrer assim os pequenos, quando o Dr. Richards garante que todo o menino que tomar as **PASTILHAS BACALAOL** engordará, pelo menos, 2 kilos em 30 dias. Lembrem-se, que cada **PASTILHA BACALAOL** contém vitaminas concentradas, cujo valor nutritivo equivale ao duma colheradinha cheia de oleo de figado de bacalháo e meio pão de levedura. (Comprehende-se, assim, que os pequenos engordem e fiquem fortes tomando estas pastilhas).

MUITO BREVE

No Rio 5$000

NOS ESTADOS

PELO CORREIO

5$500

ALMANACH DO TICO-TICO PARA 1929

OFFICINAS GRAPHICAS D'O MALHO

...e quando já estava 'promptinha' para o baile, dôr de dentes! —
Adeus sonhada noite de alegria! Alguem, entretanto, lembrou-se da CAFIASPIRINA. Dois comprimidos, um copo com agua, cinco minutos, e... alliviada por completo!
Desde então, afim de que nenhuma dôr possa roubar-lhe as suas horas de alegria, tem ella sempre á mão um tubo da preciosa
CAFIASPIRINA
CAFIASPIRINA
O mais seguro que existe contra as dores de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas, cólicas menstruaes; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.
Allivia rapidamente, restaura as forças e não affecta o coração nem os rins.
BAYER

# RESULTADO — 5º CONCURSO DE PHOTOGRAPHIAS

MARY BRIAN

JUNE MARLOWE

KATHRYN PERRY

MAY MAC AVOY

Relação dos que acertaram:

**Capital Federal** — Almira R. Botelho, Heloisa de O. Pacheco, Jaiza Gaspar, Ilda de Faria, Yolanda Morgante, Yruena Serzedello, Yvette de S. Dantas, Claudionor Amorim, Francisco F. P. Pinto, Luiz C. Berrini, Mario S. Vianna, Waldemar Mendes.

**S. Paulo** — Bessie Wilson, Bébé Fernandes, Climene G. de Carvalho, Eunice C. Teixeira, Hilda de Moraes, Maria A. de M. Monteiro, Maria C. Seixas, Maria L. Guimarães, Maria Pete **(Capital)**; Angelina Lalty **(Campinas)**; Flordaliza Witzel **(Barretos)**; J. J. Ribeiro do Valle **(Fartura)**; Maria O. Belém **(Pedregulho)**.

**E. do Rio** — Branca Queiroz (**Nictheroy**); Mario da R. Vianna (**Petropolis**).

**Minaes Geraes** — Mario J. Pavesi (**Poços de Caldas**); E. P. Lima (**Guaranesia**); Nielzon de Freitas (**Sete Lagôas**); Maria Sans (**Itabirito**).

**Alagôas** — Dr. Barreto Cardoso (**Maceió**).

**Bahia** — Luiza A. Barreto, Edgard Almeida Junior, Luiz Carvalho (**S. Salvador**).

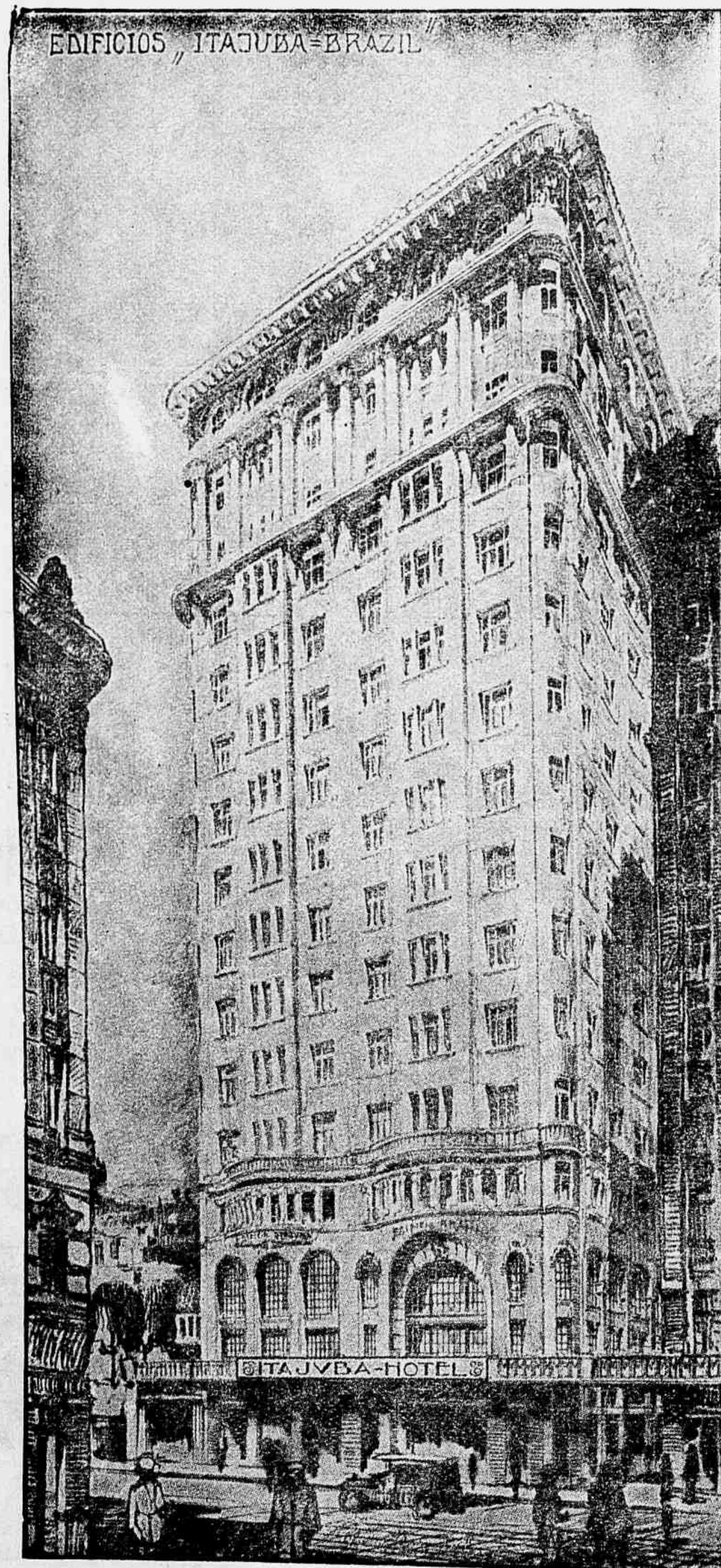
**Maranhão** — Val Lentina (**Cutim-Anil**).

**Pernambuco** — Bartholomeu Bastos (**Recife**).

**Paraná** — Consuelo de F. Pereira (**Curityba**).

**Sta. Catharina** — Patrocinio Duarte (**Florianopolis**).

**Rio Grande do Sul** — Floriano Pohlmann (**Porto Alegre**); Henrique Couto (**Rio Grande**).

Foi contemplada: Dª. Consuelo de F. Pereira — Praça Tiradentes, 2. Curityba, Paraná.

**No majestoso edificio do ITAJUBÁ-HOTEL, os mais luxuosos e confortaveis salões de restaurante, chá e bar, contribuindo assim, para a intensidade de vida elegante do quarteirão Serrador.**

**NA PRAIA**

Um complemento interessante que deve fazer parte de sua bagagem de praia é a MOTOCAMERA PATHÉ-BABY que vos permitte filmar, sem mesmo conhecer photographia, os pittorescos aspectos que geralmente se apresentam nos banhos de mar, e que muitas recordações felizes ou risonhas vos proporcionarão passando os films em sua casa no projector PATHÉ-BABY.

Vende-se em 10 prestações

RUA RODRIGO SILVA, 36 — RIO

**"CINEARTE"**

*Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"*

Directores: MARIO BEHRING e A. A. GONZAGA

Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$. — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes, 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO. — Rua do Ouvdor, 164. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Norte, 5.402. Escriptorio: Norte, 5.818. Annuncios: Norte, 6.131. Officinas: Villa, 6.247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó nº. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Consta tambem que vão ser filmados os romances "Zalacain, el aventureiro", "ôepe-Hillo" (de Bucns), "El lobo", da adaptação de Joaquim Dicenta.



Robert Montgomery será o galã de Vilma Banky no seu proximo film.

# QUE CANJA!

**500**

**Contos**

por

**48$000.**

O premio maior

de

Natal da

**LOTERIA FEDERAL**

# Cinearte

*NORMA TALMADGE*

E o progresso material do commercio cinematographico representado como fizemos sentir em outra chronica por essas centenas de excellentes predios que se está construindo pelo Brasil a fóra exclusivamente destinados á exhibição de films, attingisse a mentalidade dos que se dedicam a esse ramo commercial o Cinema venceria ainda mais facil e galhardamente do que está acontecendo.

O que acontece porém, não é, infelizmente, isso, muito antes pelo contrario. O luxo das installações materiaes não é correspondido por uma melhoria nos habitos, nos usos, nos costumes, nos processos que se mantém irreductivelmente rotineiros, injustificadamente provincianos.

E não é só com relação ao pessoal de casa que isso acontece mas até mesmo com o que nos vem de fóra.

Exceptuem-se alguns cavalheiros como John Day, Brock, Szekler, Baez, para não citar outros e o que apparece, o que é exportado para o Brasil, parece o rebutalho, a escumalha dos escriptorios das empresas em New York.

Ignorantes, presumidos, grosseiros, julgando isto aqui uma grande aldeia de cegos onde vêm reinar, tornam-se insupportaveis elementos, ao fim de pouco tempo, que nada mais fazem do que alienar da empresa que representam todas as sympathias, tornando-se por essa forma prejudiciaes aos interesses que para aqui vieram defender. Temos tido varias vezes contacto com alguns exemplares dessa curiosa fauna.

E logo nos vem o intenso desejo de que o acaso por outra vez delles não nos aproxime.

O representante de uma empresa cinematographica carecê possuir, além de tino commercial, qualidades de gentleman, tacto diplomatico, visão dos negocios e conhecimento do meio.

Se falham as requeridas qualidades quem no fim de contas vem a soffrer é a confiante empresa que tão importante missão entregou a inesperto delegado. Vir para o Rio e começar logo por tomar parte na "roda dos mexericos" convertendo-se em um dos seus mais solidos esteios; praticar a politica tacanha e estreita dos conluios, dos arranjinhos, das combinações malfazejas; ao envez de buscar vencer em campo aberto, urdir tramas e emboscadas; preferir prejudicar o concurrente a exaltar o seu proprio producto, tudo isso é a clara revelação, de uma absoluta inferioridade mental, de uma apoucadissima intelligencia.

E' isso o que se dá commummente. D'ahi as substituições frequentes que se dão na representação de certas empresas norte-americanas no Brasil, substituições que redundam afinal em prejuizo certo porque cada novo administrador traz uma orientação, um programma e começa sempre, para se recommendar, por destruir tudo quanto fez, quanto realizou o seu antecessor.

Empresas como a Paramount, a Universal v. g. que mantém por largos annos á testa dos seus negocios os mesmos administradores, revelam a estabilidade dos seus negocios.

A instabilidade que se nota nos negocios de outras deve-se exclusivamente á desazada escolha dos representantes que para aqui têm mandado. Muita vez torna-se inexplicavel para o publico o motivo porque os films de umas tantas marcas de renome soffrem crises periodicas de exhibição nos Cinemas de uma grande cidade, como nas linhas dos Cinemas de um Estado.

Tudo se explica entretanto, pela orientação má ou antes completa desorientação nos negocios da Agencia locadora que aliena sympathias e clientela já com descabidas exigencias, já com a falta até de comesinha urbanidade no trato com os seus freguezes.

O individuo alheio aos nossos usos, habitos commerciaes etc., que aqui chegando em vez de se adaptar ao meio procura amoldar este aos seus processos é o peor inimigo dos que ingenuamente lhe confiaram a tarefa de os representar no Brasil. E é isso infelizmente o que frequentes vezes acontece. O empresario do Cinema hoje em dia, tendo muito onde escolher, não se entrega de olhos fechados aos representantes das marcas productoras. Discute e acaba escolhendo o que de melhor lhe convém.

E' por esse motivo que certas marcas não conseguiram até hoje introduzir-se em determinadas regiões do paiz.

Si levando em linha de conta a progressiva, crescente importancia do nosso paiz como mercado consumidor, as empresas productoras enviassem ao Brasil de vez em vez inspectores fiscaes competentes para avaliar do modo porque são aqui geridos os seus interesses, não resta duvida que muito empavonado bonifrate que ainda representa essas empresas teria de deixar precipitadamente essa representação. E todos teriam a lucrar com isso, as empresas, os proprietarios de Cinemas e por fim o publico.

*AUDREY FERRIS...*

ANNO III—19—Dezembro—1928—NUM. 147

# CINEMA BRASILEIRO

(DE PEDRO LIMA)

IRENE RUDNER, DO "DESCRENTE" E' AGORA A ESTRELLA DO "TRIANGULO DA MORTE"

Uma semana na cidade onde os homens andam apressados, e os automoveis são vagarosos... S. Paulo, "metropolis" que não é da Ufa, não tem Brigitte Helm, tem Lelita Rosa...

Terra dos bandeirantes, fonte do movimento de nacionalismo... ruas com nomes indigenas, e na placa de 15 de Novembro, um sub-titulo: 1889 Proclamação da Republica...

S. Paulo, annuncios luminosos e sem luzes, braza dormida... do nosso Cinema.

Ruas que se succedem como em fusões, rapidas, atordoantes, confusas... e de tudo, surpresas, sensações inesperadas, films que se fazem em silencio, na ignorancia da publicidade e tambem daquelles que não querem apparecer porque não podem ser expostos á avidez da curiosidade que examina; mas de surpresa.

Os primeiros são muitos, destes ultimos uns dois ou tres.

Assim são as novidades de S. Paulo. Dois films apenas figuravam na nossa lista este anno. Dois apenas, já terminados: "Morphina" e "Orgulho da Mocidade", e nenhum em confecção. Nunca um anno tão pobre de realizações, apparentemente...

Na realidade, S. Paulo ainda produz dois films mais, não dois "Crimes da Mala", mas varias producções que promettem, ou pelo menos são tentativas limpas, sem torpezas de qualquer especie, sem explorar themas tão pouco demonstrativos de falta de escrupulos e de idoneidade moral.

Falemos primeiro destes, que assim como as escolas, precisam ser varridos da face do nosso Cinema, que tingem como uma falsa tinta bem pouco recommendavel.

Foram dois os trabalhos apresentados sobre o decalque de tão barbaro crime, valendo-se do escandalo como elemento de successo e sem outro qualquer intuito senão fazer dinheiro.

Um delles, "O Crime da Mala" da Mundial Film, realizado sob a direcção de Francisco Madrigrano, é o que tem mais preoccupação de Cinema e porque não dizer, de criterio na confecção. Seria mesmo um film passavel se não fôra o thema tão sordido, tão repugnante, tão pouco recommendavel. Se não fosse o film baseado num assumpto destes, tão tórpe, ainda poderiamos recommendar o trabalho. Tem pelo menos um bom desempenho de Aldo Lins que já appareceu no "O Descrente", e uma photographia acceitavel do opperador Campos. Mesmo os apanhados naturaes de Victor del Picchia são melhores do que os photographados por elle proprio para o da Iris Film. Mesmo assim, não deve ser visto, e a policia fez bem em apprehendel-o, a pedido do criminoso, segundo affirmam, que quer cobrar direitos de... reproducção.

O outro crime, o da Iris Film, não merece qualificativos. Faz pensar de pena e de tristeza. Mostra até onde a ganancia de lucros poderia levar elementos de certo destaque na nossa filmagem. Não falamos de Alvim & Freitas, que começaram em "Vicio e Belleza", cheios de promessas. J. Freitas, Sob. mesmo, um dos socios, chegou a merecer toda a nossa esperança. Ainda quando se locupletava com o lucro da sua primeira tentativa e abandonava o Cinema, promettia voltar para uma luta sincera, fazendo films de arte e de moral, quando uma noite fomos procural-o no Hotel Central, no Rio. Nunca pensamos que tornasse desta forma...

Seria melhor permanecer afastado, porque assim ninguem o supporia mais do que um dos muitos que fraquejam na peleja. Seria melhor...

Tambem Antonio Sorrentino, aquelle heróe tão sympathico de "Hei de Vencer!" como tem cahido... E dizer-se que elle já foi uma esperança, uma figura que tanto promettia.

PEDRO LIMA, DE "CINEARTE", NO ESCRIPTORIO DA KOSMOS, COM FRANCISCO MADRIGANO E LELA NEY, QUE VAE FIGURAR N'"A ESCRAVA ISAURA".

De todos, porém, Antonio Tibiriçá é quem constitue a nossa maior decepção.

De qualquer forma, elle sempre foi um lutador, um esforçado. A elle devemos a realisação de varios films. "A Joia Maldita" foi o primeiro, feito em 1918 e no qual trabalhou com o nome de Paulo Sulis. Este film só agora foi que assistimos no Studio da Helios, por signal que nelle podemos ver o nosso primeiro trabalho em films, no tempo em que tambem eramos "fans". Tibiriçá cooperou em "Hei de Vencer!" innegavelmente um dos melhores films da época.

Mas este mesmo joven que parecia lutar por um ideal, se revela de uma forma brusca. Primeiro "Vicio e Belleza", que ainda tinha suas qualidades, agora "O Crime da Mala". Depois disso, não se pode, não se deve esperar mais nada. Vimos o film. E' revoltante, falho, monstruoso na technica e na realisação, o peor film que já vimos até hoje. Tibiriçá dirigiu-o. Tibiriçá nada entende de Cinema. Elle só sabe é amontoar scenas immundas, immoraes, para com isso procurar impressionar o publico de baixos instinctos. E no emtanto, Tibiriçá é um nome conceituado em S. Paulo. E' alguem que devia medir a sua responsabilidade...

Como o outro, tambem este film teve sua carreira sustida pela policia, e pelo mesmo motivo. Sabemos que houve um accordo entre a Iris e a Mundial para conseguirem a sua exhibição, e que entre elles se estabeleceu uma especie de sociedade, que segundo ouvimos fôra tentada antes, sorrateiramente, tentando subornar um elemento da Mundial, afim de pelo menos atrazar a sua confecção. Mas nisso não queremos tocar. E' mais revoltante do que o proprio "Crime da Mala"...

ARMANDA LEILOP E' O QUE SE APROVEITA NO "CRIME DA MALA", DA IRIS-FILM.

E dizer-se que as "Empresas Reunidas" estavam distribuindo este film! E dizer-se que as Empresas Reunidas prejudicaram a exhibição de bons films brasileiros como "Quando Ellas Querem", "Dever de Amar" e "Esposa do Solteiro", films limpos, moraes, que só poderiam cooperar pela Industria do Cinema Brasileiro.

Temos fé que a Policia de S. Paulo mantenha os films sob a sua guarda, já que não póde dar um correctivo aos seus productores, como faz áquelles que infligem as leis da sociedade e da moral... Estes films, vi-os logo no primeiro dia, para que a pessima impressão se dissipasse depois. Como succedeu. Entre os films promettidos, está "Busto de Bronze", a ser iniciado por Euloquio Silva no anno que vem. Assistimos tambem "Orgulho da Mocidade" da A. C. A. Film. Este foi iniciado em Agosto de 1925, com o titulo de "Caminho do Destino". Só agora terminou, depois de ter refilmadas innumeras scenas, modificadas outras e ainda algumas feitas inteiramente de novo. Não é uma super-producção como faz prever o tempo gasto na sua confecção, mais é sem duvida um grande esforço, realisado com muita perseverança, muita força de vontade. E' um film sobre as pragas das escolas de Cinema. A idéa, bem aproveitada seria uma satyra bem interessante, como se poderá imaginar sómente naquella scena do director estrangeiro, quando vae se offerecer para terminar o film. Domingos Cipulo é um bom typo como professor... Mario Marino um bom nome de Cinema e um rapaz esforçado. No elenco apparecem ainda Olga Nary e sua irmã Carmen, Estella Dalva, Dino Trolesi, Francisco Madrigrano, Ismael Lopes, Amadeu Bellucci, João Raymundo e José Pedro, que foi quem começou dirigindo.

LOLA MORENA
ESTRELLA DE "ODIO APPLACADO", DA S. PAULO IDEAL FILM.

Mas Carmo Naccarato é o responsavel pela direcção do film, si bem que Antonio Caldas o tenha terminado e Antonio Rolando feito a scena em que Mario Marino pula da ponte em baixo.

Conforme falamos no numero passado, deixamos nossos commentarios sobre "O Transito" e "Odio Applacado" para este numero.

O primeiro não vimos, mas José Pedro nos cedeu varias photographias ampliadas de scenas já promptas do film. Estivemos em sua casa onde nos apresentou dois dos seus artistas: José Gallini e Braz Mezzacapo.

Esta producção foi resolvida depois que José Pedro sahiu da S. Paulo Ideal Film. Reuniram-se a elle varios ex-alumnos e cada qual contribuindo mensalmente com uma quota qualquer iniciaram o film. Assim é que deviam fazer antes. Os demais interpretes são Pedro, Iré, Maria, Moysés, Mair Cohen que já uma vez nos visitára no Rio, sem querer dizer-nos o nome e sem que nós entendessemos o que elle queria, e Catharina Puntso do "Descrente".

"Odio Applacado", é um film da secção de propaganda da S. Paulo Ideal Film.

Manoel Bosia depois que verificou a razão de nossa campanha contra a sua escola, resolveu

(*Termina no fim do numero*)

BRAZ MEZZA E JOSE' GALLINI NUMA SCENA D'"O TRANSITO".

# PERGUNTA-ME OUTRA...

LILY (S. Paulo). — A demora de "Barro" não significa que a Benedetti esteja caprichando. Apenas falta de tempo. E' um film todo composto de amadores, todos, muito occupados.

R. DALTO (Rio) — Greta Garbo. Você sabe que ella já trabalhou numa barbearia na Suecia. Ella ensaboava o rosto dos freguezes. Se ella viesse ao Brasil trabalhar numa barbearia, o Gilette não venderia nem mais uma lamina.

GLORINHA (S. Paulo) — Não se sabe, ao certo. Ronald é, sim.

RUMENO (Rio) — Charles Chaplin Studio, La Brea Ave, Hollywood, Cal. Refere-se a Marion Davies que aliás chega a apparecer até sem mascara. Norma Shearer é a do automovel.

CONSUELO (Curityba) — Mas é verdade, acredite. Obrigado pelas felicitações. Si soubesse das outras descobertas minhas! Minha amiguinha, eu desejava satisfazer o seu pedido, mas eu sei que isso constitue sempre uma decepção. Vamos que eu me chame Antonio Manoel de Souza, vulgo Zé da Burra? Emfim, como você tem sido tão minha amiguinha, que eu algum dia direi.

METROPOLIS — Obrigado. Assim, pela ordem, não me lembro. Aquella do quadro é Marion Davies. A do automovel, Norma Shearer.

RAQUEL TORRES E RAQUEL TORRES

MAIS RAQUEL TORRES

GEE (Santos) — Sciente e obrigado pelas informações.

PINGO D'AGUA (Minas) Não, não é ella não. Fay tinha apenas um corpo muito bonito para ganhar concurso de banhistas em Atlantic City.

ET SEMPER — Mas é que no Cinema o verdadeiro artista é o director. 1°) Está afastada, mas experimente o Studio da Paramount. 2°) Está trabalhando sob a direcção de Stroheim. 3°) Não ha razão para tal.

CARMEN (Rio) — Calma, a sua carta requer algumas investigações e por isso a resposta demora mais um pouco. Sim, estou cheio de correspondencia e não tenho muito tempo.

ARMANDO (Carasinho) — O trabalho dos pés é verdadeiro, mas elles não são de Lon Chaney. Naturalmente, trata-se de um truc. O film é da M. G. M.

P. L. (Caco) — Aos cuidados desta redacção.

ED. NOVARRO (Recife) — Obrigado. Vou lhe pedir uma entrevista com Norma Shearer. O film citado já passou e a critica já estará no proximo numero se não estiver neste.

MANOEL (Rio) — Peço desculpas por não usar o seu pseudonymo. Greta Garbo, John Gilbert e William Haines, M. G. M., Culver City, Cal. Laura La Plante, Universal City, L. A., Cal. Billie Dove, First National Studio, Burbank, Cal. Só respondo até cinco perguntas.

ARACEHY (Bahia) — Sim, é brasileiro. Octavio só poderá entrevistal-a pelo coração. Sim, acho. A capa já sahiu...

BILLIE (Rio) — Sim, na verdade, dizem as más linguas, elle está entre Claire Windsor e Mary Brian, mas a primeiro vencerá. Não posso saber a qual se refere. Neste film fizeram varias bellezas!

GERBERTO (S. Roque) — Mas nós não costumamos enviar photographias.

AO CINEARTE E SEUS LEITORES
BOAS FESTAS E FELIZ
ANNO NOVO

# De Lía para Você...

OBRIGADO, NANA! NÓS TODOS ESPERAMOS QUE VOCÊ TAMBEM SEJA MUITO FELIZ E APPAREÇA EM FITAS TÃO LINDAS COMO VOCÊ!

# Marinheiros

A cidade de São Francisco parece estar em vespera de festa. Ha gente dispersa, em grupos, pelas esquinas, e nota-se nos transeuntes um ar de alvorotada surpresa. Raparigas brejeiras passam em direcção ao porto. O pessoal do "Roseland", todo enfatiotado de "grande gala", prepara-se para as noitadas de farta alegria.

— Os marinheiros não tardam a desembarcar!, exclama um dos empregados do "cabaret", estirando o pescoço para os lados do porto.

Ahi está a explicação de todo o alvoroço. A esquadra do Pacifico, surta no porto, vae deitar a maruja em terra para algumas horas de férias. E marinheiro em terra é sempre signal de muita alegria, dansas, corridas, brigas, prisões.

São Francisco, toda alvorotada, prepara-se para receber os valentes homens do mar.

E' a hora da revista a bordo do navio capitanea, o "Nebraska", cujos filões de marujos, em fórma, recebem as ultimas instrucções.

— A licença de desembarque terminará á meia-noite! O marinheiro que passar da hora, quando chegar a bordo irá para os ferros, diz o official de dia, homem temido por todos pela rigidez do seu trato.

E depois vem, a ordem de desembarque.

Escaleres cheios, arreados ao mar, rumam para terra, em algazarra tremenda, fervilhando de rapazes. E' a primeira leva.

A bordo falam dois tripulantes do "Nebraska", cuja conversa nos interessa:

— Só queria ter tempo e dinheiro á bessa para gastar com as pequenas, diz Alfred ao seu amigo Almiro (James Hall), em torno do qual gira a nossa historia.

— Faça como eu, "sêo" bôbo! Em cada porto que chego as pequenas só me chamam de Almir... ante — porque as trago sempre de mira!

Isto diz Almiro ao companheiro já a caminho para o bote que deve leval-os á praia. E em pouco está a cidade coalhada de marinheiros.

---

O "Roseland", ban deirado em arco, regorgita de gente. Clarisse (Clara Bow), uma das dansarinas do cabaret, é a preferida dos marujos. Não ha mãos a medir; acabada uma dansa começa outra. A's voltas com o "Holophote", um marinheiro do "Vermont", vae Clarisse a ondular pela sala, quando a descobre o olhar vigilante do Almiro, Hum!... Ali está a pequena que me serve!, faz o marujo janota a preparar-se para um "rag-time com ella.

(Ora, Clarisse já o conhece. Com elle tivera forte discussão, na hora do desembarque, por causa das "apresentações" por demais liberaes do marujo, e portanto, ao vel-o na sala, faz que não o vê).

E quando a dansa termina, antes que o "Holophote" possa obter o consentimento de Clarisse para uma segunda partida, apresenta-se Almiro, e, com o "sim" ou sem elle, sae a rodopiar com a dansarina mais bella da casa.

Dansam... E ao revolver dos pares, bem ao ouvido de Clarisse, vae Almiro desandando o seu rosario de elogios. A pequena, porém, faz

# em terra

( T H E   F L E E T ' S   I N )

FILM DA PARAMOUNT — DRECÇÃO DE MAL ST. CLAIR

Clarisse ........................ Clara Bow
Almiro Briggs ................ James Hall
"Holophote" Joe ............... Jack Oakie
A mãe de Clarisse ........... Bodil Rosing

pouco caso do palavreado do galante e segue dansando.

Chega a hora do concurso que o "Roseland" estabelecia com premios aos vencedores. Clarisse e Almiro seguem dansando. Terminada a valsa, salva unicamente pela pericia de Clarisse, recebe ella o premio — uma rica taça de prata. Almiro, entretanto, muito convencido, diz á sua dama:

— Depois desta minha victoria só me resta um novo prazer, e vou leval-a á casa...

— Acompanhar-me á casa? Isso mesmo é que não!, diz Clarisse a rebater as intenções do marujo.

Mas o Almiro não se deixa dominar pelas recusas da rapariga, e terminado o baile, seguem os dois a caminho da casa de Clarisse. Lá, reprehendida pela mãe, com quem móra, por trazer visitas a taes horas, é o nosso marujo mandado para bordo, não sem ter provado um dos assucarados beijinhos de Clarisse.

—

No dia seguinte, á hora do costume, ha nova funcção dansante no "Roseland", e Clarisse, como empregada do "cabaret", lá está á disposição dos pares alegres que enchem a casa. Almiro, já senhor de uma fracção do consentimento da garota, com ella dansa e redansa, passando e repassando deante do grupo onde, furibundo e louco de desejo por tomar vingança, se encontra o "Holophote" para quem de todas as pequenas do "Roseland", só Clarisse vale a pena de um olhar demorado.

E vae daqui, vae dali, avança o marujo contra o outro. Fecha-se o tempo, como se costuma dizer. Passada a refrega, o que só se effectua com o auxilio da policia, ha marujos de cabeca rachada, marujos de olhos arroxeados, marujos de cara azunhada... Morto não ha, por felicidade, nenhum... Almiro e "Holophote", iniciadores da azarragata, são levados para a estação policial onde, no dia seguinte, prestarão os depoimentos necessarios. No outro dia, durante a formação da culpa dos dois mareantes, apparece Clarisse em pessoa, para dar tambem o seu depoimento. Notando que ha predisposição contra os rapazes, que são accusados de faltar com o respeito ás autoridades locaes e de tirarem proveito das empregadas do "cabaret", resolve Clarisse fazer em publico a sua propria accusação, pois, assim fazendo, livral-os-á de uma sentença mais ou menos pesada, livrando ao mesmo tempo o Almiro por quem começa ella a sentir certos toques de amizade.

Ademais, sabe Clarisse que a flotilha de guerra está para largar ferro, e se Almiro não chegar a bordo á hora marcada, além da pena que lhe possa infligir a justiça de terra, maior será o castigo da severa justiça que se exerce a bordo.

Chega o momento em que o juiz correccional, ao passar a sentença, dá os conselhos da praxe aos rapazes. O primeiro a quem fala o magistrado, é o nosso conhecido Almiro:

— Emquanto o senhor estiver cumprindo a sentença que lhe vou passar, deve lembrar-se de que as mocinhas decentes desta terra — ainda que humildes filhas do trabalho — são merecedoras do respeito de quem nos visita!

E' neste ponto que Clarisse implora ao juiz que a ouça. E chegando ao magistrado, diz-lhe ao ouvido qualquer cousa. O juiz perfila-se, autoritario, e ordena-lhe que se deixe de segredos, que diga o que tem a declarar em publico para que o annote o escrivão. E ella começa.

— Foi por minha causa, senhor juiz, que se deu todo o disturbio. A culpa é toda minha, por ter dado "corda" aos marujos! Somos nós, essas meninas de "cabaret", que o senhor juiz chama de "humildes filhas do trabalho", que causamos os barulhos desta ordem. E como a mãe de Clarisse, que se acha presente, se adeante para negar a accusação que a filha faz, vira-se a pequena para a velhota:

— De onde pensa a senhora que me vêm estes vestidos? Pensará que caem do céo por descuido? Eu já disse, "eu nada tenho de bôa!"

(Termina no fim do numero)

# O NATAL DE NANCY CARROL

# Amizade Prohibida

CLAIRE, VOCÊ ME ENSINA TANTA COUSA!

BUDDY, VOCÊ TEM SIDO TÃO BOM PARA MIM!

Claire Windsor e Charles Buddy, Rogers já não são mais vistos juntos, o que não quer dizer que tenham deixado de estimar-se reciprocamente. Significa apenas que os reporters dos jornaes, chronistas de magazines, as pessoas que fazem seus os negocios dos seus amigos, e mesmo certas personalidades do Cinema têm assumpto para distrahir-se.

E' esta a terceira vez que Claire e Buddy apertam os freios nas rodas do seu romance, affirmando ambos que desta vez a cousa é definitiva.

"E a razão disso é por nos ter o publico transformado numa especie de modelos, de manequins, que exhibem vestidos novos ou recommendam a nova locão, attrahindo a multidão para junto das vitrines, curiosa de vêr como é que nós faziamos", declara Claire a uma jornalista.

"Os nossos gestos, os nossos actos, a nossa vida, emfim, não nos pertencia; era cousa publica. Não nos era possivel supportar tal situação por mais tempo, eis o facto".

Isso não impediu, todavia, que durante certo tempo, elles se sentissem perfeitamente contentes e felizes. "Eramos os melhores camaradas deste mundo e não imagina como nos divertiamos juntos", affrmou Claire.

Elles se conheceram no "set" quando Claire era ainda casada com Bert Lytell e occosionalmente, como são os conhecimentos travados dessa maneira. Seis mezes mais tarde quando Claire voltára a ser Miss em vez de Mrs. elles se encontraram de novo — casualmente numa festa em Hollvwood. Buddy fôra escolhido para o film "Azas".

A sua commcção era extraordinaria! Um rapaz ainda tão criança como elle, a provar a sua primeira ameixa realmente magnifica do pudim da vida. Buddy falou a Claire do seu contentamento, do seu enthusiasmo, e Claire o comprehendeu, lembrando-se tambem da sua primeira grande producção. Ambos sentiram-se tomados de enthusiasmo pela victoria de Buddy, conquistando tão saborosa ameixa.

Descobriram, então, que ambos haviam conhecido o sol da existencia no Estado de Kansas-Oloethe e Kawker City, distantes uma da outra poucas milhas. Compararam as notas das suas primeiras viagens á cidade de Kansas e, viram, então, que em Hollywood viviam separados apenas por quatro quadras. Eran mesmo visinhos mais proximos ali do que no Kansas.

Claire falou a Buddy que elle morava com seus paes e um irmãozinho de dez annos. Buddy falou dos velhos amigos de familia em cuja casa elle estava morando, chegando-se finalmente á conclusão de que as duas familias se conheciam.

"Appareça lá em casa", convidou Claire. E dest'arte as visitas de Claire entraram nos habitos diarios de Buddy, habito tão regular como pentear o cabello e escovar os dentes.

A principio, as relações eram apenas á maneira de visinhos que por coincidencia exercem a mesma absorvente profissão do Cinema, assumpto interessantissimo, fonte inexgotavel de assumpto.

Buddy descobriu depois que Claire possuia um excellente piano, e Claire descobriu que Buddy era um excellente musico. E a seguir vieram livros novos a lêr, a escolha de papeis que lhes pareciam a calhar para o desempenho de um e de outro...

Começaram aos poucos a ir juntos ao Cinema. Claire ha dez annos trabalhava no Cinema; Buddy era um estreante. Claire estava em situação de dizer-lhe tanta cousa a respeito dos films...

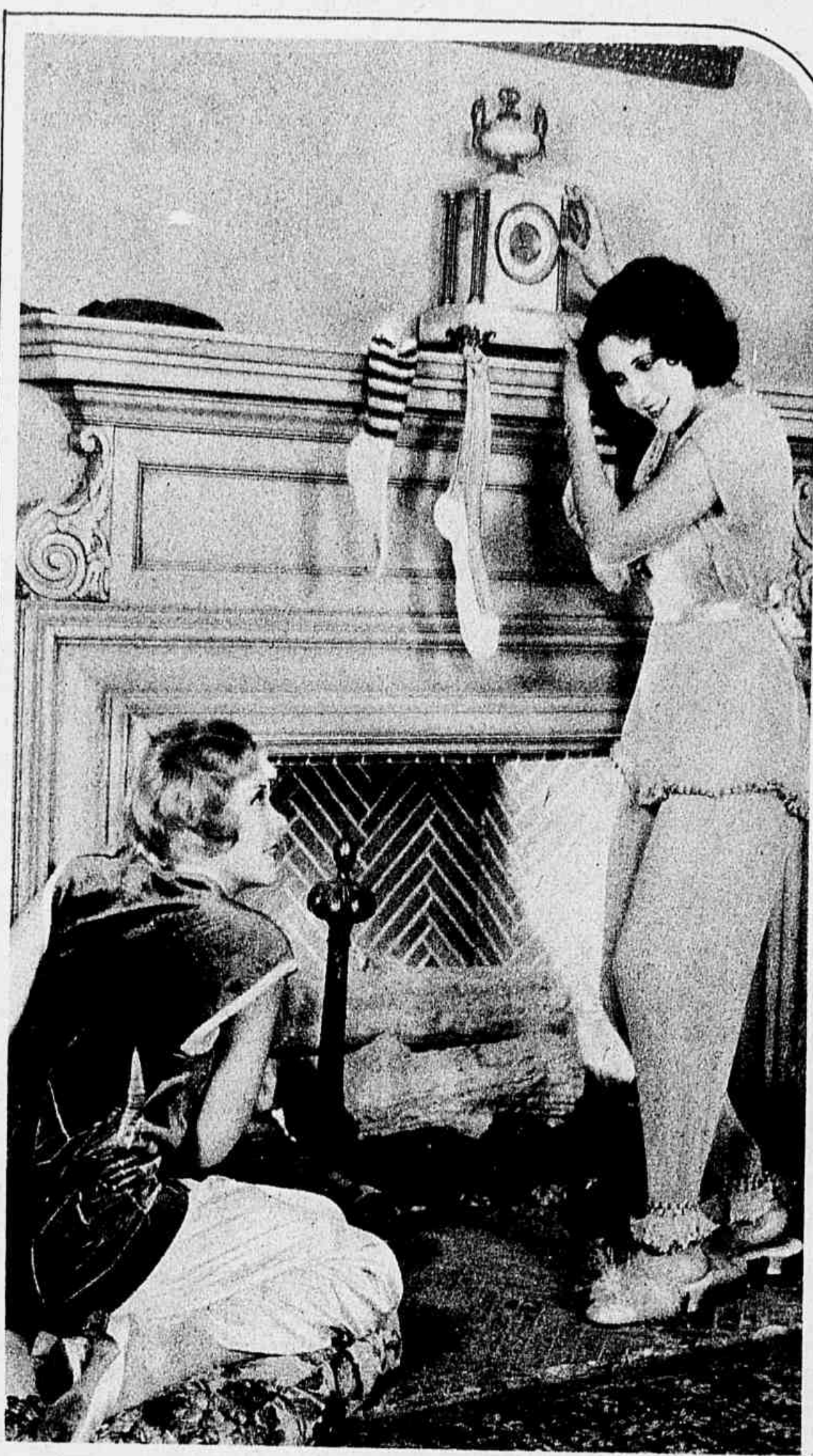
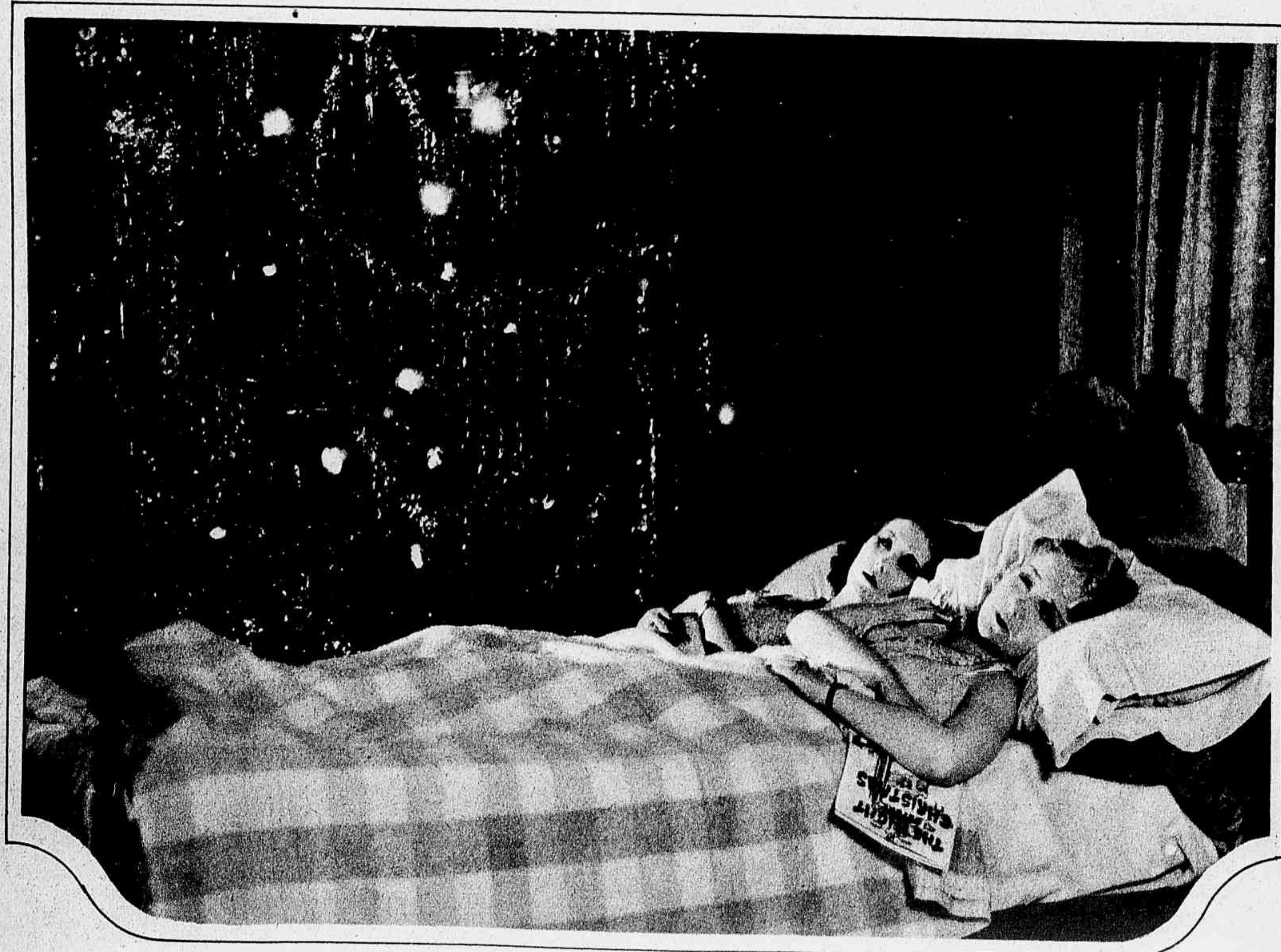
Espalhou-se, então, a noticia de que Claire Windsor e Buddy Rogers eram inseparaveis, e d'ahi a insinuar-se o noivado delles foi um passo.

Ora, taes noticias nunca passam impunes em Hollywood, sejam quaes forem os nomes Crawford e Douglas Fairbanks Junior, Lina em causa — Clara Bow e Victor Fleming, Joan Basquette e Povy Morley, Virginia Valli e Charles Farrell, Marion Nixon e Ben Lyon, é sempre a mesma velha historia de Hollywood.

"Dizem que Claire Bow está apaixonada por Victor Fleming, mas que elle não quer casar-se com ella...

"Sabe você que Douglas Fairbanks pae está furioso com a historia do casamento de Douglas Junior com Joan Crawford?..."

"Não me dirá você porque diabo Lina Basquette foi arranjar um camera man, quando

(Termina no fim do numero)

**Anita Page e Raquel Torres...**

ANITA PAGE...

# DE FOME

(LADY BE GOOD)

**Film da First National**

| | |
|---|---|
| Jack | **Jack Mulhall** |
| Mary | **Dorothy Mackaill** |
| Murray | John Miljan |
| Madison | Nita Marton |
| Texas West | Dot Farley |
| Thelawney | James Finlayson |
| Dancerina | Joy Eaton |
| Dancerino | Eddie Clayton |
| Dansarina | Lola d'Avril |

Jack e Mary faziam magicas para ganhar a vida. E a vida, em retribuição, tornára-se-lhes magica, revelando-lhes a deliciosa magia do amor. Jack era o conhecido "Mysterio", que tanto dava o que pensar aos curiosos espectadores dos "vaudevilles" em que tomava parte, e Mary, sua noiva, ajudava-o com a sua habilidade e o prestigio de sua belleza. Como todos os artistas desse genero, sonhava o joven par com um contracto para o Palace Theatre de New-York, que lhes apparecia como o auge da victoria e do successo. Haviam marcado o seu casamento para o dia em que realizassem esse tão sonhado desejo. Seria, assim, um dia duplamente grande, a realização de dois sonhos. Não sabiam elles ainda dosar a felicidade para melhor gosal-a e queriam embriagar-se de ventura. Ah! mocidade!...

Mas o verão é sempre uma má época para os artistas, e, resignados e esperançosos, atravessaram elles um periodo de inacção e falta de contractos, durante a calida estação. Voltando a New-York, nessa éposa desanimadora, foram Jack e Mary hospedar-se em uma theatralesca pensão, onde costumavam se hospedar muitos artistas de theatro, dirigida por uma estranha e escandalosa senhora. Naturalmente, Jack e Mary duas almas finas e de sentimentos elevados, não se podiam comprazer naquelle meio deshonesto e artificial, mas as difficuldades da vida de New-York obrigavam-nos a ali viver. Dois "teams" de artistas desempregados ali se achavam tambem, que procuraram logo fazer relações com o joven e encantador par: eram Murray and Madison, eximios bailarinos, e Texas e Thelawney West, habeis atiradores ao alvo. A Jack, porém, não sorria a idéa de que sua noiva mantivesse relações com os seus companheiros de pensão.

# A' FAMA

Como todo o verdadeiro apaixonado, era ciumento. E quando, certa vez, Murray, amabilissimo, convidou Mary para jantar fóra, em um restaurant, a moça teve que se desculpar muito e não acceitar, dividida entre o receio de maguar o collega e o medo de desagradar a seu noivo. Mas, Murray não era homem que recuasse ante o primeiro obstaculo. Nem mesmo ante o ultimo... Para que lhe serviria a sua amizade com Texas, senão para que ella lh'a provasse agora? E, muito affavelmente, Texas disse á sua amiguinha:

— Mary, você quer jantar commigo e com um grande amigo meu, amanhã, num restaurant? Nem calcula o favor que você me faria! Eu ficaria grata a você para toda a eternidade!

Mary, naturalmente, accedeu. E foi, tranquilla. Qual não foi a sua surpreza ao reconhecer no tal amigo de Texas, o proprio Murray, com os seus ares de D. Juan barato e convencido? Mas, para que o jantar se tornasse agradavel para ella, Murray havia combinado com Jack que elle fosse tambem, e, quando elle lá chegou, sua noiva o apresentou como seu primo. Dessas coisas que as mulheres fazem sem saber bem porque. Talvez para explicar melhor a familiaridade que existia entre elles.

Não sei. Mas Jack viu nisso uma intenção qualquer, cuja significação lhe escapava. O que não lhe escapava, porém, eram os gestos e os olhares de Murray, todo derretido com Mary e tomando uns ares victoriosos que mais irritavam o pobre noivo. E, quando regressaram á casa, Jack reclamou:

— Ou bem você é minha noiva ou não é. Tem que resolver isso. Eu não estou para fazer novamente o papel que fiz. Se fui idiota hoje, não quer dizer que o vá ser sempre...

— Pois póde deixar de ser, se quizer...

Começou assim a discussão e acabou como todas: encolher de hombros, prazeres desagradaveis e ironias, olhares duros, sorrisos de desprezo, ares superiores e offendidos, indirectas directas... E, com grandes gestos dignos e ares indifferentes, cada qual se retirou para o seu lado.

Mas aconteceu que Madison, a sympathica mulher e "partner" de Murray, cahiu gravemente doente e teve que se internar num hospital. E, justamente no dia em que a pobre bailarina deixou a pensão, uma vantajosa proposta foi feita ao elegante dansarino, que, immediatamente, dirigiu-se a Mary, pedindo-lhe que substituisse a sua esposa enferma, dansando com elle um numero de successo num importante theatro.

**(Termina no fim do numero)**

# A Personalidade de Madge Bellamy

Póde uma estrella conservar a sua personalidade em Hollywood?

Ha, sim, pelo menos uma, dizem os que conhecem de perto Madge Bellamy.

A maioria dos artistas modelam-se conforme ás idiotas frivolidades da Mecca do film, havendo muitas mesmo que, apesar de tidas na conta de intelligentes, não passam de espiritos superficialissimos. Creaturas absolutamente sem individualidade.

Innumeras dellas julgam que a sua presença nas noites de "premiére" é coisa indispensavel, e comparecem a festas e reuniões, não porque encontrem sempre prazer nisso e sim arrastados, magnetisados pela expectativa de verem os seus nomes arrastados por amaveis escribas e publicados no dia seguinte nos jornaes — particularidade muito importante na vida de uma estrella, segundo affirma o "press agent" zeloso.

A série de ridiculos em que uma estrella incorre, simplesmente por acreditar que isso auxiliará sua ascensão na carreira, daria para encher livros.

Muito raramente se encontra uma artista dotada de individualidade bastante nos seus conceitos para merecer as honras do papel impresso. No numero dessas raridades, segundo o chronista cinematographico William H. Mc Kegg (por conta de quem corre tambem a primeira parte da affirmação) está Madge Bellamy, que é a mais captivante individualidade na heterogenea fusão de creaturas procedentes de toda parte que é a filmlandia.

"Madge Bellamy é uma surpresa para aquelles que têm a fortuna bastante de conhecel-a, assevera o citado jornalista. E quando falo em "fortuna", sei o que digo, porque ella não extende a todos o privilegio da sua palestra e da sua privança.

Ao contrario de muitas estrellas que sabem disfarçar a sua pouca sympathia pelas pessoas com apparencias de amavel polidez, Madge Bellamy, não sabe ser hypocrita. Quando não gosta de alguem, ella não se dá ao trabalho de contrariar os seus sentimentos. Raramente vae ás "premiéres", e os cafés muito difficilmente têm a honra de vel-a.

Tem-se a impressão de que ella é dessas creaturas capazes de fazer duas cousas ao mesmo tempo. E o curioso é que essa impressão se confirma. Madge Bellamy é, por exemplo, capaz de sustentar uma brilhante palestra emquanto se pinta e se prepara para a scena; expender lucidos conceitos, que encantam o seu interlocutor, ao mesmo tempo em que brinca com o seu terrier. Madge solicita a nossa attenção para qualquer cousa, e antes que tenhamos tempo de formular um juizo, accóde ella com outra observação. Ella possue um senso de "humour" difficil de definir-se. Não é o espirito pesado e recheado de trocadilhos, mas a graça delicada e tão exquisitamente leve como a sua propria pessoa...

Dir-se-ia que os seus movimentos são scintillantes e luminosos, si assim se póde dizer. Os seus gestos são como scentelhas. Ella se levanta de uma cadeira como que impellida por uma mola, como si de subito visse deante de si um bando de inimigos ameaçadores. A cabeça sempre erecta, majestatica, alerta nos seus movimentos, mas sem os sobresaltos de gatinho assustado.

William H. McKegg, o chronista cinematographico, a quem tomamos esse retrato graphico de Madge Bellamy, accrescenta que a generalidade das estrellas femininas são a incarnação do jazz; Madge é como as melodias de Puccini — bruscas e surprehendentes, cheias de mudanças subtis e imprevistas. Ao passo que de ordinario a conversa de um artista é estupida, typica, enfadonha, Bellamy nunca diz cousas que não tenham sentido.

Desde o momento em que nos approximamos de Bellamy, ficamos convencidos de que ella não tem consciencia de si — isto é, da sua mocidade, da sua belleza e do valor do seu intellecto. Ella não procura impressionar-nos, embora dos seus labios jorrem sempre conceitos intelligentes, com a mesma facilidade que jorra a agua de uma fonte.

O pedantismo, a "pose" é cousa que não existe para Bellamy. Não ha muito, diz o jorna-

lista, eu assistia a uma scena dramatica representada por ella no film "Mother Knows best".

Ella devia entrar um accesso de riso, que gradativamente a conduziria a uma explosão hysterica contra a sua mãe, rematada pelo desmaio da artista. Todo o mundo no "set" sentiu-se commovido, cousa que muito raramente acontece entre aquella gente acostumada a esses espectaculos, quando o director deu por terminada a scena, Madge levantou-se do chão, e meio estonteada, com os olhos ainda marejados de lagrimas, tornou para junto de mim. — "A mãe é que sabe o que é melhor". A julgar pela minha explosão, vê-se que não é esta a minha opinião", observou ella com espirito, repetindo o titullo da fita, e reatou a conversação que a scena havia interrompido.

"Quantas artistas seriam capazes de tirar o effeito daquella scena que Madge acabava de representar com tanta realidade? Quantas dellas não assumem "poses" e tomam ares dramaticos,

sentindo-se, como ellas declaram patheticamente "exhaustas pelas suas emoções?"

Madge Bellamy é cem vezes mais brilhante e diversa do que qualquer das taes artistas que "vivem" os seus papeis. Ella não representa com as suas emoções, mas com o cerebro, porque na realidade, ella vive muito pelo espirito. Essa particularidade empresta-lhe um ar abstracto, que levará os estranhos a supporem-na uma indifferente — o que é puro engano. Os que não a conhecem certo não a comprehenderão nunca, a não ser que tenham sympathia por ella; ;mas mesmo assim subsistirá nella sempre qualquer cousa de enigmatico.

Falando a proposito de algumas comedias ligeiras que ella fez ultimamente, declara Bellamy: "Essas comedias me agradaram. Os enredos eram um tanto inconsequentes, concordo... nós os iamos compondo á medida que o trabalho proseguia. Mas desssa fórma eu consegui approximar-me mais dos dous fins productivos do trabalho. E' agradavel ouvir-se alguem dizer-nos: "Aqui está uma idéa; veja o que pode tirar della".

"Em regra, os directores não gostam de receber suggestões de um artista: isso é para elles um verdadeiro insulto. Fazendo taes comedias,

era-me possivel entrar com o meu concurso, e effectivamente entrei, em varios sentidos, e tinha a satisfação de sentir os resultados das minhas idéas — bôas ou más".

Sim, bôas ou más, o facto é que aquellas comedias ligeiras, augmentou o numero de espectadores na bilheteria e a popularidade dos

seus interpretes. Esses films são simples diversões, porque Madge Bellamy é capaz de realizar grandes cousas, e com facilidade, porque talento não lhe falta nem base.

Ella fez a sua estréa perante o publico aos oito annos de idade. Seguia um curso de dansas, quando appareceu em sua terra, uma cidade no Texas, uma companhia lyrica. Sendo levada a scena a "Aida", ella e outras crianças suas companheiras, prestaram o seu concurso, figurando como escravos negros e dansarem e tocarem cymbalos no segundo acto.

A sua meninice, passou no palco. Seu pae era professor de inglez e Madge tinha a bibliotheca paterna á sua disposição. Shakespeare tornou-se um onze annos ella tinha mundo aberto á curiosidade de Madge. Aos penetrado em regiões literarias que a maioria das pessoas só aborda aos vinte. O empolgante Balzac era uma das suas paixões. "Les illusions perdues" e "La recherche de l'absolu", entraram a despertar os écos da sua alma, numa idade em que outras se enter-

(Termina no fim do numero)

# O Unico Amor de CHARLIE CHAPLIN

UM CONTO DE NATAL...

Aquelle vulto de baixa estatura e cabellos pretos entremeados de fios argenteos, dir-se-ia a figura da tristeza solitaria ao lado do pequeno tumulo, pouco maior do que o tumulo de uma creança. O vulto era Charlie Chaplin, o tumulo era o de sua mãe, uma mulher franzina de corpo mas grande de espirito — até o dia em que a guerra, despejando a morte dos ares sobre as ruas de Londres, deixaram-na attonita, conturbada para sempre. Era um pequeno tumulo aquelle, mas ali jazia o grande amor que illuminou a vida de Chaplin.

Com a sua mãe sepultára-se a sua mocidade, todos os laços que o ligavam áquelles dias de um passado distante, em que elle, pobre garôto batia os bairros pobres da metropole britannica. Quando os seus dois irmãos paternos, Wheeler Dryden e Sidney Chaplin, partiram a ganhar a vida, Charlie, apenas de oito annos de idade, ficou com sua mãe no humilde quarto, que muitos annos mais tarde ella deveria copiar até o mais insignificante detalhe no seu film "O garoto". Elles dois haviam passado fome e tiritado de frio juntos; juntos haviam rido das scenas engraçadas das ruas, e ella se commovera e sentira-se envaidecida no dia em que o rapaz chegára á casa com o bolso cheio de moedas de cobres que lhe havia atirado a multidão de espectadores que o esperava na porta de trás do theatro, em que Chaplin os divertia com as suas canções e dansas comicas.

O que de sacrificios ella fez por elle, o que de energia varonil revelava aquella creança para garantir a subsistencia de sua mãe, só elles dois sabiam. Chaplin não foi jamais um espirito communicativo. As duas mulheres que foram suas esposas, diziam que nunca puderam comprehendel-o. A unica pessoa que conseguiu tal cousa foi talvez aquella mulher franzina, de idéas perturbadas e de cabellos grisalhos como os de seu filho.

"MAMÃE" CHAPLIN

Chaplin conheceu na vida muitas cousas amargas, e, sem duvida, uma das suas maiores amarguras foi a de verificar que, quando chegára afinal a hora de poder compensal-a dos annos terriveis de luta, por uma dessas ironias crueis do destino, já ella não estava mais em condições de comprehender que aquelles annos pertenciam a um passado distante e que de nada mais se veria ella privada. Affirmam pessoas que os frequentam que ás vezes a velha senhora mostrava-se apprehensiva e amedrontada ante os testemunhos da riqueza de seu filho. Ella que havia soffrido todas as necessidades e conhecido os horrores dos cortiços de Londres, não conseguia comprehender a enorme casa de Chaplin com as suas cortinas de velludo e fôfos tapetes. Era impossivel que toda aquella magnificencia pertencesse ao seu boy, e ella lhe implorava que abandonasse um trabalho que não podia ser honesto (tanto era o seu resultado) e entrasse no bom caminho.

Vinte cinco annos antes ella por certo esperava vel-o ministro um dia.

Outras vezes, ella se imaginava no passado, viuva moça com tres filhos, na Londres nevoenta e sombria. A esse proposito, conta-se mesmo que um dia ella appareceu, como, aliás, fazia frequentemente, no Studio, acompanhada de uma dama de companhia, afim de assistir ao trabalho do filho. Sentada commodamente numa chaise-longue, ella contemplava o comico nas susa roupas maltrapilhas de costume. A certa altura, quando Chaplin, deante de um espelho, ageitava o vinco das suas enormes calças, escovava os enormes sapatos e alisava a ineffavel jáca com a manga, ella teve um pequeno suspiro e levantou-se encaminhando-se para a scena.

"Charlie, meu filho, exclamou ella, tomando-o nos braços, eu não sabia que as tuas roupas estavam tão surradas assim. E como estão horriveis os teus sapatos! Mas não te incommodes, tem confiança na mamãe, meu querido. Nós havemos de arranjar umas roupas novas. "Havemos de dar um geito".

Charlie tentou tranquillizal-a, mas era realmente muito grande a aflicção da pobre mãe. Ella dava tratos á bola, como nos velhos e apertados tempos de outr'ora para descobrir como arranjar uma roupa e sapatos novos para o seu rapaz. "Eu tenho outra roupa, mamãe, melhor do que esta, disse-lhe elle por fim. Vamos lá em casa, quero vestil-a para você vêr; e verá como fico elegante". E com o braço passado pelas costas de sua mãe, elle conduziu-a ao automovel e foi-se com ella. E naquelle dia o Studio não o viu mais.

Durante sete annos, Charlie Chaplin lutou com o governo americano para ter a permissão de conservar sua mãe com elle. O choque que ella soffrera por occasião dos raids dos aeroplanos allemães em Londres, durante a guerra, causou-lhe uma pertuarbação mental, e para o pouco sentimental Tio Sam não importava que Charlie Chaplin fosse um grande artista e senhor de uma bella fortuna; a lei prohibia a sua entrada no paiz, a não ser que se provasse ter ella meios de subsistencia propria, afastando-se pois a hypothese de um peso para o Estado. Todos annos, era preciso um tedioso trabalho para renovar a permissão de sua permanencia, e todos annos voltava a pesar sobre a tranquilla residencia de San Fernando Valley a ameaça de uma ordem de deportação.

Chapln dava-lhe tudo: flôres, bellos vestidos, criados, automovel seu proprio. Ás vezes mesmo levava-lhe joias que a enchiam de alegria. E apesar de todos os aborrecimentos da sua vida domestica, das difficuldades pecuniarias, dos casos judiciaros e dos escandalos da imprensa, Charlie nunca passou uma semana sem ir vêr sua mãe. Para os seus amigos do Studio elle poderia parecer um typo fechado, ás vezes mesmo triste, mas ao lado de sua mãe Charlie era o risonho e gaiato de sempre. As enfermeiras do hospital viram rir juntos toda a tarde da vespera da sua morte.

Na colonia do film, muito poucas são as pessoas que jámais viram a Sra. Chaplin. As comedias de seu filho lhe eram apresentadas numa téla que ella possuia em sua propria casa. Duas vezes ella foi levada ao Cinema para vêr o "Circo", ms os que viram aquella creaturinha fragil, com olhos de creança a brilharem sob a fronte encanecida, estavam longe de suppôr que estava ali a fonte de boa parte do talento do comico genial. As raras pessoas que a conheceram, attestam que ella tinha muitos dos gestos, maneiras e expressões que tornaram famoso a seu filho. Na sua primeira juventude a mãe de Chaplin fôra uma artista de variedades e opereta de certa celebridade, e Charlie conta como ella costumava sentar-se á janella do seu humilde aposento, e punha-se a imitar os transeuntes que passavam na rua para divertir seus filhos e fazel-os esquecer que ella não tinha nada para elles comerem.

(Termina no fim do numero).

PRISCILLA TORNOU-SE A PRINCEZA DAQUELL A CASA...

# PAPAE SOLTEIRO

(BEAU BROADWAY)

FILM DA M. G. M. — COM A SEGUINTE DISTRIBUIÇÃO:

| | |
|---|---|
| James Lmbert | Lew Cody |
| Yvonne | Aileen Pringle |
| Priscilla | Sue Carol |
| Gordon | Hugh Trevor |
| Dejuha | Heine Conklin |

Que surpreza! Elle, James Lambert, empresario de lutas de box, o typo ideal do "blagueur", estroina, sempre amavel, sempre elegantes, "chics", muito dados a amizades gantes, "chics", munido dadas a amizades "muito intimas" — transformado em pae, "papae solteiro"!

Mas assim era. Assim é, assim seja, como diria Anna de Glavary, e tudo porque um seu velho amigo, ex-campeão, sentindo-se velho, quasi moribundo, pedira que elle, que dispunha de recursos, tomasse conta de sua netinha. James Lambert acceitou de bom grado a opportunidade de se transformar em pae, mas grande foi a sua surpresa, valha a verdade, quando viu que a netinha do tal velho amigo, era uma moçoila, aliás bem encantadora, provocante, linda, — emquanto que elle contava que a sua "filhinha" fosse uma garota de uns tres ou quatro annos.

Uma das mais intimas amizades de James Lambert era Yvonne, uma creatura linda, elegantissima, mas extraordinariamente ciumenta. Para felicidade de James, porém, elles agora estavam arrufados, e por isso, Priscilla pôde ser installada na casa do seu "papae solteiro", cercada da maior calma por parte deste.

E Priscilla, cada vez, cada dia, mais encantadora, mais amavel, ficou sendo a princeza daquella casa. Fazia bolos, doces, confeitos para o seu papae, dizia-lhe cousas amaveis, cuidava-lhe da roupa, do apuro dos "smokings", e communicava como que uma alegria nova e deliciosa aquella casa. Um dia, entretanto Yvonne encontrou Priscilla e James Lambert numa casa de modas, precisamente no momento em que a moça enamorava-se de um casaco de pelles destinado a Yvonne, e que seria pago por Lambert. James Lambert suou frio. Mas, calmo, intelligente, explicou tudo a Yvonne, por meio de signaes.

E diante do olhar que sobre elle Yvonne lançava, com olhos de ciume e desprezo, James Lambert teve medo de nunca, nunca mais ser procurado pela mulher que elle tanto amou, e á qual, agora, talvez já não amasse tanto, porque Priscilla dava-lhe um sentimento extranho no coração, sentimento exquisito, sim, mas que o deliciava e lhe dava, de repente, uma esperança bôa...

Priscilla, entretanto, arranjara um "flirt", na pessoa de um dos contractados de James Lambert, rapaz insinuante que captivara a moça. James alarmou-se. Não, elles jámais deixaria que Priscilla se casasse com aquelle rapaz, que podia ser bom, ser honesto, sim... — mas que tinha qualquer cousa que elle não approvava. E como á noite, cercada de muitos amigos, Yvonne appareceu em sua casa, porque era o dia natalicio de James Lambert, o "papae solteiro" ficou desnorteado. Yvonne era sempre encantadora; Priscilla tinha um certo "quê"; seria que Yvonne poderia voltar para o seu coração, emquanto Priscilla, afinal, poderia muito bem casar com Gordon?

Caso difficil. Elle gostava de Yvonne, mas talvez gostasse muito mais de Priscilla... Mas seria que Priscilla gostava delle apenas como pae? O caso era realmente difficil... O melhor seria pensar, pensar muito... E tanto James Lambert pensou, que resolveu decidir as cousas de modo a satisfazer-se a si mesmo!

E fez isto: provocou Gordon a acceitar um desafio para uma luta, assegurando-se préviamente de que a derrota seria do rapaz. Priscilla, desgostosa, não ligaria mais importancia ao "boxeur", e assim, talvez, elle pudesse fazer a sua declaração de amor

Houve a luta. E Gordon, ao contrario do que Lambert esperava, ganhou-a. Mas Priscilla não queria saber de heróes do "ring". Ella queria, apenas o homem que lhe conquistara o coração. E esse homem, disse-o ella mesma, em alto e bom som — era James Lambert, o seu "papae solteiro".

W. TORRES

MAS PRISCILLA ERA LINDA!

# De São Paulo

(DE O. M., CORRESPONDENTE DE "CINEARTE")

Pedro Lima esteve alguns dias aqui em São Paulo.

Analysando o que elle me contou, sobre os films em execução, tirei umas tantas conclusões. Aqui estão. Julguem-nas os que são interessados e julguem-nas o publico leitor. Creio que são sinceras e que exprimem o sentimento de todos nós.

"Tiradentes" é um dos films que se está fazendo. "Escrava Isaura", é outro que vae começar. Existem outros. Comedias, dramas e farças.

Nada sei de positivo sobre estes trabalhos. O que vou dizer, é fruto, apenas, do que vi, pelos stills e do que conversei com Pedro Lima. Acho que merecem parabens todos esses que estão filmando com decencia. Merecem, francamente, porque todo o esforço honesto merece parabens. O pessoal que Nicolino Barra commanda está trabalhando num Studio que, se não é perfeito, ao menos optimo é. Muita gente faria assombros com aquelle Studio! O pessoal de "Escrava Isaura" dispõe de menos recursos, é certo, mas têm cinematographistas conhecidos, á testa e parece que existem alguns financeiros ponderaveis na iniciativa.

Mas o facto que já se está cuidando de Cinema decente. E isso é que era necessario. No entanto, muitas vezes uma pessoa tem grande bôa vontade. Tem disposição a melhor. E falha. Falha e depois culpa o publico. Diz que o publico não compensa os espectaculos decentes. Que o publico o que quer é "Vicio e Belleza" "Morphina". E zás! fazem mais morphinas... E não tem razão! Nenhuma! A culpa é delles proprios. Sim, porque não souberam apanhar o agrado do publico. Não comprehenderam que Cinema não é só ter a machina que photographa. O megaphone. O romance. E, prompto, filma-se! Cinema não é assim! O que é arma poderosa, nas mãos da competencia, torna-se objecto inutil, nas mãos do incapaz. E eu quero crer que sejam bem capazes os que estão filmando, aqui em São Paulo. E', mesmo, o meu maior desejo. Vêr a minha patria perfeita, é o que mais desejo. E sem Cinema proprio o Brasil nunca poderá ser perfeito. Podem rir! A' vontade! Fanatismo? Pouco importa. Ha quem ria commigo. Muitos! Quasi a maioria. Mas nós é que riremos por ultimo...

E o que quero, apenas, com as suggestões acima, é saber uma cousa. Si ha criterio e intelligencia na confecção dos films. Sim, porque o successo do film depende de cousas essenciaes, como sejam: director moderno; que arranque do artista a melhor expressão com a menor gesticulação; continuidade, ou seja, adaptação cinematographica do argumento, feita sob os principios technicos requeridos; operador intelligente que, com o director, sempre procure movimentar a machina e tirar os angulos melhores dos artistas. Empregar os systemas de photographia moderna. Emfim, adaptarem-se, o mais possivel, á technica dos bons films norte-americanos. Sim, porque o que é innegavel, é que os norte-americanos, em Cinema, por emquanto, são os mestres. E a gente deve deixar os europeus em paz. Si elles fazem 200 films por anno, numa hypothese, 197 não prestam. Os tres restantes, são: um optimo, o outro bom e o terceiro soffrivel..

Para provar o que digo, ha o seguinte. O publico acompanha o progresso da Cinematographia. Vê a differença da technica. Insensivelmente vae conhecendo isso tudo. Sem querer fica aborrecido quando vê um film de gesticulação exagerada, dos artistas, de direcção morta, fria, de photographia atrasada, de argumento antiquado e mal orientado, produzindo uma série de scenas que se não concatenam, que não fazem vibrar!!! Porque a continuidade de um film deve obedecer á um preceito unico: produzir um trabalho que, cinematographado, dê um film que nem requeira letreiros. Então será um trabalho perfeito. E é isto que eu desejo que esteja nos films que São Paulo está fazendo. Nem imaginam o meu enthusiasmo, a minha loucura, a minha suprema felicidade se isto se dér. Applaudir um film BRASILEIRO bom, é o que eu mais desejo. E ponho desde já, todo o meu enthusiasmo e prestimo ao dispôr de toda a iniciativa honesta.

ALDO E WANDA LINS NO "CRIME DA MALA" DA MUNDIAL - FILM

Outra cousa. Os argumentos. "Tiradentes". "Escrava Izaura". Um thema patriotico e um romance mais do que popular. Acceitaveis. A historia de Tiradentes sempre é bôa. Mas a gente fica com medo da barba... Escrava Isaura é um romance conhecidissimo. Haverá publico para applaudir tudo, si forem films bem feitos. Mas eu queria pôr, aqui, uma suggestão toda minha. Naturalmente para as producções do futuro.

Vocês deixem esses argumentos antiquados. Não é preciso ir buscar Tiradentes para fazer vibrar o sangue do patriota. Um veterano da Guerra do Paraguay, vendo a bandeira do Brasil e perfilando-se, commovido, basta! Já temos o espirito patriotico! E isto póde ser encaixado num argumento moderno, bonito, interessante. Argumentos?? Ora, ouçam outra maxima de quem vem acompanhando Cinema de longe: desistam de pensar que os argumentos bons são os que se tiram de romances, peças theatraes, etc. Desistam! Um rapaz é casado. Tem um amigo que tambem é casado. Apaixonam-se, reciprocamente, ás escondidas, um pela mulher do outro. Vem o desenrolar do argumento até á situação principal, climax, que é quando os dois sabem da verdade e voltam ás direitas, com a lição de moral sã, finalmente. Duas phrases e já se tem um thema. Agora dá-se isso ao continuador e elle labora a historia. Mil cousinhas. Detalhes. Sophismas delicados. Elemento amoroso bem cuidado. Situação principal em cada sequencia. Tudo bem feito. Moderno! E, prompto, já se terá um trabalho que correrá o paiz todo com successo indiscutivel e com lucros garantidos. Viu-se, muito bem, que "O Guarany", um film technicamente mal feito, deu lucros indiscutiveis e innegaveis á Paramount, que o distribuiu. Isto não póde, absolutamente, soffrer duvida!

Mas eu chego a temer de dar alguma suggestão. Sim, porque ha gente que não crê que eu esteja falando com sinceridade. Pensam que isto tudo é forjado, irreal... Mas não importa. As bôas idéas expellem-se. Assim como pódem ficar estéreis pódem fructificar e si isso se dér, é um conforto para a gente, que tanto ambiciona, que tanto sonha com esse ideal bonito, deslumbrante, que é o CINEMA BRASILEIRO!

E são estas as minhas idéas. Si servirem, bem. Si não servirem, paciencia. A minha intenção é uma só: TUDO PELO BEM DA FILMAGEM BRASILEIRA! E não, posso deixar de daqui felicitar os rapazes que estão lutando por esse ideal, porque, realmente, estão trabalhando com capricho, (segundo consegui deduzir dos stills dos sets de Nicolino Barra) e outros, tambem, com intenções bastante honestas. Merecem parabens. Aqui os têm.

*

O CRIME DA MALA (Mundial Film) — Com Pedro Lima assisti este film em exhibição especial. Não que o film seja colosso ou formidavel. Não. Mas, comparado com o trabalho da Iris é acceitavel. O que torno a censurar, é a idéa. Podiam tel-a abolido. Mas si a Mundial tivesse deixado sómente o outro titulo: "Tragedia Silenciosa" e tivesse tirado aquelle climax, substituindo-o por outro, teriamos um film que talvez pudesse ser visto. Começa que direcção e a photographia são melhores. Quando Aldo Lins, então, vae estrangular Wanda Lins, ha um shot muito bom e que revela mais a intelligencia do operador e a sua capacidade em emprehendimentos de maior folego. E', mesmo, como film feito em 6 dias, bem passavel. Tem cousas bôas. Os apanhados iniciaes são bons. Tem já um leve cheiro de continuidade. A direcção é bôa. Ainda quer tirar partido de caras contorçidas e mãos crispadas, para focalizar horror e odio. Mas isso ha de finalizar com o tempo. E quanto eu censuro a idéa de terem tocado neste crime, tanto eu vejo que teria que applaudir, si esse film fosse com outro objectivo.

Mas este film póde ser proveitosissimo. Por um motivo. Porque mostrará a Francisco Madrigrano, seu director, que si elle fez em 6 dias este trabalho, fará muito mais si tiver mezes de vagar para produzir "Escrava Isaura". Agora, outra cousa: deixe o Aldo Lins em paz. Elle de brasileiro só tem o nome. Neste film, estava bem, porque era mesmo de um typo estrangeiro que se precisava. Mas Madrigrano me disse que elle vae ser galã de Escrava Isaura... Wanda Lins deve continuar. Não é má artista. Falta-lhe um pouco mais de "it". Mas assim mesmo está bem. E o film não apresenta aspectos deprimentes. Não tem aquellas scenas pavorosas com a victima, semi-núa, na cama. E' um trabalho bem mais decente.

Não vejam o fim. Assim ensinarão os productores de films a produzir sómente cousa digna. Mas observem o que escrevo. E com os nomes citados, em producção decente, vão assistir. E' uma promessa valiosa. Tem technica bastante atrasada, ainda, mas é bem melhor do que o outro film congenere. A idéa foi horrivel. Mas póde servir de muita cousa para o productor: estimulal-o a produzir films de enredo, mas films com argumentos dignos e que mereçam o applauso incondicional de todos os brasileiros. Vamos, Madrigrano, você deixe essa mania de films scientificos ou morbidos. Faça Cinema de facto. Você vencerá! E nós aqui estamos para o ajudar em tudo que seja necessario! A' luta, mas com alma nova e com ideaes novos!

*

O Odeon continua dando dôres de cabeça. As cartas continuam chovendo ao "Perguntame Outra". E de lá para mim, com reticencias crueis... Mas eu confesso que estou agindo com criterio. Não tem razão o missivista que diz que aqui não ha quem zéle pelo interesse do publico. Eu zelarei. Mas é preciso que eu tenha a certeza para poder falar, gritar! Si eu fôr um dia ao Cinema, supponham, e vir o bilheteiro maltratar um espectador, eu não poderei já roncar páo no gerente "pela falta de criterio". O mesmo, si houver outro gerente que

diga que a "casa está repleta" quando ella está mesmo e o publico tem que retroceder... Mas a sorveteria do Odeon merece, de facto, alguns commentarios. Não estão agindo como deveriam agir. E muito me parece que isto não seja do conhecimento do Serrador, Homem intelligente, conhecedor profundo da nórma (sem allusão as reprises...) de como agradar ao publico, Serrador não póde deixar de reprovar o que se está dando. Ou, então, se fôr, de facto, medida necessaria, explical-a claramente, pelos jornaes, ao publico ou, ao menos, nos programmas que distribuem.

O pessoal da sala Azul, si quizér ingressar para a sorveteria, tem que esperar até 11 e tanto, o final da segunda sessão da Vermelha. Isso é um absurdo! Allegam, do Cinema, que é necessaria tal medida, porque existem muitas passagens da sorveteria para a sala Vermelha e que, assim muitos approveitam-se da entrada á sorveteria para ir assistir á sessão da Vermelha. Mas a solução parece-me facil: porque não deixam sómente o corredor central accessivel á sorveteria, com porteiro pela passagem da sala Vermelha, e fecham as outras portas de communicação com a dita sala? Impossivel? Se fôr impossivel é preciso expôr o motivo dessa impossibilidade. Sim, porque todos tem direito á sorveteria. A prova está que elles, nos vidrinhos horriveis, projectam bem claro na téla Azul: "sahindo daqui, passem pela sorveteria dancing, funcciona até 1 hora da manhã". No entanto, o pessoal sáe. Quer seguir o conselho. Mas precisa esperar. Só si é por causa de alguma fabrica de banquinhos que si vae installar ali e fazer grande negocio entre o pessoal que quer sentar para não si cansar, esperando...

Com o pessoal que vêm de fóra, nada tenho a vêr Defendo, sómente, os que frequentam as salas de films. Mas o facto é que não é justo ter uma sorveteria tão distincta, tão linda, só para uma sala. A outra tambem merece. E creio que Serrador dará satisfação completa á isto. Outra cousa que elle precisa explicar: porque os 4$000 e 5$000 de entradas perduram? Só si é para dar os 1$000 e 2$000 de excesso á alguma instituição de caridade, como esmola, porque lucro elle já tem, e bastante! com os 3$0000 que cobrava no inicio. E' a tal cousa: péga o Cinema? Vamos brincar de abusar?...

Agora, bem póde ser que tudo seja regimen de ordem interna. O publico póde estar na ignorancia de certos precetitos indispensaveis ao grande Odeon. Mas, si assim fôr, naturalmente esse mesmo publico é digno de uma satisfação cabal e absoluta. Aguardemos.

Caros leitores. Por um atraso de correspondencia eu estou ficando muito para trás com os films. Assim, vou resumir bastante as criticas e commentar tudo aqui. Lá vae. Esta secção de critica, que faço, ainda acaba como aquelles guias para os bons, máos e pessimos films, das revistas norte-americanas...

QUANDO UMA PEQUENA QUER... (The Carboard Lover) — M. G. M. — Producção de 1928.

Marion Davies é um colosso. Eu faço idéa que cousa horrivel isto em theatro, como o fez Jacques Deval. Mas o film é bem bom. Robert Z. Leonard está ficando um director magnifico. Tem "it" o seu megaphone. E Nils Asther, afinal, é um rapagão bem acceitavel, magnifico artista. Jetta Goudal trabalha. E Marion a imita colossalmente... Não percam. Vão rir com o De Segurola e os autographos...

VENCENDO O DESTINO (The Little Shepherd of Kingdom Come) — F. N. P. — Producção de 1928.

Richard Barthelmess, neste film, tentou reproduzir o seu successo de David, o Caçula. Mas não conseguiu. Aliás este film tem um thema bem fraquinho. E isto eu já notei ha annos, quando vi o mesmo film feito pelo Jack Pickford, Pauline Starke e Clara Hortch, nos papeis que Richard, Molly O'Day e Doris Dawson têm neste film. A! Santell, um bom director, perdeu o seu tempo. Vocês póde ser que se contentem só porque tem Richard. Mas eu bocejei e fiquei esperando a vez de vêr o pesinho da Molly O'Day...

Para os admiradores de Richard.

PRINCIPE FAZIL (Fazil) — Fox — Producção de 1927.

Howard Hawks é um director carnal. Os seus films são quasi para depois das 11. Mas este Fazil, que, afinal, agrada ás melindrozinhas e aos almofadinhas, empregando esta chapa velhissima é a cousa mais ridicula que Charles Farrell fez. Está sem geito. Parece que está trabalhando com medo de escorregar e levar um trambolhão... Greta Nissen vale dois milhões. Aquelle harem, com permissão do P. V., vale tres milhões... A auditorium deu magnifico effeito acompanhando o John T. Murray a cantar a Vizione Veneziana. Particularmente quando o gondoleiro cessa de cantar e o Titta Ruffo continua cantando...

SUZANA (Syncopating Sue) — F. N. P. — Producção de 1927 — Programma Serrador.

Corinne Griffith é do meu agrado. Ella ri na manga, masca chiclets, diz desaforos com a bocca torta. Tudo isto para o Lee Moran. Achei estupendo. E' uma comedia que poderia ser melhor. Mas agrada, afinal. Tom Moore, na scena em que beija Corinne, pelos effeitos da lei secca, está optimo. Mas como bateria que arranca palmas... Agora sou eu que rio na manga... Richard Wallace dirigiu commumente.

RUA DO PECCADO (The Street of Sin — Paramount — Producção de 1927.

Como já disse o P. V., Lubitsch, Von Sternberg e Mauritz Stiller tiveram o seu quinhão neste film. E como eu gosto de films assim fortes, violentos, brutaes, até, gostei deste. Depois achei o Jannings menos careteiro. Exclua-se, naturalmente, aquella scena no bar, quando elle arremessa aquelle objecto no espelho. Mas a expressão delle, encontado á parede do quarto de Fay Wray, é um colosso. Jannings tem "it". Baclanova, realmente, é uma actriz de méritos indiscutiveis. Fay Wray, está ficando dentro do meu coração... As scenas iniciaes do film, são, sordidas. Mas mostra o que é Benjamin Glazer escrevendo uma continuidade e o que é Cinema falado sem letreiros...

AMANDA YEILOPE E ANTONIO LORENTINO NO "CRIME DA MALA" DA IRIS - FILM.

CONFLAGRAÇÃO DO AMOR (Stark Love) — Paaramount — Producção de 1927.

Com os recursos que Karl Brown fez este film, realmente, a gente tem que admirar o seu trabalho. Mas se formos considerar aquelle pessoal pavoroso, só servindo a Helen Munday, a gente acaba, mesmo, de sentar e mandar, as mulheres procurarem um film melhor...

VENTO E AREIA (The Wind) — M. G. M. — Producção de 1927.

Lillian é um colosso. Tambem o é Victor Seastrom e Lars Hanson não fica atrás. Mas Frances Marion escreveu o scenario e vocês sabem que Frances Marion não deixa ninguem ser melhor do que ella. Logo... Um bom film. Mais do que isso. Um optimo film. Suave. Depois mais rude. Depois brutal. Depois violeto. Dpeois suave, de novo. Como todos os films de Lilian. Tem tragedia pura. A morte de Montagu Love e o baque do seu corpo no chão, mostrado por uma pilha de pratos... E o vento? E o vento? E a areia? Lillian está um assombro neste film. Quando enterra Montagu e o vento descobre?... Eu sei que vocês vão gostar. E' um pedaço da vida este film. Mas a gente poderia mandar a orchestra do Triangulo dar concertos naquella terra...

A ALMA DE UMA NAÇÃO (The Birth of a Nation) — Univresal — Producção de 1928.

Gostei deste film. E' humano e evita excessos de hokum. George Sidney tem um grande trabalho. Patsy Ruth Miller. Que pequena!

Josephine Dunn apparece. E tem gente que não acaba mais. Mas George, Albert Gran e Michael Visaroff são os melhores.

SENHORITA FUTILIDADE (The Little Snob) — Warners — (Programma Matarazzo) — Producção de 1928.

May Mac Avoy é boazinha. Comportada. Alec B. Francis, seu pae, tem um derby de madeira em Coney Isand. Robert Frazer é o rapaz melhor do mundo. Mas ella vae para um collegio de aristocratas. Lá encontra-se com a pereréca Virginia Lee Corbin e com a mal comportada Frances Lee. E fica peior do que ellas. Apaixona-se pelo caça-dotes John Miljean. E depois de terminado o curso, volta. Sahiu Mazie. Volta Marie... Mas depois, quando ella já se tinha envergonhado de seu pae e dos seus conhecidos todos e, afinal, voltado as bôas reagindo contra as offensas de Virginia contra seu pae, ella volta a ser a bôa menina de antes e tambem aos labios do Robert Frazer. O John Miljean apanha. Isto é novo? Ora, seu John G. Adolfi, vá vêr se estou ali na esquina... May: você ainda vae apparecer em muitos films assim? Se fôr, avise. Não quero ir vêr a sua infelicidade...

Emfim, podia ser peior. Eu não gostei. Mas se vocês estiverem de bom humor e gostarem muito de May Mac Avoy...

TORRENTE EM CHAMMAS (The Michigan Kid) — Universal — Producção de 1928.

Não gostei. Pensei que fosse interessante. Afinal as historias de Rex Beach, ás vezes... Mas só a villania do Lloyd Whitelock... Conrad Nagel e Renée Adorés amam-se, mais uma vez. Irwin Willat poderia ter dirigido cousa melhor. Mas é film para o povo. Tem motivos de successo de bilheteria. Torrente em chammas... Não perca assim uma cousa como incendio na caixa d'agua?

ARREPENDIMENTO (Man, Woman and Sin) — M. G. M. — Producção de 1928.

Este film é exquisito. Tem cousas bôas, dignas de Monta Bell. Mas tem trechos fracos, tambem. John Gilbert não sei se agradará. A mim, agradou. Achei-o optimo. Elle tem um trabalho admiravel. Principalmente naquella scena, no meio da redacção, quando elle quér

(Termina no fim do numero)

Um aperto de mãos a todos!

Aqui estou eu outra vez para continuar a conversasinha sobre essa historia tão importante para os verdadeiros "fans": o Cinema de amadores. Nem tudo quanto se liga ao assumpto póde e deve ser tratado com a extensão a que a questão da camara (o essencial, está visto) me obrigou. Talvez eu tivesse parecido um pouco cacetador nessas linhas em que pretendi mostrar a vocês todos qual a camara a que a gente se deve cingir de preferencia para poder obter alguns "shots" dignos de um amador de verdade; mas o facto é que a necessidade a isso me obrigou.

Mas agora chega a vez de conversar com vocês sobre o film, o film em si, está claro, porque a gente de casa, o pessoal que anda á nossa roda, esse não vae prestar muita attenção ao cuidado que se prestou ao trabalho, etc.

Tudo isso merece attenção, eu sei, mas afinal de contas todo amador deve ter o seu orgulhosinho do trabalho effectuado, pelo menos para uso proprio, e depois, olhem: William Shoemaker, que é o edictor da revista "Cine-Kodak News", publicada pela Eastman Kodak Co., diz que são sete os erros que todo amador póde commetter, isto é:

Exposição em demasia.

Pouca firmeza no acto de segurar a camara.

Falta de arte na composição do assumpto.

Falta de exposição.

Inclinação da camara para cima, para baixo ou pra os lados.

Um angulo de camara mal escolhido.

Lentes sujas...

Esses erros, eu sei, precisam ser evitados, mas tambem, si ninguem em casa, no circulo que não é absolutamente de amadores mas sim de curiosos, póde nem ao menos suspeitar da existencia desses mesmos erros, está claro que não irão prestar muita attenção a elles.

A questão toda reside no interesse que o film a ser exhibido irá despertar entre essa platéa intima de curiosos, de parentes, de amigos intimos, e de quatro ou seis amadores convictos no maximo.

Si o assumpto escolhido para ser filmado pelo amador foi um assumpto de familia, isto é, o garoto da irmã mais velha brincando com a mamadeira, o nosso cunhado mudando as fraldinhas do nosso sobrinho de quatro ou oito mezes, ahi o film fará indiscutivelmente successo, mesmo que o amador incinda em algum dos sete erros apontados; mas o successo se restringirá apenas ao circulo da nossa familia e dos nossos amigos mais chegados. Porque o resto ficará bem impressionado, poderá ser, mas nunca será levado por um interesse mais cinematico.

Para se dar isso, é preciso que o assumpto filmado, ou antes, produzido por vocês, minha gente, seja um assumpto de enredo, um assumpto que prenda a attenção. Para isso, a primeira coisa a se fazer é escolher uma historia. Depois, scenarisal-a, depois de submettel-a a umas tantas ou quantas modificações necessarias para quem quem quer ter a pretenção de fazer um pouquinho de Cinema. Depois escolher os typos, e assim por diante. Já vêm pois que vamos cahindo forçosamente na questão do scenario, e é por isso que eu quero entabolar com vocês ums palestrasinha a respeito.

Para se escolher uma historia, um conto ou uma novella de preferencia, eu affirmo a vocês todos que se precisa de muita calma e de muito bom-senso. A novella precisa antes de mais nada estar de accôrdo com os typos de que a gente dispõe; não se deve adaptar o "artista" (A estrella neste nosso caso tem que ser a nossa amiguinha da esquina; o galã tem que ser o estudante de humanidades dali de defronte; e o villão póde ser o sujeito mais pirata que a gente conhecer. E' comico, não ha duvida, mas tambem é assim que se começa...) que nós convidámos para tomar parte na nossa "super" ao typo da historia escolhida, mas sim adaptar o typo dessa historia ao do "artista" que vae trabalhar.

Quantas vezes, digam lá, não se têm visto producções e producções estragadas só porque

# O Desenvolvimento do Cinema de Amadores no nosso PAIZ

## A Questão de Scenario

o nosso artista preferido está "deslocado" ou só porque o "papel não foi para elle"? Isso já é tão sabido que nem vale a pena que eu me preoccupe com o assumpto. Para que, si todos vocês já comprehenderam o alcance do ponto que eu quero attingir? Vamos portanto voltar ao outro assumpto, isto é, como escolher uma novella de accôrdo.

Essa novella tem que ter acção. E' esse o primordial. Sem acção, sem uma suspensão que attraia, sem um climax forte, não se poderá obter um assumpto digno.

Eu, para dizer a verdade, conheço pouco a nossa litteratura; creio que vocês mesmo, guiando-se pelo que eu suggiro, poderão, melhor do que eu proprio, imaginar uma historia adequada. Entre os autores, cujas obras passaram para a téla, e cujos romances e novellas eu tenho nas minhas estantes, posso citar: Mary Johnston, autora de "To Have and To Hold" ("Entre o Amor e a Espada"); Cynthia Stockley, autora de "Poppy" (Papoula Viçosa"); Vicente Blasco Ibañez, autor de "Entre Naranjos" ("Torrent" ou "Laranjaes em Flôr"), "Los Cuatro Jinetes del Apocalipsis", "Mare Nostrum" e "Sangre y Arena"; Sir Arthur Conan Doyle, autor de "Sherlock Holmes" e "The Lost World" ("O Mundo Perdido"); Hall Caine, utor de "The Christian" ("O Apostolo) que a Goldwyn apresentou aqui no Rio em 1920 com Richard Dix no papel principal, e de "The Prodigal Son" ("O Filho Prodigo"); Gaston Leroux, autor de "Le Mystére de la Chambre Jaune" ("O Mysterio do Quarto Amarello") que nós vimos no Cinema Parisiense no anno de 1922, e muitos outros cujos nomes não me occorrem agora.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Mas para vocês vêrem como é difficil a gente escolher uma historia, uma novella curta que possa attrahir completamente a attenção do espectador, basta um exemplo. Esse exemplo eu vou dar a vocês em fórma de uma historia um pouco tetrica mais bem interessante. Queiram vocês escutar:

"Um homem retrahido, apreciador da solidão do seu Mermaide Club, um typo talvez um pouco exquisito porque não falava com os outros membros do seu club, chega certa noite ao mesmo, para lá passar uma noite; bate a porta.

— Quem é? pergunta o porteiro.

— Sou eu, Clayton; preciso sahir amanhã mais cedo e por isso resolvi passar a noite aqui.

O porteiro attende e leva-o para uma das accommodações que sempre se encontram nesses clubs inglezes. Clayton sóbe ás escadas, depois de ter tomado o seu whiskey e fumado o seu charuto e procura deitar-se; mas, não sabe porque, não sente somno.

Como é natural, senta-se no mapple e procura distrahir-se lendo um livro; mas subito sente a falta de quelquer coisa. Levanta-se para ir ao banheiro apanhar o copo de lavar os dentes, que tinha deixado lá; abre a porta que dá para o corredor e quasi cáe em cima de um vulto transparente, exhitante, sem consistencia definida, que elle vê perfeitamente. Clayton se acha compenetrado em um segundo de que tem em sua frente... um phantasma.

— O senhor é membro do club? indaga.

E depois, lembrando-se que se trata de um phantasma:

— Porque está o senhor aqui?

Neste ponto o phantasma resolve contar a sua historia; e, levado por Clayton para o seu quarto, lá o phantasma se explica. Fôra induzido a vir até o club por causa de ter sido o edificio do club o theatro de uma phase de sua vida; mas tinha sido transportado do mundo dos fantasmas para o mundo humano por meio de passes; e agora, não se recordando exactamente de como eram feitos esses passes, estava numa situação terrivel, sem poder voltar para o seu logar.

Clayton, procurando desvencilhar-se delle, ordena:

— Experimente, então!

O fantasma experimenta e sendo bem succedido, desapparece...

Passa-se a noite.

Pela manhã, chegando outros membros do club, Clayton, ainda emocionado, conta-lhes a sua historia; como é natural, todos recebem-n'a com incredulidade. E então, levado pelo desejo de mostrar aos seus confrades e amigos que não estava mentindo, Clayton procura reproduzir deante dos seus ouvintes os os passos realizados pelo fantasma.

A' proporção que vae realizando esses passes exprimindo uma attenção na physionotoda pallida sobrenatural, fóra do commum; a tensão de espirito é tremenda: os ouvintes, curvando-se para a frente, vão seguindo a série de passes exprimindo uma attenção na physionomia que é a de um terror progressivo; o circulo vae se apertando em torno de Clayton; os ouvintes dão-se as mãos. E então...

No mesmo momento, em que Clayton termina os passes, saccudindo os braços para a frente em um espasmo typico, seja por causa dos encantamentos, seja por causa de uma apoplexia fulminante, elle muda de expressão, torna-se rigido, cambaleia, e cahe deante dos seus ouvintes... morto".

Esta historia que vocês acabam de ouvir é a "Historia do Fantasma Inexperiente" da autoria de Henry G. Wells; não ha duvida, isso é indiscutivel, que a historia tem muito interesse. O "climax" é de uma contextura realmente attrahente. Quem não se sente attrahido por uma historia dessas em que um homem, pretendendo provar uma coisa tomada pelos seus ouvintes como um conto de fadas, cáe deante delles realmente... morto?

Mas... e aqui chega o ponto em que eu quero tocar: onde está o elemento amoroso? Onde está temperc indispensavel em todo film cinematographico? E' preciso introduzil-o, forçosamente; e, dahi, a questão do tratamento artistico, para depois então se entrar no scenario.

Aliás eu tomei essa historia do "Fantasma Inexperiente" apenas como exemplo, porque está visto

(Termina no fim do numero)

GEORGE K. ARTHUR TAMBEM E' AMADOR DE CINEMA

LIA TORÁ...

# A LEGIÃO

(THE FOREIGH LEGION)

Richard Farquhar ou
John Smith ..NORMAN KERRY
Coronel Dustinn, pae
de Richard . . . . . .LEWIS STONE
Sylvia . . . . . . . . . . ..MARY NOLAN

Antes de iniciarmos a nossa historia, convém explicarmos que a Legião Extrangeira a que nos reportamos é uma instituição militar franceza existente nas colonias desse paiz na Africa, em cujas fileiras podem alistar-se homens de qualquer nacionalidade.

Por esse motivo, os elementos que a compõem são muito heterogeneos e constam de membros da alta sociedade que por motivos varios, se viram forçados a abandonar a patria, como sejam: desgostos intimos, ruina financeira, reputação manchada, etc. Em outras palavras, aquelles que não tinham vocação pelo habito monastico sentavam praça nesta corporação. Além desta classe de pessoas, encontram-se representantes das demais classes sociaes, assim como os extrangeiros que, desejando a naturalisação franceza, fazem o o serviço militar nas colonias. Devem ter sido desgostos intimos que fizeram com que Jahn Farquhar, membro de destaque da sociedade londrina, abandonasse o brilhante circulo das suas relações e o bem estar de uma vida de abastado, para arrostar os perigos e inconvenientes da vida de soldado em terras inhospitas e de clima torrido. Como não pudesse levar o filhinho Richard, por estar em mui tenra idade, deixou-o entregue aos cuidados de um amigo sincero com a recommendação de que quando crescesse não lhe desvendasse o rumo seguido pelo pae.

A unica recordação que levava do filho era uma photographia, ficando outra em poder do amigo.

Homem de uma energia a toda prova, brioso e cumpridor dos seus deveres, Farquhar, que sentára praça na Legião Extrangeira sob o nome de Dustinn, não tardou em obter as insignias de official e, na época em que se desenrolam grande parte dos acontecimentos que vamos nar-

# EXTRANGEIRA

FILM DA UNIVERSAL

Gabrielle . . . . . . . .JUNE MARLOWE
Capitão Arnaud . .CRAWFORD KENT

Direcção de EDWARD SLOMAN

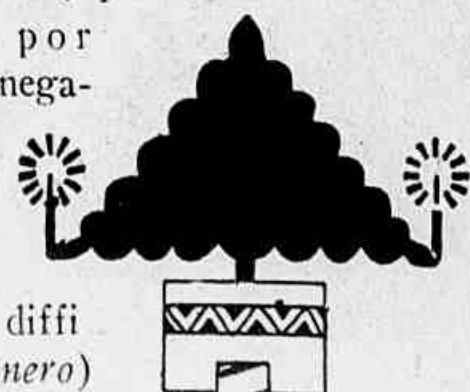
rar, era coronel commandante de um batalhão.

Por sua vez, o seu filho Richard, que herdára as qualidades do seu progenitor, já era homem e tornára-se um brilhante e garboso official do exercito britannico.

Não podendo fugir á regra geral da humanidade, apaixonou-se. A sua namorada chamava-se Sylvia e jurára-lhe fidelidade eterna quando Richard recebera ordem de partir para cumprir uma missão que levaria cerca de tres annos, promettendo esperar a sua volta para ser sua esposa. Ai, da inconstancia das promessas femininas! Quando Richard regressou soube por Gabrielle, irmã de Sylvia, que ella se havia casado com um certo capitão Arnaud.

No decurso de uma festa em casa de um dos superiores de Richard, Sylvia encontrou-se com este no jardim e, estando a sós, confessou-lhe que fôra bastante castigada por ter sido perjura e que não era feliz com o esposo; que sentia ainda a sua paixão antiga e que nunca poderia dispen-

sar a sua protecção. No fim desta entrevista, quando Richard atravessava uma das salas vazias da casa, surprehendeu o marido de Sylvia a remexer os papeis de uma gaveta, que continha documentos de grande importancia estrategica, no intuito de apoderar-se dos mesmos. A sua subita apparição impediu que este crime se perpetrasse, pela tentativa do qual Richard verberou asperamente aquelle que o queria praticar. Nisto surgiu o dono da casa, que vendo os papeis esparsos sem comtudo ter ouvido a conversa, exigiu explicações. Richard não quiz denunciar o culpado, para que a deshonra não recahisse sobre a esposa deste, que elle ainda amava apaixonadamente e, por isso, num rasgo de abnegação rara e sublime, assumiu a responsabilidade do delicto, dizendo: "o capitão Arnaud está achando diffi

(*Term. no fim do numero*)

LORETTA
YOUNG

DORIS
DAWON

# O que se exhibe no Rio

## ODEON

UMA AVENTURA REAL — (Zelnich Film — Producção de 1927 — (Prog. Serrador).

Um film luxuoso, desenrolado em palacios e jardins, com as suas personagens mettidas em roupas caras, bonitas, cheias de bordados, de galões e de arminhos. Mas é só. Todo o seu "valor" pára ahi. A direcção não fez nada. A gente tem á impressão de estar assistindo a uma dessas operetas horiveis. E' o typo do film para ser falado...

Lya Mara não é feia. Entretanto, não tem personalidade. E depois, isso de salvar um film, mesmo quando nada presta, é só para as Dolores e as Claras... Lya Mara é a mais fraca das Lyas do Cinema. Ella nunca irá para os Estados Unidos... Harry Liedtke deve ser um dos membros de maior destaque da listinha do O. M. Dos outros nem é bom falar...

O final é horrivel. E' tal e qual um final de revista theatral. Muita gente, movimento, archotes, etc. Que lastima! E ainda ha quem ache os films americanos burrissimos...

Cotação: 4 pontos. — P. V.

## GLORIA

SUA ULTIMA AVENTURA DE AMÔR — (Ufa) — Producção de 1928 — (Prog. Urania).

Mais uma comedia allemã baseada na velha e exploradissima situação do casal que finge não ser casado.

Os mesmos equivocos, as mesmas situações de sempre. E tudo isto temperado com os elementos caracteristicos da comedia allemã — malicia e theatralidade. O mais resume-se no luxo das montagens, no gosto das "toilettes" e no belleza e elegancia de Vera Schmiterloew. A photographia é a mesma e magnifica photographia dos modernos films da Ufa. Nota-se a preoccupação, nos ultimos films da marca allemã, de fazer desapparecer a sombra dos interpretes nos interiores diurnos.

Gustav Froelich, o heroe de Véra, não é detestavel, mas é um digno companheiro de George Meeker, da Fox. E Carmen Boni? Custa-me a crêr que Genina a tenha considerado a maior descoberta do Cinema europeu! E' uma mulherzinha commum, vulgar, sem "it"!

Cotação: 5 pontos. — P. V.

## PATHE' - PALACE

A MULHER NÚA (La Femme Nue) — Nathan — Producção de 1928 — (Prog. Marc Ferrez).

Os francezes acham desnecessaria a profissão do scenarista. Desnecessaria e humilhante para o director. De accôrdo, em parte, quando se trata de um Von Stroheim ou King Vidor. Mas nunca, em hypothese nenhuma quando se tratar de uma nullidade como Leonce Perrett. Qualquer das meninas que preparam scenarios, nos Studios de Hollywood, faria de "La Femme Nue" uma adaptação pelo menos razoavel. Leonce Perrett fez da obra de Bataille um film cacete, ridiculo e imperfeitissmo. Elle errou em tudo. Desde a escolha dos typos até á direcção propriamente dita. Não soube imprimir o sopro da vida através dos recursos do Cinema. Falhou completamente.

Toda a extraordinaria belleza do livro desappareceu. O seu thema maravilhoso mal apparece no amontoado de scenas inuteis que é este film. O thema e as bellas situações que arma. Tudo Leonce arruinou. Nita Naldi está horrivel. Gorda, pesada, representando pessimamente, é tal qual uma "vampiro" de fita comica de ha vinte annos. Louise Lagrange, mal maquillada, é a unica que tem geito no elenco. Ivan Petrovitch anda para lá e para cá o film todo, sem saber o que fazer. André Nox, horrivel, detestavel!

O film só tem montagens e bôa photographia. O resto nada vale.

Leonce Perrett é o peor director do mundo. Não lhe faltaram recursos. Isto é, só para contrariar os que achavam que o Cinema americano só vencia pela abundancia de recursos.

Qual! Eu acho que a Europa precisa de uma Missão cinematica brasileira...

Cotação: 4 pontos. — P. V.

## LYRICO

A QUÉDA DA MONARCHIA AUSTRIACA — (Prog. Kauffman).

Antes de mais nada o titulo nada tem a vêr com o assumpto do film. E' uma historia de pequeno valor psychologico, que não encerra estudo de caracteres o mais superficial, nem analysa factos, cinematographicamente. E' apenas uma narrativa mal feita de acontecimentos que se deram com figuras da côrte de Vienna.

A censura liquidou muitas scenas. Talvez até tenha cortado o que de mais valioso existia no film. As scenas nocturnas da busca da policia de costumes, por exemplo, são bôas. Os typos não foram bem escolhidos. Alguns até estão na mais absoluta contradição com os papeis que interpretam. As montagens, umas são amplas e luxuosas, outras deficientes, mas nenhuma é photogenica. As figuras principaes são vividas por Robert Walberg, Anny Ondra, Diana Menetta, Anna Kalnia, Elfrielde Noeslin, Willy Faller, Fritz Ley e outros.

Karl Leiter dirigiu mediocremente.

Si vocês se interessam pela sorte das joias da corôa austriaca...

Cotação: 5 pontos. — P. V.

## CENTRAL

VENDO O CHINA (Chinatown Charlie) — First National — Producção de 1928 — (Prog. M. G. M.)

Mais uma comedia de Johnny Hines. Não é das melhores, mas diverte razoavelmente. Os "gags" não são dos melhores, e na sua maioria são conhecidos. E' uma mistura de melodrama, com bons lances de emoção, é comedia de "gags". Como vocês, sabem, os films de Johnny só podem agradar inteiramente aos seus "fans". Tudo nelles depende da personalidade sorridente e do bom humor de sua principal figura. Os que o não conhecem um pouco mais do que o simples conhecimento de um ou de dous films, só em casos excepcionaes poderão gostar de seus films. Aqui mais uma vez Johnny confirma isto tudo. E' elle o principal attractivo do film. Louise Lorraine, com aquelles seus olhos que já contemplaram a Guanabara, é a heroina. Harry Gribbon faz umas graças que feitas peo Eddie duplicariam de valor. Antigamente o Eddie é que era o irmão do Harry. Hoje é o contrario... Sojin, George Kuwa, Anna May Wong e toda a China tomam parte. Fred Kohler prega uns sustos...

Cotação: 5 pontos. — P. V.

## PARISIENSE

QUANDO A MULHER QUER (The Million Dollar Handicap) — Producers Distributing Corporation — Producção de 1926.

Mais uma corrida de cavallos que muda destinos, corrige defeitos e resolve difficuldades. O "plot" é dos mais velhos. E o film já tem os seus dous annos de idade... Mas a adaptação de F. Mc Grew Willis imprimiu interesse e um certo "suspense" no final, na corrida. E Scott Sidney soube variar e distribuir bem a comedia e o melodrama, de modo a compôr um todo agradavel e capaz de divertir os pouco exigentes.

E depois, caros leitores, Vera Reynolds é bem interessantesinha... A gente até desculpa a sua pouca habilidade como artista... O Edmund Burns não é dos mais sympathicos heroes. Em todo caso ainda não entrou para a famosa lista de O. M. Ralph Lewis é um "pae" photogenico... E o Tom Wilson é do outro mundo para fazer a gente rir. Ward Crane, Clarence Burton e Lon Poff apparecem.

Façam apostas na sequencia da corrida...

Cotação: 5 pontos. — P. V.

## RIALTO

O GALANTE CONQUISTADOR (A Certain Young Man) — M. G. M. — Producção de 1928 — (Prog. M. G. M.)

Este film foi produzido ha dous annos e só agora, ha poucos mezes, os seus productores tomaram coragem e resolveram exhibil-o: Francamente, eu já tenho visto films peores "released" sem tantas cerimonias. A versão da mesma historia já apresentada pela Paramount — "Um Gentilhomen de Paris" — era infinitamente superior. A Paramount fel-a para a figura e o temperamento de Menjou. E o resultado foi mais uma deliciosa e fina comedia do insuperavel elegante. Imaginem vocês agora o que poderia fazer a M. G. M. dando ao romantico e espiritual Ramon Novarro um material que só Menjou poderia dar fórma.

Felizmente Donna Bell e Hobart Henley comprehenderam a coisa a tempo e logo no principio do film Ramon fica sem monoculo, sem cartola e sem bigode.

Felizmente! Porque até então elle está visivelmente atrapalhado. A ponto de parecer ridiculo. E depois a reforma do scenarista e do director não ficou só ahi. Foi mais além. Depois de mudar habilmente o caracter do heroe, modificaram completamente o curso da historia. Transformaram-n'a até tornar-se adaptavel ao Ramon Novarro que todos conhecem.

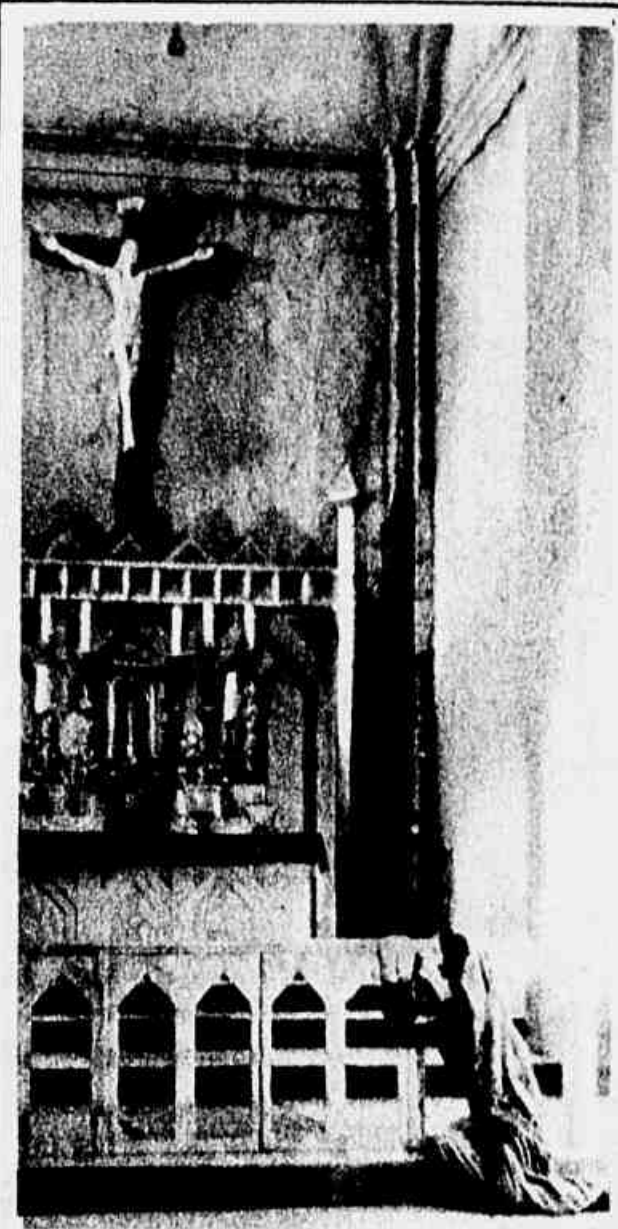
E tudo melhora. Ramon torna a ser Ramon. Ha romance e belleza em todas as sequencias. E Hobart Henley fica mais a vontade.

O film não tem dramaticidade. E' demasiadamente leve. Mas está bem tratado. Diverte plenamente.

Ramon como elegante "a la Menjou" é simplesmente detestavel. Quando tira o bigode e os outros enfeites, porém, principia a trabalhar como sempre. Marceline Day tem um desempenho muito sincero. Ella é sempre muito sincera... Carmel Myers é a sereia. Ella continua a tentar Ramon mesmo fóra de Antiochia... Renée Adorée tem um pequeno papel que não a recommenda absolutamente. Bert Roach faz um pouco de comedia, representando um papel sério. E Huntley Gordon é um pae mais elegante do que o elegante Lord que Ramon vive nas primeiras partes.

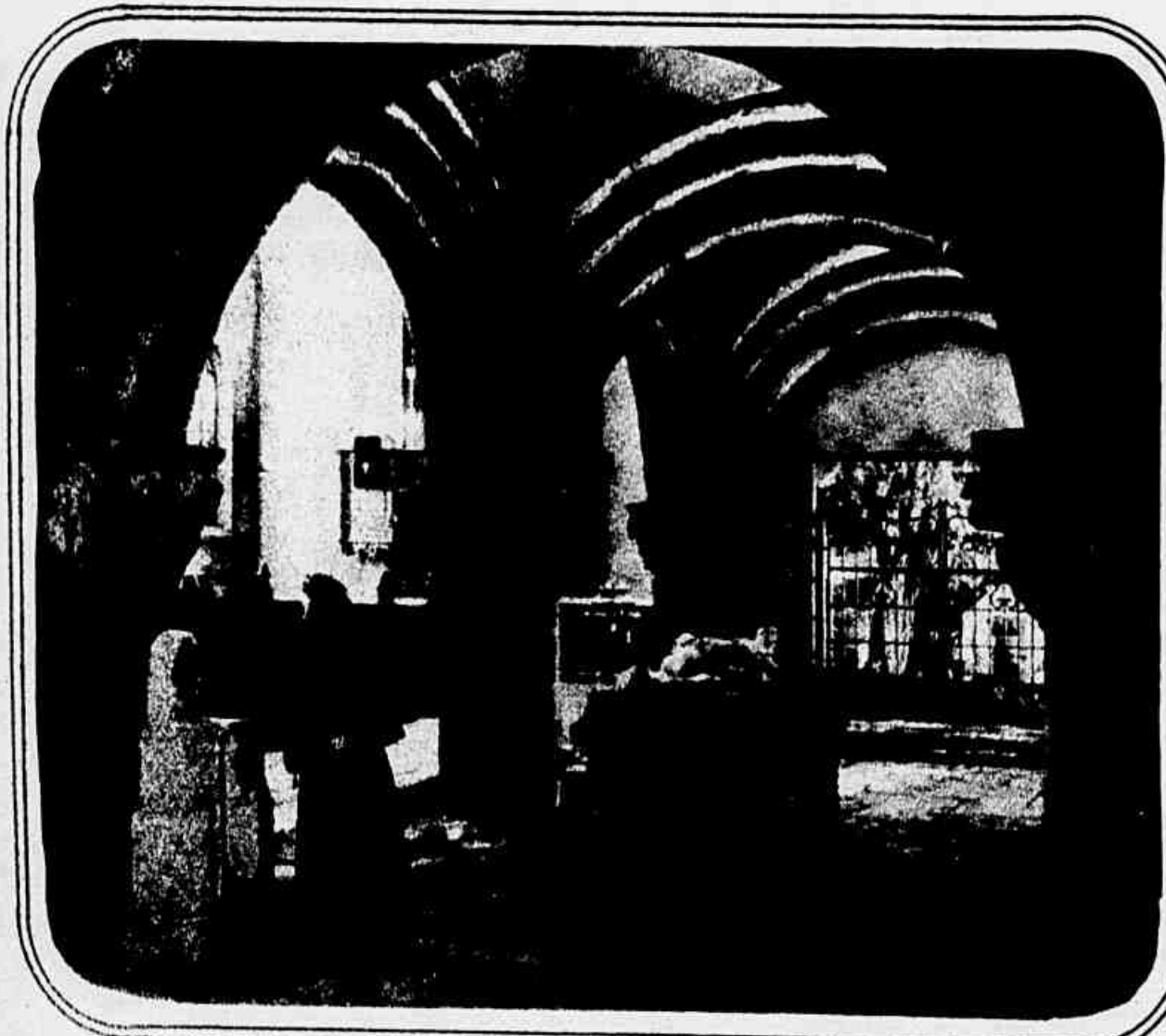
Podem vêr. Escrevam a M. G. M. pedindo melhores historias para Ramon Novarro.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

MARY PHILBIN

NORMA TALMADGE

MARY ASTOR

MARGARET MANN

VILMA BANKY

RAMON

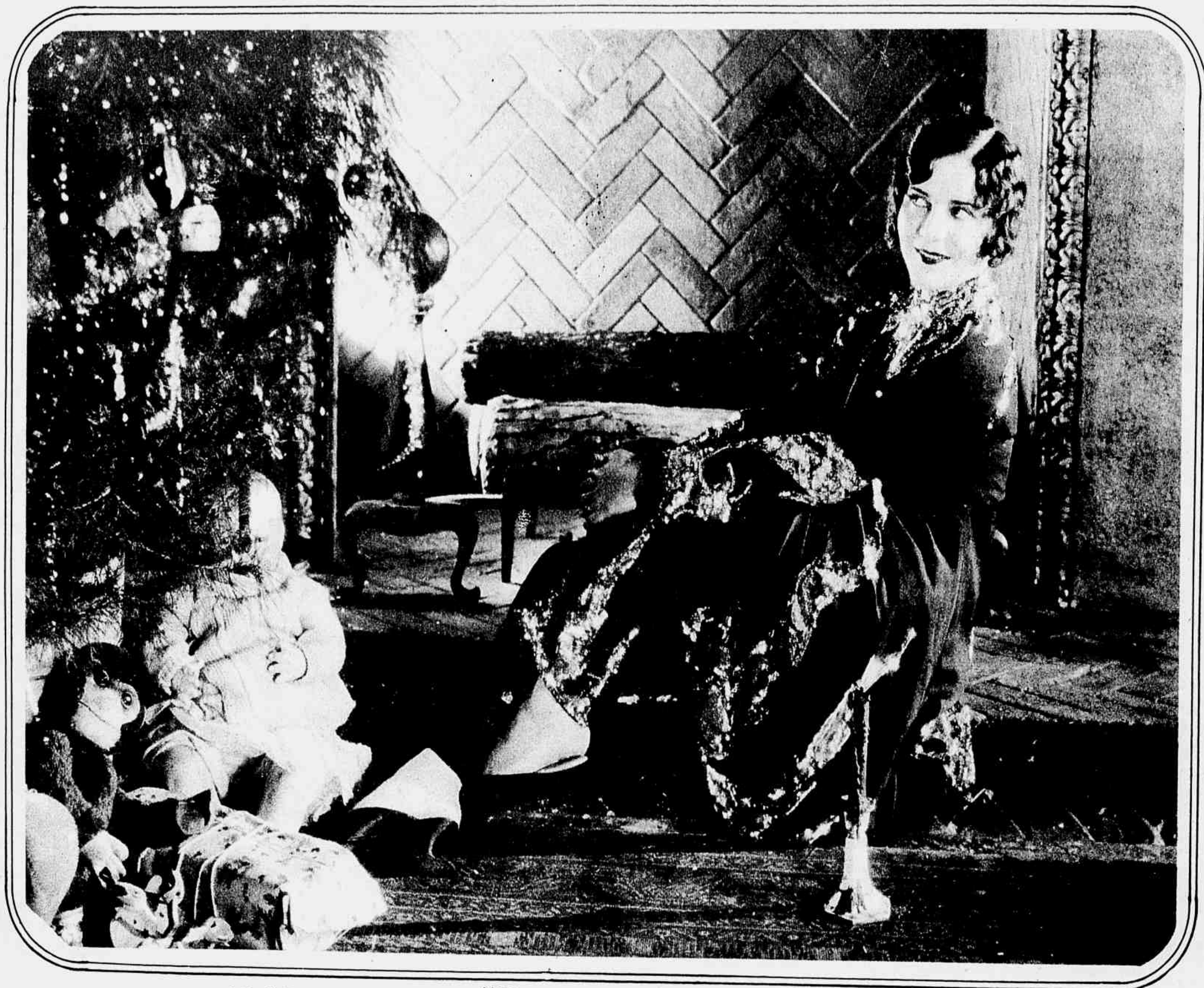
NA NOITE EM QUE NOSSO SENHOR ANDA NA TERRA...

RAMONA

BAZZ
BARTON
E
SALLY
BLAINE

ETHLYN
CLAIRE
E
TOM
MIX

L E N A
M A L E N A

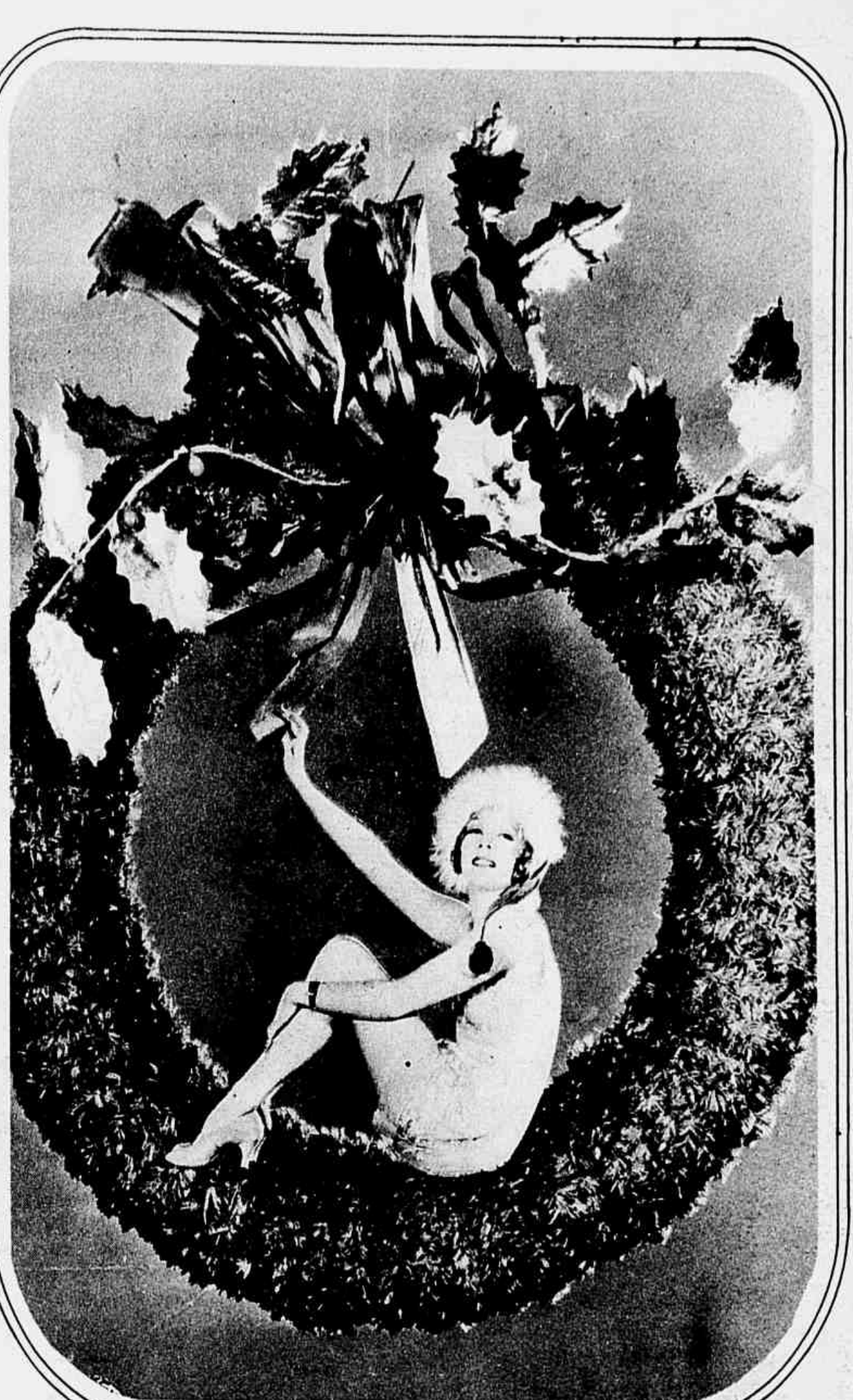
D O R O T H Y
J A N I S E
D O L O R E S
B R I N K M A N

# Natal em Hollywood

JOSEPHINE NORMAN

MARIE PREVOST

JEANETTE LOFF

GWEN LEE

# NATAL!

LORETTA YOUNG

VIRGINIA BROWN FAIRE

ALICE WHITE

# O Desenvolvimento do Cinema de Amadores no nosso PAIZ

## A Questão de Scenario

( F I M )

que ella não serve para os fins de um amador; ella exige o truc da dupla exposição, e isso não é qualquer um que póde fazer, e logo com uma camara de amadores.

Esse tratamento é a cousa mais seria que existe na scenarização. Si não se tomar muito cuidado com isso, ha de apparecer na historia umas discordancias, umas faltas de uniformidade, umas incoherencias que irão forçosamente derrubar toda a unidade do enredo. E depois... é preciso não introduzir typos extranhos em demasia.

Esse trabalho é a cousa mais seria que se possa imaginar. Para exemplo, basta recorrer aos conselhos de Dorothy Farnum. Quem não conhece Miss Farnum? Para aquelles que não se recordam dos films cujos scenarios Miss Farnum tem preparado, basta fazer notar "Laranjaes em Flôr". Miss Farnum, dirigindo-se aos amadores e suggerindo alguns conselhos de utilidade geral, assim se explica:

"Seja visual. Faça de modo com que, escrevendo o scenario para o seu film, nunca se afasta do facto de que, no Cinema, toda idéa, toda emoção, e todo pensamento têm que ser suggeridos ao observador por meios inteiramente visuaes. Experimente cada scena que acaba de escrever dizendo para si mesmo: Si fosse eu proprio que tivesse que desempenhar esta scena, mettido no papel deste ou daquille fulano, poderia eu comprehender o que deveria fazer. E por que?

E' preciso que a sua historia seja arranjada de modo que se desenvolva naturalmente á proporção que cada scena se fôr apresentando. O maior perigo é voltar atrás, suggerindo recordações, voltas a qualquer acção já descripta, retrocesso no tempo, etc.; tudo isso atrasa o movimento da historia e precisa ser eliminado. A continuidade de um film deve ir progredindo, de uma ponta á outra sem um unico retrocesso no tempo. No entanto, a duração, a variação de cada tempo relativo a cada scena deve estar de accôrdo com o thema de cada scena em separado. E' preciso que a historia não seja monotona.

E depois é preciso que haja unidade. Por unidade, não só se entenda a unidade no enredo, mas tamebem a unidade nos propositos, no thema, e o que este encerra. E' preciso que o film não saia muito pesado. Por exemplo, é um erro gastar muita metragem com sequencias sem importancia; cada scena fundamental deve ser tão breve quanto exija a pungencia da expressão a ser transmittida ao observador pelo interprete; e depois, cada detalhe deve estar directamente ligado á base, aos propositos da historia que se quer contar.

Uma historia, para ser bem succedida, precisa ter attracção em si mesma, e apresentar um interesse todo elle humano. Eu suggeriria que todos, profissionaes ou amadores, procurassem sempre os enredos e os themas os mais simples possiveis. Supponhamos que você é um enthusiasta do golf. Conhece todos os aspectos, graves ou humoristicos, do velho jogo. Eis um bello ponto, em roda do qual tecer o enredo para o film. Pense em uma historia de amor passada nos campos de golf, escreva o scenario, misturando-o com um pouco de humor e de exaltação, e prompto!

Mas, quando se dispuzer a filmar esse scenario, é preciso não se esquecer de que nem tudo o que um profissional póde produzir, um amador tambem o póde! D'ahi, tudo quanto se relacione com trucs e technica profissional deve ser evitado o mais possivel. E'preciso não se esquecer de que os operadores profissionaes tem sempre liberdade para todas os considera- sempre ás suas ordens.

E no entanto o amador não deve temer. Temer o que, si o amador tem sempre a liberdade de filmar novos assumptos, sem a preoccupação de saber si esse novo assumpto, filmado de um modo ou de outro, irá agradar ou não ao seu publico? O profissional está sempre preoccupado com o seu publico, porque é delle que o profissional depende. Mas o amador, esse não! O amador não póde fraquejar. O temor de uma scena não ter sido bem apanhada, isso é imperdoavel n'um amador. O amador tem sempre liberdade para todas as considerações de ordem artistica, sem se precisar incommodar com as de ordem commercial.

A contrario do que se possa pensar, isso é uma vantagem para o principiante na cinematographia de amadores..."

Eis ahi as palavras de Miss Farnum.

Será preciso ajuntar mais alguma cousa?

# De Fome á Fama

( F I M )

A offerta era valiosa e tentadora. Mas Jack não estava pelos autos. Quando dois namorados começam a brigar, não não ha nada que impeça a série de desavenças que se seguem. Mary encolheu os hombros com fingido desprezo e foi dar a resposta a Murray: sim, ella era livre de fazer o que quizesse, dansaria, sim, com elle! Jack enguliu as lagrimas de despeito e raiva que lhe brotavam dos olhos e tratou de esquecer aquella ingrata. Um contracto tambem, lhe appareceu, poucos dias depois; precisava, porém, elle, de uma companheira que o ajudasse nas suas curiosas magicas, nos seus "trucs" estupendos, e, assim, teve de arranjar uma nova "partner", interessante de cara e corpo, mas cuja inhabilidade ficou desde logo provada. Jack coçava a cabeça, desanimado. A rapariga estragava-lhe tudo, não tinha a gilidade nem a presteza de Mary e o numero já não alcançava o mesmo successo.

Mary, por sua vez, achava-se descontente com o seu novo "partner", que não se contentava com as scenas amorosas que representavam no palco, querendo tornal-as uma realidade, cá fóra... E, quando Madison, restabelecida, voltou do hospital, a moça, farta já daquelles aborrecimentos constantes, dirigiu-se a Murray:

— Olhe, Murray, eu vou-me embora. Você póde se queixar á vontade. Mas eu estou farta desta vida, de você, de tudo. Além disso, morro de saudades de Jack e tenho medo que elle me tenha esquecido...

Murray botou as mãos na cabeça:

— Não faça isso, rapariga! Pois então você vae me fazer uma coisa dessas? E o contracto que você assignou?

— Ora, Madison já está bôa e ella dansa melhor do que eu. Além de tudo eu estava apenas substituindo-a.

E não houve nada que a fizesse ficar.

Chegando á pensão, onde pensava encontrar Jack, informaram-lhe que elle se estava exhibindo numa cidade proxima. Mary não hesitou. Iria buscal-o á China, se preciso fosse. E, chegada á pequena cidade vizinha, seu primeiro cuidado foi procurar a "partner" de seu amado e metter-lhe medo, por uma destas maneiras em que as mulheres são tão ferteis quando amam. E mesmo quando não amam. E naquella noite, quando, sob os olhares ávidos de um publico immenso e curioso, Jack estendeu a sua varinha magica para o ponto do palco de onde deveria surgir a sua companheira, a figurinha que surgiu foi a da encantadora Mary, sorridente e tão linda, que arrancou enthusiasticos applausos da platéa. Jack pensava sonhar. Chegou a duvidar se seria mesmo um magico de verdade. Mas era bem a sua Mary que lhe sorria deliciosamente. Trazia o seu vestuario do costume, o mesmo penteado que usava em scena e o mesmo gesto sereno e encantador. Jack julgou enlouquecer. E, perdendo completamente a noção do logar em que se achava e das circumstancias, tomou-a entre seus braços, beijando-a doidamente. O theatro quasi veiu abaixo com os applausos que se fizeram ouvir. Aquillo era um numero interessante e novo! E que optimos artistas! Além de serem excellentes magicos, quanto f o g o, quanta juventude naquelle abraço tão bem ensaiado! O director do theatro exultava e esfregava as mãos de contente. As flores chegavam. Os jornaes gemiam. E o grande contracto, que elles tanto haviam esperado e para o qual tanto se haviam esforçado, veiu, afinal, á vista daquelle esplendido successo: quereriam elles r e p r e s e n t a r no Palace Theatre?

ESTHER RALSTON E O SEU CHAPEUZINHO DE NATAL...

Mas todo este magnifico exito chegava aos ouvidos dos dois felizes namorados como o barulho do mar longinquo, estirando-se na praia, chega aos ouvidos dos que se perdem, lá no alto, pelas montanhas... Poderiam casar-se, agora que um optimo e valioso contracto lhes abria as portas de New-York e da fama. Mas estavam demasiado felizes para poder pensar em gloria...

L. L. C.

(Especial para Cinearte)

# PAPAE SOLTEIRO

(FIM)

podia encontrar para marido um director?..." E assim corre o disse-que-disse, que na maioria dos casos é apenas producto da imaginação alerta, tão necessaria á arte de fazer Cinema.

Nessa altura, Claire Windsor deveria talvez ter-se precavido contra a insidia subtil dos commentarios. Ella sabia perfeitamente o que significa tornar-se uma pessoa assumpto das conversas em Hollywood.

Noventa por cento das suas desavenças com Bert Lytell foram obra dos mexericos maldosos que bons amigos sopravam nos ouvidos do seu marido ao regressar este de uma ausencia de cinco mezes.

Mas Claire habituara-se a gostar verdadeiramente de Buddys: um typo de mocidade sadia, immaculada e viçosa. Buddy não bebia, não fumava, nem tentára, jamais, leval-a a festas orgiacas. E Claire é uma das raparigas de Hollywood que sempre se sentiram intimidadas em taes "farras."

E Buddy gostava de Claire. Ella era a fonte dos seus conhecimentos sobre o Cinema, a sua inspiração para a realização do melhor. Além disso, elle repellia, como espirito viril, a idéa de abandonar uma amizade simplesmente por acharem os estranhos que assim devia elle proceder.

Mas esses conselheiros não faltaram, e ás centenas. Os jornaes, os magazines intromettiam-se com a sua vida; todo o mundo lhe dizia que elle arruinaria a sua carreira si se deixasse levar á frequencia demasiada de uma mulher.

A Claire, insinuavam os mexeriqueiros: "Minha querida, elle é tão creança! Por que razão, uma pessôa da sua posição iria perder tempo com um rapaz que mal inicia a sua carreira?"

Depois entrou em scena o pae de Buddy, affirmando os filhos da Candinha que elle viera a Hollywood para acabar com os amores do filho com Claire Windsor.

Isso podia ser ou não ser exacto, mas certamente o pae de Buddy, ao chegar de volta á sua casa, leu taes noticias.

Alguns dias antes do Anno Bom, Claire e Buddy se encontraram, trazendo cada um a sua lista de mexericos. "Não ouviu você dizerem isto?" "Disseram-me que se falava isso". Eram tantos os aborrecimentos, que ambos resolveram que talvez fosse melhor sacrificarem o seu amor no altar do mexerico. O reveillon do Anno Bom, no Mayfair, deveria ser a ultima noite da sua boa companhia.

No dia seguinte, Claire deixava Hollywood. Appareceu-lhe em casa um rapaz, perguntando-lhe pelo endereço de Buddy. Ella disse onde morava Buddy, e este, pouco depois, era informado dos apprestos de partida de Claire. Buddy não perdeu tempo e alcan-

*Uma vez um perú chegou a Gwen Lee, piscou-lhe o olho e elle cahiu morto. Então, Aileen Pringle foi preparal-o, mas Lew Cody acha que já está cheio de perús e que como o leão da M. G., elles não servem mais nem para palpite. E acabou-se a historia do perú que pagou o pato. Eu sou fatalista, mas acho que o perú e o porco são os unicos que morrem na vespera... na vespera de Natal...*

çou Claire no trem em Glendale, suburbio de Hollywood.

"Isso está tudo errado, Claire!" terá exclamado Buddy. Mas Claire continuou o seu caminho. Quando ella regressou, seis mezes mais tarde, eil-os de novo a serem vistos juntos em toda parte.

Uma outra noite, talvez seis mezes depois, nova decisão de fazer cessar os interminaveis boatos de que elles continuavam a ser victimas. Foi isso á porta da casa de Claire, dentro de um automovel que ali estacionava. Era já noite avançada, e a luz resplendia lá no alto.

"Está mesmo tudo acabado, Claire?"

"Sim, Buddy!"

"Temos sido tão bons camaradas; você fez tanto por mim, ensinou-me tanta coisa a respeito do Cinema..."

"E você, Buddy, quanto tem sido bom para mim!"

Guardaram silencio um momento. Quanta coisa lhes passava, por certo, no espirito naquelle instante! Quão gratas recordações das horas vividas juntas, dos doces momentos de intimidade affectuosa!

Mas Hollywood não comprehende que uma mulher de trinta annos possa dar o braço de esposa a um rapaz de vinte e quatro, e dahi a matilha furiosa dos mexericos e maledicencias que tres vezes seguidas estraçalhou os liames de uma amizade affectuosa.

Entretanto, é tão bom dar essas coisas por acabadas, para depois voltar...

# A Personalidade de Madge Bellamy

( F I M )

necem com romances adocicados. A sua estréa na Broadway fez-se aos quinze annos, na opereta "The Love Mill". O seu papel carecia de importancia. De resto a peça fracassou.

Ella usava então o seu verdadeiro nome: Margaret Philpott. Um anno mais tarde, uma rapariga de nome Madge Bellamy despertava boa somma de attenção com o seu trabalho em "Dear Brutus". Fôra Daniel Frohman que lhe dera o seu novo nome.

Em 1920, Geraldine Farrar, depois de deixar a antiga companhia Goldwyn, fez um film em New York. Madge trabalhou nesse film; foi a sua ida para a California, onde, depois de tres annos, ella se fazia artista da Fox.

Desde principio Madge começou a ter toda sorte de papeis, pois que elles a sabiam capaz de dar vida a qualquer papel. De ordinario ella interpretava papeis de menina boazinha, de cabellos em cachos sobre os hombros e olhar innocente. Aquelles que não a conheciam, suppunham que ella fosse realmente como a mostravam algumas das suas interpretações da téla. Varios criticos atacaram-na, dizendo que era realmente bonita, mas estupida. Mas quando chegou a hora de "Sandy" o nome de Bellamy flammejou por todo o paiz como uma chamma viva.

Ella vem de realizar novamente um grande trabalho, no papel de "Sally Quail" do film "Mother Knows Better". Esse trabalho será ainda mais apreciado do que "Sandy".

Informa Bellamy que a Fox não tinha nenhuma confiança no exito desse film, cuja historia fôra adquirida por Sheehan, e que este ultimo descansava inteiramente nella para ajudal-o a provar que a razão estava do seu lado e não com a Fox.

"Nessa historia ha muitos quadros reaes da vida de theatro, e o film deve interessar a muitas raparigas que tiveram sua vida arruinada por mães egoistas.

O direito de direcção despotica dos paes é é thema ali muito debatido".

"Creio, continúa ella, que muita gente vive erradamente a vida. A tradição nos impõe os seus dictames, porque nós assim o entendemos. Quanta gente não tem a sua existencia arruinada pelos costumes e circumstancias.

E' difficil libertar-se uma pessoa de taes injuncções.

Quando estive em Paris, ha dois annos, uma das coisas que mais me impressionaram foi uma esplendida representação do "Cyrano de Bergerac", de Rostand.

Chorei varias vezes no correr do espectaculo, mas especialmente no quarto acto, quando Cyrano evoca para os seus companheiros gascões como elle a imagem da terra commum á Gasconha, emquanto um velho soldado toca na sua flauta. Todos elles ficam commovidos e cheios de saudades do paiz natal.

(Termina no proximo numero)

# O Unico Amor de Charlie Chaplin

(FIM)

Os seus outros filhos amavam-na muito, mas Charlie era o preferido. O seu coração de mãe, por certo, adivinhava que este é o que havia sido maltratado pela Vida.

Nas suas ultimas horas de vida ella cahiu em estado de inconsciencia, e as enfermeiras não quizeram que Charlie a visse.

Chaplin tem verdadeiro horror á morte e acceitou o conselho das enfermeiras. Mas a cerca de uma milha do hospital, virou o automovel e voltou. Ao entrar no quarto da enferma, ella abriu os olhos, reconheceu o filho e estendeu o braço, agarrando-lhe a mão. Talvez que naquelle momento — quem sabe? — ella não viu deante de si o famoso comico que tem semeado o riso por toda a face da terra: não viu, talvez, o homem de cabellos grisalhos e rosto fatigado, mas o garoto maltrapilho, de cabellos pretos annelados, a lhe trazer orgulhoso a mão cheia de pennies que ganhára dansando a giga e fazendo graças para o publico rir.

# Cinema Brasileiro

( F I M )

afinal fazer films. Este é o primeiro. Foi começado por José Pedro, e não passava de uma comediasinha em duas partes. Com a entrada de Remo Cesaroni foi todo modificado, e está sendo refilmado para cinco rolos. Assistimos no salão de projecção da S. Paulo Ideal Film varias scenas. Fez-nos lembrar aquellas primeiras comedias da Pathé... Lola Morena é heroina, [illegible] dada por Elisa Schumachea, Lola Streoff, [illegible] Safady, Severino Ventura e José Rodri[illegible] [illegible] bstituido pelo proprio Remo Cesaroni. O operador é Victor del Picchia, já se sabe...

Vamos aguardar outro film apresentado por Manoel Bosia, que passa a ser agora um dos productores paulistas...

Sómente no ultimo dia de nossa estadia em S. Paulo, foi que pudemos encontrar Francisco de Simone. Mesmo assim, todo enrolado em ataduras. Simone foi victima de um desastre de automovel na estrada Rio e S. Paulo, quando nos vinha surprehender com os primeiros photos de "O Triangulo da Morte" que tinha quasi terminado. Esteve no hospital quasi desenganado com varias costellas partidas, além de fortes contusões. Já está melhor agora, mas ainda não póde recomeçar o trabalho por enquanto. Além de director do film, Francisco de Simone é tambem o seu principal interprete. Irene [illegible] aquella interessante artista do "O [illegible]" [illegible] a estrella e Alberto Perle fecha o triangulo.

O trabalho de "camera" esteve entregue a Adolpho Haldi, passando depois, por motivos commerciaes, a ser feito por Antonio Medeiros um dos operadores que promettem em S. Paulo.

Temos esperança neste film, principalmente se Simone se recordar das restricções que fizemos ao seu primeiro trabalho da Victoria Film.

Outros films ainda estão sendo feitos, como "Tiradentes" da E. N. A. C. Film, "A Maior Força" da Netum, além de preparativos de filmagem da "Escrava Isaura" pela Kosmos, que será dirigido por Francisco Madrigrano e terá Antonio Medeiros como operador, e um film da Helios, ainda sem titulo, que marcará a volta de Menotti del Picchia ao Cinema. Sobre estes trabalhos falaremos mais demoradamente nos proximos numeros.

# Marinheiros em Terra

( F I M )

Ha verdadeira surpresa na sala. Os circumstantes olham-se com espanto. E o juiz, mudando de opinião, toma a palavra:

— Em logar de você merecer protecção das autoridades, diz elle a Clarisse, estes rapazes é que deviam ser avisados para que se previnam contra mulheres do seu calibre! Está encerrado

(Termina no fim do numero)

# A Legião Estrangeira

( F I M )

cil contar-lhe a verdade. Elle me surprehendeu saqueando a sua caixa de documentos". O dono da casa quiz conhecer os motivos que levaram Richard a praticar uma acção tão indigna e este, continuando a sua mentira generosa, accrescentou: "Eu estou muito endividado e esperava pagar tudo com o producto da venda dos documentos". Como julgasse que não houvesse outras testemunhas do facto, que aliás não chegara a consumar-se, o dono da casa pediu segredo ao capitão Arnaud e recommendou a Richard que pedisse a sua exoneração do exercito. O dono da casa, porém, se enganara. Houvera outra testemunha que vira e ouvira tudo. Era Gabrielle, irmã de Sylvia, que amava Richard occultamente. Para satisfazer o pedido do seu superior, que era o amigo a quem o pae de Richard o entregára, pediu a sua demissão e partiu para a Africa afim de alistar-se na Legião Estrangeira.

Sentou praça sob o n.° 4005 e com o nome de John Smith, justamente no batalhão commandado pelo coronel Dustinn. O destino caprichoso havia desta forma posto o pae e o filho em presença um do outro, sem que o soubessem. Antes de partir recebeu o seu retrato quando criança, sem comtudo ser informado do fim que o pae levára.

O coronel Dustinn organisara umas manobras, das quaes fazia parte uma marcha forçada de cincoenta kilometros através de um trecho do Sahara, marcha essa que elle se compromettera a realisar em vinte e quatro horas.

Sob a inclemencia de um sol abrazador, cujo esplendor cegava os homens, o coronel Dustinn, á frente do seu batalhão, pisava firme e alteroso aquellas areias candentes sem esmorecer um só instante e, para que as praças pudessem melhor resistir ás fadigas, mandara que entoassem hymnos patrioticos.

No fim de seis horas seguidas de uma marcha estafante, o sargento lembrou a conveniencia de permittir que os soldados descansossem, com que o coronel Dustinn concordou. No fim de dez minutos, porém, querendo completar a marcha no prazo marcado, o coronel ordenou que as tropas se puzessem de novo em marcha.

Quando o sargento objectou que o descanso não fôra sufficiente, o commandante das forças retrucou: "Emquanto os nossos homens não mostrarem resistencia igual á dos nossos inimigos, estaremos a mercê delles".

Dada a ordem de marcha, um dos homens não pudera erguer-se e John Smith se mostrara insubordinado por considerar o procedimento do coronel deshumano. O commandante, por isso, mandara que puzessem o mollengo em uma das carretas e que o soldado Smith se considerasse preso e continuasse a marcha sob escolta.

Findas as manobras com a entrada das tropas em Sidi-bel-Abes, onde estava o quartel general da Legião, ali esperavam o coronel, o capitão Arnaud com a esposa e a cunhada, que acabavam de chegar da Inglaterra. Feitas as apresentações, os recem-vindos viram Richard, estranhando não sómente que elle fosse soldado raso, como de estar sob escolta. A Gabrielle, que se approximara delle, pediu muito que não desvendasse quem era.

Corriam as cousas normalmente, quando um dia o coronel recebeu communicação que se déra um levante dos arabes ao norte. Era preciso encontrar um official de coragem, que quizesse commandar as tropas que teriam a missão extremamente perigosa de debellar esta revolta. A occasião parecia excellente a Sylvia para afastar o marido, que estorvava a sua conquista do coronel, por quem se sentia attrahida. Por isso, argumentando com o esposo, como só a astucia e a argucia de uma mulher apaixonada o sabe fazer, sobre as grandes honras a conquistar e o prestigio a adquirir com a acceitação dessa incumbencia, acabou por perguntar-lhe: "Não queres ir, querido?".

Tantas fez, que o capitão Arnaud, como aliás todos os maridos o teriam feito acabou cedendo aos desejos da esposa.

Antes de partir para essa empreza arriscada, a guarnição quiz homenagear o capitão Arnaud pela sua bravura, organisando para isso uma festa imponente e um grande baile em sua honra. No decorrer dos festejos Sylvia aproveitou um momento opportuno para ter uma entrevista com Richard, sendo esta presenciada pelo marido, que se achava occulto nas immediações. Depois de se terem separado, o capitão Arnaud approximou-se de Richard a quem interpellou nos

C H U C A   C H U C A . . .

seguintes termos: "Estou a suspeitar que estás procurando renovar as tuas attenções para com a minha mulher. Madame Arnaud gostou de ti em outros tempos e por minha vez devo-te um grande sacrificio, mas não estejas agora a contar com a gratidão de Sylvia e querer aproveitar-te della!"

Este discurso de tal maneira offendeu os brios de Richard que não se conteve e avançou para castigar o capitão como merecia. O alarido attrahiu a attenção do coronel e como, em presença deste, Richard se conservasse mudo, o capitão, para encobrir o verdadeiro motivo da rixa, não teve escrupulo em mentir, dizendo que fôra obrigado a reprehender o soldado por falta de respeito e que por isto havia soffrido uma aggressão da sua parte. Como Richard não repellisse a accusação, sempre no intuito de evitar que o escandalo recahisse sobre Sylvia e para manter o seu incognito, o coronel mandou recolhel-o á prisão solitaria.

Tantos soffrimentos moraes, tanta injustiça e tantos castigos immerecidos não podiam deixar de abalar o espirito e a saude do pobre Richard, que adoeceu tão gravemente que teve de ser trasferido da prisão para o hospital da corporação

A unica pessôa que se condoeu delle foi Gabrielle, que, ao saber da sua ida para o hospital, apresentou-se ali e, apesar de ser depois da hora regimental das visitas, tanto instou que obteve licença para vel-o. Ao approximar-se do leito onde jazia o seu amado, este delirava e o nome que constantemente pronunciava era o de Sylvia. Gabrielle, como verdadeiro anjo de bondade que era, para alliviar-lhe os soffrimentos, recorreu a uma mentira, dizendo que ella era Sylvia que ahi se encontrava porque o amava.

Conseguiu desta maneira que Richard melhorasse bastante. Emquanto isto se passava junto ao leito do pobre enfermo, Sylvia que nem delle nem do marido cogitava, consolava-se da ausencia do ultimo nos braços do coronel.

Apenas dois mezes eram decorridos, desde que Arnaud partira para combater os rebeldes, quando o coronel recebeu do General Munier, que tambem fazia parte daquella expedição, a noticia de que o capitão Arnaud e um pequeno contigente de forças tiveram a sua retirada cortada e que urgia, portanto, enviar-lhes soccorros. O portador desta noticia era Richard, que ao entrar na sala onde estava o coronel, notou um movimento suspeito e viu uns objectos de uso feminino que reconheceu. Por isto, interpellou o coronel da seguinte maneira: "Tenho razões para suspeitar que Madame Arnaud está escondida aqui. Preciso saber onde ella está!" O coronel não coube em si de espanto pelo arrojo do seu subordinado, mas desejando evitar o escandalo, respondeu: "Admiro a tua coragem, inglez, mas não admitto insolencias!

Podes retirar-te!" A isto, Richard redarguiu: "Isto não faz parte dos regulamentos militares, porque é um assumpto todo pessoal, coronel". Ouvindo isto, Sylvia sahiu do seu esconderijo para pedir ao coronel de procurar meios de assegurar o silencio de Richard.

Para satisfazer os desejos de Sylvia, este promptamente entregou-se á prisão, mas o coronel, comprehendendo que devia existir algum segredo entre os dois, mudou de assumpto, dizendo: "Neste momento precisamos de todos os homens disponiveis, mesmo que sejam insolentes. Apprompte-se para seguir immediatamente para o deserto!"

Depois da retirada de Rchard, Sylvia quiz dar uma satisfação ao coronel e por isso explicou: "Eu o conheci em Londres... embora muito pouco". Mas o coronel, que acabou conhecendo com que qualidade de mulher estava tratando disse-lhe: "Acredito que elle te conhecesse muito pouco, porque é evidente que confiou em ti".

Ao sahir da sala do coronel, um companheiro de armas avisou Richard que uma senhora estava lá fóra e que desejava falar-lhe. Como Richard fizesse menção de interrogar quem era, o soldado accrescentou: "E' a mesma que ia visital-o no hospital". Era Gabrielle que vinha trazer-lhe as despedidas de Sylvia. Em vista do que lhe havia dito o soldado, Richard indagou:

"Quem ia visitar-me no hospital quando eu delirava?" Gabrielle confessou-lhe então que fôra ella e que o enganava daquella maneira afim de alliviar-lhe a afflicção. "Então tudo aquillo era mentira?" disse Richard. "Não, Richard, o que eu disse nessa noite era a expressão da pura verdade, com excepção do nome", respondeu Gabrielle.

As tropas, com o coronel á testa, partiram para soccorrer o capitão Arnaud. Estavam em pleno deserto, quando soprou um terrivel siroco que soterrou sob as areias a maioria dos homens, que desta forma encontraram morte horrivel. Protegido por um dos carros, Richard conseguira manter a cabeça e parte do corpo fóra da areia, tendo ao seu lado o coronel Dustinn, que não fôra tão bem protegido e que teria perecido infallivelmente si logo depois de abrandado o vento medonho, Richard não o desenterrasse. Ao voltar a si, o coronel, que ainda tinha uma pequena provisão de agua, ia matar a sêde implacavel que o devorava, quando viu o olhar de supplica de Richard por um pouco do precioso liquido e deu-lhe de beber primeiro.

Depois que saciaram a sêde, o coronel, voltando-se para Richard, disse-lhe: "Pelo que vejo, inglez, tu me salvastes a vida". A que Richard respondeu: "Não sabia que era o senhor".

Os poucos sobreviventes desse desastre, pondo a culpa de todas as suas desditas sobre o coronel, amarraram-no e declararam: "Agora tocou a nossa vez. Acabemos com elle e atravessemos a fronteira! Para que perdermos tempo com elle? Precisamos alcançar a fronteira! Elle que fique apodrecendo aqui!" E, dirigindo-se para Richard, accrescentaram: "Queres tu ser o nosso chefe?" ao que elle respondeu: "Com muito pra-

(Termina no proximo numero)

As producções hespanholas "La Hermana San Sulpicio" e "La Condessa Maria", foram exhibidas em Buenos Aires com algum successo.

Frederico deán Sánchez, presidente da Unión Artistica Cinematográfica Española, pediu demissão do cargo que occupava, vindo a substituil-o Florián Rey.

Em 1º de Outubro foi aberta a sessão inaugural do 1º Congresso Hespanhol de Cinematographia, organisado pelo magazine cinematographico "La Pantalla", sob o patronato de S. M. El Rey Don Affonso XIII, realisado no Palacio de Crystal, do Retiro.

Todo o film brasileiro deve ser visto.



## Cinemas e Cinematographistas

Consta que o Sr. Benjamin Fineberg representante da Metro-Goldwyn-Mayer vae ser chamado aos Estados Unidos, partindo no "Utah" em companhia do presidente Hoover, para substituir Will Hays no posto de Presidente da Associação de Productores e Empresarios de Cinemas.

## DE SÃO PAULO

(FIM)

exhibir a casaca... Mas Jeanne Eagels é dessas da gente mandar plantar batatas. E' muito parecida com Irene Rich mas eu não achei que ella tenha requisito algum. E' loura que não vale um vintem. Foi ella que estragou o film. Mas o final, da scena em que John matta Marc Mac Dermott, para diante, é mal feito. E não é a photographia da vida. Mas John tem uma scena Com Gladys Brockwell, quando esta censura o viver de Jeanne Eagels... Só esta scena vale o film! Eu sou suspeito para falar de John Gilbert. Sou seu admirador incondicional. Neste film elle se mostra innocente. Faz a sua primeira farra. E muita gente achou que aquillo é absurdo. Agora eu pergunto: Greta Garbo, quando nasceu, já olhava daquelle geito e já beijava daquella maneira? Se não agrada, não desagrada, tambem. Eu acho que vocês devem ver o John Gilbert. Elle não usa bigode neste film. Mas eu gosto mais delle embigodado.

## MARINHEIROS EM TERRA

(FIM)

Estamos na hora do embarque dos marujos para bordo. Almiro, indignado com o escandalo armado por Clarisse e pelas declarações horrorosas que fizera, não lhe quer dizer adeus. Ella, porém, toda chorosa, chega-se para elle, explicando:

— Não comprehendes ainda, Almiro, que eu te amo? Não vês que só daquella fórma eu poderia salvar-te do perigo de ficares preso em terra e soffreres depois o castigo quando chegasses a bordo do teu navio!

E depois de ligeira pausa, de profunda troca de olhares:

— Já comprehendo, Clarisse... tu foste boa de mais... E beijam-se.

---

O ultimo escaler vae zarpar do cáes, conduzindo a ultima leva de marinheiros. Um marujo, a bordo do bote, vendo que Almiro não se pode separar de Clarisse, grita-lhe, fazendo troça:

— Vem dahi, Almirante! Esta sereia ainda te mette em perigo!...



Uma estrella de music-hall, Jane Aubert, estréa no Cinema no film "Possession", a nova producção de Leonce Perret, extrahida da obra de Henry Bataille. Francesca Bertini, a conhecida estrella do Cinema Italiano, está incluida no elenco deste film.

卍

O Cinema vae ter mais uma nova edição de "Romeu e Julieta", a celebre obra de Shakespeare. Marie Bell fará o papel de Julieta. Ha falta de detalhes sobre o assumpto. Isto é na Italia.

卍

Henry Roussell prosegue activamente nos ensaios de "Paris Girls", nos Studios da Cinéromans. A distribuição dos papeis será publicada brevemente, entretanto, desde já sabe-se que estão contractados: J. Marie-Laurent, De Castillo, Ramsay, Norman Selby e Valbret.

卍

Edward Laemmle vae dirigir "The Drake Murder Cose" para a Universal, já se sabe. O film é todo falado...

Greta Garbo diz que têm apenas 23 annos...

卍

"Una mujer española", a producção de Mario Roncoroni, antigo artista do Cinema italiano, vae ser em breve exhibida em Madrid. Carmen Viance é a protagonista.

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor-Chefe: Carlos Manhães — Director-Gerente: Antonio A. de Souza e Silva

**Assignaturas — Brasil: 1 anno, 25$000; 6 mezes, 13$000 — Estrangeiro: 1 anno, 60$000; 6 mezes, 35$000**

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. TODA A CORRESPONDENCIA, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Norte, 5402. Escriptorio: Norte: 5818. Annuncios: Norte, 6181. Officinas: Villa, 6247. Succursal em S. Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27, 8º andar. Salas 86 e 87.

## U M   L I V R O   U T I L   P A R A   V O C Ê S

*Meus netinhos:*

Vôvô hontem teve a felicidade de folhear um livro que é um verdadeiro thesouro para todos vocês. E que lindo livro, meus netinhos, que encanto no colorido de todas as suas paginas, na louvavel preoccupação de seus organisadores, que juntaram, num só volume, toda uma riqueza para as creanças. Vôvô leu as mais lindas historias, os mais bellos contos, os artigos mais interessantes, os versos mais queridos de vocês, no livrinho encantado que recebeu. E, além de todo esse vasto repertorio de cousas que muito contribuirão para o recreio e a cultura das creanças, o livro que Vôvô leu está cheio dos mais interessantes brinquedos de armar, sobresahindo uma estrada de ferro, com trens, estações, tunneis, tudo, emfim, que possa empolgar os meninos.

Esse livro, meus netinhos, é muito conhecido da infancia e todos os annos, na quadra feliz do Natal, costuma apparecer como se fosse um presente do céo para as creanças. E' o Almanach d'O TICO-TICO para 1929, precioso manual para as creanças, que podem e devem adquiril-o em meados de Dezembro, quando será posto á venda.

Essa util publicação annual já foi, por todos que se interessam pela infancia,

considerada utilissima, dado o caracter instructivo e moral de todos os seus desenhos e textos. Ainda agora, no maravilhoso exemplar organisado para o anno proximo, não se sabe o que mais admirar em tão precioso album, se a valiosa collectanea de bons e instructivos contos e artigos de sciencia, artes, literatura, ou se a fascinante parte dos brinquedos de armar, movimentados e interessantes, que irão constituir successo sem igual entre os petizes.

Vôvô, que se interessa pela boa leitura das creanças, recommenda a vocês não se esquecerem de adquirir o Almanach d'O TICO-TICO para 1929,

E' uma publicação tão util como necessaria a vocês.

*Vôvô*

A industria cinematographica na Hespanha está em desenvolvimento. Foi ha pouco fundada em Barcelona a "Sociedad Cinematografica Nacional di Espana", para a qual os "Banco Central" e "Banco Comercial de Barcelona", abriram um credito de 75 milhões de pesetas. Além da producção de films, a Sociedade construirá tambem luxuosas salas de projecção.

Arturo Gallea está terminando a filmagem das ultimas scenas de "La locandiera", adaptação para o Cinema de Luciano Doria, da celebre comedia de Carlo Goldoni. A direcção é de Telemaco Ruggeri e a interpretação de Germina degli Uberti.

O Com. Guazzoni, que ha pouco tempo apresentou o seu film "Myrian", está agora terminando "La Sperduta di Allah", tirado do romance do mesmo nome.

Tambem na Inglaterra, cumprindo a nova lei, os exhibidores são obrigados a exhibir 5% de producções inglezas.

Fritz Lang, o director de "Metropolis" já começou novo film da Ufa que se intititula "A pequena na lua".

# Acha-se á Venda

Neil Hamilton trabalha com Colleen Moore em "Why Be Good". O Cinema Americano está sem galans...

Maurice Stiller, o director de "Hotel Imperial" acaba de bater a bota em Stockolmo.